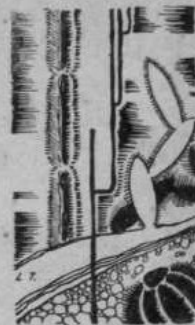




VARDIA



"São os do Norte que veem.."

FUNDAMENTOS CRISTÃOS da Democracia

Andrade Bezerra

1.—**DEMOCRACIA**, sob aspecto formal, toda gente entende o que seja: governo representativo, de eleição direta, com a participação da generalidade dos cidadãos (sufrágio universal); no qual a maioria governa, sob a efetiva fiscalização da minoria. Governo do povo pelo povo e para o povo, segundo a fórmula consagrada e que representa ideal ainda não atingido, — entendendo-se como povo, não esta ou aquela categoria privilegiada de indivíduos ou de classes, mas a totalidade dos componentes de todas as classes sociais.

Alguém já chegou a afirmar que o característico da democracia está menos em ser governo de maioria, do que participação efetiva das forças minoritárias no governo, tanto pela fiscalização (que é meio indispensável de colaboração) dos atos governamentais, como pela possibilidade de, a todo momento, tornar-se governo a minoria.

2.—E' inegável, de qualquer modo, que a democracia está na ordem do dia de todos os programas políticos e sistemas governamentais. Sua adoção é aconselhada pela Igreja. Vejam-se as insistentes advertências de Pio XII, que, ainda há poucos dias, em alocução dirigida à nobreza romana, declarava estarmos "na era de democracia" na qual as elites sociais têm graves e imperiosos deveres a cumprir. Ponto de vista já esposado no Manifesto de nosso Episcopado, de maio último, o mais impressionante e corajoso documento dirigido ao povo brasileiro, sobre a reestruturação política nacional.

Democráticos também se dizem todos os vigentes sistemas governamentais e políticos: desde os que ainda se prendem aos remanescentes ideológicos do liberalismo, aos que se inspiram em tendências socialistas, e até o próprio bolshevismo, dominante na Rússia.

3.—Casa sistema entende, porém, a seu modo, a democracia. O liberalismo, a considerar os diversos aspectos da autonomia individual, como último reduto dos regimes democráticos. O socialismo, a preconizar a intervenção, cada vez mais larga, do Es-

tado, em todos os setores da vida social, — como condição de proteção às massas, que, só por esse meio, poderão participar efetivamente da direção dos negócios e interesses coletivos. E o bolshevismo, a impôr modalidade *sui generis* de democracia, em que só o proletariado possa, como na Rússia, participar do governo, sujeitando às mais duras condições de vida as demais classes sociais.

4.—Parece, de-fato, difícil, senão impossível, conciliar a ditadura do proletariado (predomínio exclusivo e abusivo de uma classe), com a democracia, que, mesmo do ponto de vista formal, é participação de todos os cidadãos no governo, sem atenção às classes a que pertençam. Mas os corifeus do bolshevismo não se embarçam em tais dificuldades, exprimindo bem claro o próprio pensamento.

Stalin, interpretando, com a autoridade que ninguém lhe negará, os fundamentos do leninismo, escreve, reproduzindo um trecho do próprio Lenine: "A ditadura do proletariado não pode ser uma democracia "completa," uma democracia para todos, para pobres e ricos; a ditadura do proletariado "tem de ser um Estado democrático, de um modo novo, para os proletários e deserdados, em geral, e ditatorial, de um modo novo, contra a burguezia." Esse regime, chamado democrático, é exatamente o oposto da democracia, pois se baseia na ditadura de uma classe, aliás dominada, ela própria, por um partido, cujos dirigentes se tornam ditadores, sobre todas as classes sociais, inclusive as proletárias.

5.—Abstraindo do aspecto formal da democracia, para elevar-nos a seu conceito essencial, podemos defini-la, com **Toniolo**, nos seguintes termos: "Organização social, em que todas as forças, jurídicas e econômicas, na plenitude de seu desenvolvimento hierárquico, cooperam proporcionalmente para o bem comum, concorrendo, em última análise, para vantagem das classes sociais menos favorecidas da fortuna."

Nesse conceito, distinguem-se os elementos essenciais, dos elementos acidentais da democracia. A própria essência do regime democrático resulta de seu duplo fim: um fim genérico (bem comum) e um fim específico (benefício das classes pobres). Ambos esses fins se justificam nos princípios fundamentais da ordem social, derivada remotamente da autoridade de Deus e fundada mais no dever, do que no direito: dever de religião, dever de justiça e dever de caridade.

Nessa ordem social hierárquica, ensina **Toniolo**, assente na defesa e reciprocidade para ajuda, para realização do bem comum, **quem mais pode, mais deve; quem menos pode, mais recebe**. Essa, a essência da democracia.

6.—Sob seu aspecto real, a única forma de democracia que atinge plenamente os próprios fins, é a **democracia cristã**, que se distingue das pseudo-democracias, de tipo individualista, das de caráter socialista e das de base panteísta (sistema bolshevista, que eleva a sociedade à categoria



Lula Cardoso Aires — (ao fundo o "FREVO") Foto de Jonh M. Scott (V. artigo de Mauro Mota, na 6.ª página)

divina), pela sua **organicidade**, sendo **personalista** (pelo amparo e salvaguarda dos direitos essenciais e incompuscáveis do homem), **pluralista** (admitindo as classes sociais e considerando-as interdependentes, em sua cooperação para o bem comum) e **comunitária** (pela subordinação dos interesses individuais à realização do bem coletivo).

7.—Não tenho por objetivo, neste breve resumo, o detalhado exame dos característicos da democracia cristã. Desejo apenas acentuar que, em seus fundamentos, a democracia, a verdadeira democracia e não a deturpada por falsos ou incompletos sistemas, é de orientação cristã e encontra no cristianismo suas mais profundas raízes.

Ninguém pode negar que essa especial solicitude pelas classes pobres e desprotegidas, apenas prevista por um ou outro gênio solitário dos antigos tempos, só por influência do cristianismo, informou a consciência e a vida dos povos civilizados. Aperfeiçoando o hebraísmo, afirmou o cristianismo, nas idéias e nos fatos, "a igualdade moral de todos, a liberdade de todos, a fraternidade moral de todos." O que há de novo, de original, de singularíssimo, na contribuição do Evangelho, é a solicitude, o zelo, a preocupação incessante e absorvente com os humildes, com os fracos, com os pobres e com as multidões, que "tinham sede e fome de justiça."

8.—No Antigo Testamento, a rígida justiça, fundamento da ordem social, adota sanções mais severas, quando protege as multidões de necessitados. A opressão aos pobres e a sonegação do salário dos trabalhadores, são pecados que clamam aos céus. Nessa legislação teocrática baseia-se um completo sistema econômico, tendente

(Conclue na página 2)

*

SUMÁRIO

ARTIGOS de Andrade Bezerra, Gilberto Freyre, Maurillo Bruno, Hermilo Borta Filho, Mauro Mota, Luiz Delgado, Odilon Nestor, Adertal Jurema, Ferrnino Asfora e Algar Soriano.

REPORTAGENS de Jorge Abrantes.

POEMAS de Carlos Drummond de Andrade e Austro-Costa.

O INTELLECTUAL E O APÓS-GUERRA—Resposta de Vianá Moog.

DESENHOS de Portinari, Luiz Teixeira e Zulemo Pessoa.

CINEMATOGRAFIA: Luiz Felipe Vieira — BIBLIOGRAFIA: Adertal Jurema — PAG. FEMININA — Semiramis Reguera — MUSICA, TEATRO, RADIO — Valdeamar de Oliveira e Manuel H. de Moraes.



CEGUINHO — Série cerâmica — 1943 — Lula Cardoso Aires

FUNDAMENTOS CRISTÃOS da DEMOCRACIA

(Conclusão da 1.ª página)

a conter a avareza dos ricos e assegurar a existência dos pobres.

Nas colheitas anuais, os frutos caídos, os resíduos da sega, cabiam, por direito, aos pobres e aos viandantes. As instituições jurídicas do sábado, do setenato e do jubileu, "a trilogia econômica da Bíblia," tinham por objetivo "garantir, pelo repouso hebdomadário, a liberdade de espírito do trabalhador pobre; com o setenato, suspender, em cada período de sete anos, o cultivo das terras, para deixar aos pobres os produtos espontâneos, interromper os contratos de trabalho e remitir as dívidas, evitando a triplice servidão da miséria e da dependência pessoal dos que nada possu-

íam; e, finalmente, com o jubileu, determinando que, em cada período de cinquenta anos, voltassem as terras aos primitivos donos, assegurando a continuidade das famílias e dos patrimônios, especialmente dos pequenos, sacrificados pelos grandes e poderosos.

9.—A Lei Nova acrescenta a essa preocupação de defesa dos pobres e dos humildes, o cuidado de seu aperfeiçoamento moral. Remodela-se o antigo edifício, fundado apenas na justiça estrita, para substituir o egoísmo pela caridade, que é lei de amor. A proteção das multidões pobres e servilizados, sua defesa, sua elevação, sua honra, sua dignidade tornam-se, diz **Toniolo**,

objeto principal do pensamento, dos sentimentos e dos esforços. Desde então, essa doutrina, profundamente revolucionária, fundou, em sua essência, a democracia.

Angelo Ossorio, depois de citar inúmeras passagens do Evangelho, considera verdadeiros fundamentos da democracia cristã, nelas encontrando a base de todos os princípios, por que ainda hoje se bate a humanidade, em seus anseios de paz e felicidade: a teoria da liberdade humana; o predomínio do espírito sobre a matéria; a inutilidade da riqueza em si mesma; a exaltação do trabalho; a necessidade da subordinação à moral da conduta de todos; a incompatibilidade da ganância com a reta vida espiritual; a atração pelos fracos; a afirmação de que o homem não vive somente para satisfação de suas necessidades materiais, a imposição da justiça na retribuição do trabalho. "Aí está — conclui aquele escritor — todo o fundamento moral da vida, todo o cimento verdadeiro da economia social, todo o verdadeiro sentido do Direito e da Economia."

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346 — Sala 33 — 6.º andar

Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema
Gerente: Fernando Barros Lima

Número avulso Cr\$ 2,00
Número atrasado Cr\$ 4,00

Representante no Rio: Ascendino Leite

— Todos os livros enviados a esta revista serão registados independente de crítica assinada.
— Solicitamos permuta com as publicações congêneras.

para elevação material e moral das classes pobres e desprotegidas.

A redemocratização do mundo de hoje depende, em grande parte, de soluções técnicas de natureza econômica e jurídica. Estas soluções, estão, porém, previamente condicionadas a uma solução moral, no domínio das consciências, que só no cristianismo poderá encontrar. Os heróis e os santos serão os pioneiros dessa democracia do futuro. Porque hoje, como em todos os tempos, mostra-se verdadeira a previsão de Lacordaire: a democracia, ou será cristã, ou, de outro qualquer modo, não passará de uma vã palavra, que os fatos acabam por desmentir.

Ne próximo número:
A PROPOSITO DO CENTENARIO DE EÇA DE QUEIROZ
Pereira de Souza
INFLUENCIA DO THEATRO NA VIDA E NA OBRA DE EÇA
Waldemar de Oliveira

O professor que não reprovava...

(Continuação da página 26)

qualidade, e se o recebia com alegria e coração aberto, quase sempre deitado numa rede, rodeado de livros. E sempre oferecia um cigarzinho marca 17...

— Em sua casa — contou-nos também um dos seus alunos, dr. Luis Delgado, hoje catedrático de Direito Administrativo — foram buscá-lo, um dia, para saudar uns cadetes mexicanos que por aqui passavam, numa sessão solene de emergência. Gervásio não só compareceu e fez o discurso, como maravilhou os nossos visitantes com seus conhecimentos da história mexicana, tendo terminado a oração citando estrofes do hino daquela república norte-americana.

Uma troca de nomes

Quando promotor na capital, no governo Barbosa Lima, Gervásio Fioravanti, na sobrecarta de um ofício que enviou a quem administrador, cometeu um pequeno engano de nome, tão pequeno que espantam as suas consequências: José Alexandre, ao invés de Alexandre José. Devolvido o ofício ao remetente, este novamente o pôs noutra envelope, desta vez sem nome nem nada, mas apenas com este endereço: "Ao sr. governador do Estado". Foi demitido...

Outras "estudantadas"

O poeta Jaime D'Altavilla,

numa situação de apêto em banca de exame, substituiu as respostas do ponto por uma veros que começam assim:

Meu caro Gervásio, caro. Bem caro Gervásio meu. Tu tens um talento raro. Raro, raríssimo talento teu. Meu caro Gervásio, caro. Caro, bem caro Gervásio meu...

Nota da prova; distinção.

Tavares Buri conta: recordou-lhe um calouro. Na hora do exame, Gervásio gritou, para a devida identificação:

— O protegido de Buri, levante-se!

Contou também que, tendo caído um livro de um aluno, que estava se "desapertando" em prova, e apanhado o aluno de o levantar do chão, Gervásio disse ao bedel:

— Levanta aí o livro do rapaz, que o tempo está passando, e ele precisa terminar a prova.

O advogado Barros Lima atribui-lhe uma anedota que corre pelo país inteiro com personagens anônimos ou fictícios, lam pelos Quatro Cantos, certa noite de lua, Osvaldo Machado e um velho funcionário do júri, que tinha o apelido de Tonhê. Certa exaltação "espiritosa" os fazia discutir sobre se o astro que brilhava sobre suas cabeças era o sol ou a lua. Vinha Gervásio e, consultado, respondeu:

— Eu nada posso dizer, porque não moro por aqui...

Seria não acabar mais, quer reproduzir todos os ditos de Gervásio Fioravanti. Cada antigo aluno ou professor da Faculdade, ou pessoa de suas relações, sabe pelo menos um par delas. Por exemplo: cada aluno da turma do que escreve esta reportagem, ao ser por ele examinado no vestibular, ficou com uma dessas histórias... Ele perguntava a um: — Qual é seu ponto? O aluno: — Etruscos. Gervásio: — Bom, isto é uma gente muito antiga. Fale um pouquinho sobre a igreja católica. Esta foi com o Miguel Longman. Conosco foi assim: revelado o ponto, Gervásio disse impetuosamente pouco mais ou menos isto, após as primeiras palavras: — E de supor que você não sabe nada disso. Está dispensado.

Assim era Gervásio Fioravanti.



CRÉDITO E PROGRESSO

O crédito é um grande descortinador de rumos novos. A perfeita compreensão de suas finalidades, consequentemente a sua distribuição honesta e patriótica, visando sempre, acima do egoísmo individual, a necessidade coletiva — torna-o portanto um esteio do bem estar social, uma fonte inesgotável de benefícios para o futuro de um país.

A segura orientação seguida pelo BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO, S/A, nestes dez anos de sua nova e definitiva fase de progresso, — pode ser apreciada como uma identificação total com a vida econômica de Pernambuco, servindo com o mais vivo interesse ao desenvolvimento do nosso comércio, da nossa lavoura e das nossas indústrias.

Eclarecem-no as admiráveis cifras de seu movimento em traço sempre ascendencial, dentre as quais se destacam os Depósitos, numa afirmação de confiança e conceito que não se pode sub-estimar.

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

CAPITAL E RESERVAS : 20.073.442,30
AVENIDA RIO BRANCO, 155

RECIFE — PERNAMBUCO
ORG. NORTE BRASILEIRO

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

Sociedade de Seguros Mútuos Sobre a Vida

Com garantia subsidiária do Governo Federal em favor dos mutuários

Presidente: Dr. Franklin Sampaio

DISTRIBUIDOS MAIS CR\$ 290.000,00 DE PREMIOS EM DINHEIRO
RELAÇÃO DAS APÓLICES SORTEADAS EM DINHEIRO, EM VIDA DO SEGURADO
158.º SORTEIO 15 DE JANEIRO DE 1946

SORTEADAS COM DEZ MIL CRUZEIROS		
415.293	— Joaquim de Souza Dias	— Poços de Caldas — Minas
303.374	— Nelcindo Nelson de Andrade Hoffmann	— R. G. do Sul
299.487	— Astrogildo Hibeiro	— Goiás
283.462	— Antônio Cavalheiro	— Mar de Hespanha
298.486	— Ambrósio Moysés Eragui	— Manaus
505.793	— João Pereira Leite	— Poconé
296.668	— Victorino Pagani	— Colatina
300.600	— José dos Santos Rosa	— Uberaba
279.244	— José Bittencourt	— Araruama
423.161	— Carlos Ricardo Weber	— Rio Negrinho
428.478	— Alexandre Sandrini	— Tuiará
247.009/10	— Dr. Ataliba Lago	— Divinópolis
247.634	— Cezar Giannecchini	— Bambui
257.201	— Braz Cantisani	— João Pessoa
401.621	— ARLINDO VAREDA GOUVEIA	— PERNAMBUCO
212.984/5	— Arthur Easchbeier de Castro	— Recife Federal
227.955/6	— Dr. Juvenil da Rocha Vaz	— Recife Federal
236.403/4	— D. Maria Diniz Vieira	— Maria Pereira
427.405	— Mauricio Carlos Braga	— Quixadá
257.532	— Casemiro Fluzza Beneditos	— Fortaleza
502.213	— Arsenio Marcos de Souza Santos	— Bom Jesus
503.661	— Angelo Soares	— Rio Preto
422.657	— Alfredo Westin Júnior	— Presid. Bernardes
293.318	— Antônio Horschutz	— Piracicaba

SORTEADAS COM CINCO MIL CRUZEIROS:		
166.541	— Althvo Drumond Andrade	— Itabira
165.425	— José de Carvalho Soares	— Ferros
164.702	— João de Carvalho Góes	— Salvador
168.570	— Antônio de Freitas Baecelar	— Serriinha
150.271	— Manuel Ferreira da Silva	— S. Luiz
149.645	— Joaquim Teixeira Júnior	— Casias
426.475	— Manuel Benício Costa	— Simplicio Mendes
428.616	— João Rodrigues da Silva	— Simplicio Mendes
402.855	— Manuel Ferreira de Sousa	— Burti do Lopez
405.574	— José Pinheiro Neto	— Oeiras

- 1.º — O Sr. Ambrósio Moysés Eragui já foi sorteado em 15-7-932, com Cr\$ 5.000,00, pela apólice n.º 223.074.
- 2.º — O Sr. Juvenil da Rocha Vaz foi sorteado em 15-4-935, com Cr\$ 5.000,00, pela apólice n.º 227.957.
- 3.º — O Sr. Manuel Ferreira de Sousa foi sorteado em 15-7-942, com Cr\$ 5.000,00, pela apólice n.º 402.825.

Todo segurado pode tornar sorteável sua apólice, mediante uma contribuição médica adicional. Os sorteios realizam-se pontualmente quatro vezes por ano, nos dias 15 de janeiro, abril, julho e outubro, em a fiscalização do Ministério do Trabalho. A Equitativa, única Sociedade que emite apólices sorteáveis em dinheiro, já distribuiu em sorteios a importância de Cr\$ 34.473.000,00! O próximo sorteio realizar-se-á no dia 15 de abril de 1946.

SEDE SOCIAL: — Avenida Rio Branco n.º 125.
ESCRITÓRIO NO NORDESTE: — Rua da Palma, 152 - 3.º andar — Salas: - 32, 33, 34 e 35 — FONES: 6-4-6-4 — 6-9-1-3

POVO, PROVINCIA, ESTUDANTE e ARTE

POR
GILBERTO FREYRE

II

POR aquela sensibilidade ao que é popular e contra o que é opressão do popular explica-se a importância que teve o estudante brasileiro na preparação do movimento da independência do Brasil: não parece ter sido um isolado donquixote de vinte anos. Daí, também, o papel saliente que o estudante desempenhou no movimento da Abolição e depois na propagação da República e na Campanha Civilista.

Porque creio que essa sensibilidade ao que é popular e democrático se mantém no estudante brasileiro, sou dos que desejam vê-lo à frente de um movimento de confraternização com o povo que tenha por zona de encontro o interesse pelo estudo e pelo desenvolvimento das artes populares da província ou da região de cada um. Esse encontro se exprimindo de modo não apenas contemplativo porém ativo; não apenas teórico porém prático.

Pois o que venho lembrar de público neste instante é que a obra de valorização das artes populares e regionais em Pernambuco, no Nordeste, no Brasil, parta e seja mantida pelos estudantes, primeiro, como um meio de confraternização social em que nenhum dos dois elementos—estudante e gente do povo—se sinta contrafeito, mas inteiramente à vontade, desde que o interesse pelo assunto é comum e desde que a maneira de encará-lo e resolvê-lo seja a mais genuinamente democrática sem protetores do povo, de um lado, nem povo protegido por quasi doutores, do outro; segundo, como um meio de desopressão psicológica, de alívio econômico e de reabilitação social e cultural da gente mais pobre, vítima, entre nós, até ao ponto de passar fome e morrer assassinada, dos efeitos do aviltamento da moeda e da opressão e degradação do homem que a ditadora Vargas-Agramemnon-Müller, preocupada com graves problemas policiais e com suas abundantes relações internacionais com a Gestapo, não pôde ou não soube evitar para se manter "forte" ou simplesmente de pé.

Há pelos subúrbios do Recife, de Maceió, de Fortaleza e pelo interior das velhas províncias do Norte muita família pobre que sabe fazer renda e bico, espanador, vasilhame de barro, boneca de pano, cachimbo de madeira, rede, santo de cája, esteira, chapéu, sandália, bolsa, bordado, baliao, cesto, doces secos, cuja situação econômica e mais do que econômica, social, melhoraria grandemente, se encontrasse melhor colocação para os produtos de sua arte doméstica que a encontra atualmente. Porque não irem os estudantes fraternalmente ao encontro dessa gente, beneficiando-a na sua situação moral e material, hoje tão má, e, ao mesmo tempo, concorrendo para a valorização das artes populares e de província entre nós? Toda a venda de objetos de arte popular ou regional seria feita por estudantes, que para isso poderiam instalar-se não em nenhuma avenida nova ou rua central ou elegante, porém em alguma casa velha e barata de um dos nossos antigos pátios de igreja—o de São Pedro, o do Carmo, o do Terço, o de Santa Cruz—casa que, bem suprida e posta honestamente a serviço dos artistas populares e dos estudantes pobres, se tornaria com suas janelas mouriscas ou sua varanda de ferro ponto obrigado de visita de todos os turistas inteligentes: brasileiros de outros estados ou de outras regiões e estrangeiros. Digo inteligentes porque os produtos que eles encontrariam à venda seriam os genuinamente populares e não os feitos para agradar ou regalar o burguês ávido do pitoresco ou de bizarria plebéia.

Uma das tradições mais simpáticas do moderno socialismo britânico é o fato de que seus começos foram iluminados por um movimento de recuperação artística de que participaram homens como Ruskin e principalmente William Morris, empenhados em libertar as velhas artes do seu povo, do sacrifício da qualidade e da espontaneidade à produção de objetos artísticos antes "preciosos e decorativos", como notou Robert Moras Lovett, do que "genuíneos, populares, espontâneos". De recuperação artística necessitam também os brasileiros, é o socialismo que começa a levantar-se entre nós e preparar-se para organizar-se politicamente, estando já hoje articulado sob a dominação provisória de "Esquerda Democrática", está no dever de voltar-se para esse problema com toda a seriedade de que sejam capazes seus organizadores, entre os quais se

acham, como uma garantia da sua disposição para o trabalho de campo, e não apenas para o de gabinete, e do seu ânimo é gesto mais rasgado do povo, com a natureza, com a região, com a província, tantos estudantes e tantos artistas, artesãos, intelectuais, médicos, advogados e engenheiros jovens e quasi caducantes no entusiasmo, na livre simpatia humana, no desprezo por aquelas convenções burguesas em que se esterilizam entre nós quase todos os homens feitos, isolados dentro de uma só classe, de uma só profissão, de uma só raça ou de uma só geração ou de alguma

tolerado como um bruxo que prestigiado como um sábio. Em Pernambuco sabemos o que aconteceu sob o policiamento do "Estado Novo" com as danças religiosas e com os folguedos de origem africana dos quais tanto material ou sugestão de interesse artístico podia estar sendo retirado por especialistas. Nem ao menos serviram os ataques policiais aos xangôs do Recife para que se enriquecesse o material etnográfico, afro-brasileiro do Museu do Estado aqui fundado pelo velho Estácio Coimbra: a melhor e a maior parte do mesmo material dispersou-se, talvez — não o afirmo — vendido a colecionadores particulares, salvando-se feliz-

mentar, por meu intermédio, conhecer alguma coisa da arte popular da região. Entretanto, os xangôs, os clubes populares de carnaval, os maracatús, assim perseguidos, saqueados e escondidos da vista dos estrangeiros ilustres como coisas vergonhosas, eram e são fontes tradicionais de arte que sob um governo democrático e inteligente devem ser, umas francamente toleradas, sob o controle ou a vigilância discreta menos de policiais ignorantes do que de psiquiatras sociais esclarecidos, e outras, não apenas toleradas, como estimuladas, aproveitadas, desenvolvidas, ampliadas em dramas, danças dramáticas, representações teatrais, ballets, folguedos para crianças. Aliás, dos nossos folguedos populares de meninos, vários oferecem ao artista sugestões valiosas que se encontram também em lendas e histórias de mal-ausombreadas, para não falarmos aqui nas cavalhadas, nos combates entre cristãos e mouros, nos caboclinhos, nas festas do Divino, nos pastorais, na Nau Catarineta. Que me permitam uma uma nota mais pessoal, quase confidencial, nesta palestra: vou confiar-lhes o segredo de que neste momento começo, com a boa colaboração de Lúcia Cardoso Aires, a procurar dramatizar em arremedo de ballet a história do Cabeleirinho, o terrível bandido dos canaviais que, aliás, talvez tenha sido, como o Conselheiro, uma vítima principalmente das condições sociais do seu tempo, e não um monstro de natureza.

Logo que conseguirmos substituir no Brasil o chamado "Estado Forte" — que ainda está de pé com todos os seus assassínios de estudantes e de gente do povo em posições de mando e de prestígio — por um Estado menos pai — pois de tal espécie de pai estamos inteirados — que irmão dos brasileiros, deveremos cuidar, ao lado de outras recuperações — a de liberdade, a de saúde, a de segurança contra polícias assassinas e contra exploradores do trabalho e de inteligência — do que já denominei, a propósito do movimento socialista na Inglaterra nos dias de Ruskin e Morris, de recuperação artística. Recuperação artística que não seja simples sobrema no regime sociológico de alimentação em que um povo cultural, e não apenas fisicamente subnutrido, como é hoje o brasileiro, venha a readquirir forças perdidas e adquirir novas forças. Recuperação artística é recuperação essencial à saúde econômica e à saúde moral de uma comunidade. De modo que, trabalhando por ela, com relação à sua província, à sua região, ao seu povo, os estudantes de Pernambuco e do Nordeste ou de outras províncias e regiões do Brasil não correm o risco de resvalar em escapismo perigoso, evitando problemas essenciais para se entregarem a atividades de superfície.

Não se trata, repito, de simples esteticismo nem de mero folclorismo: trata-se de um movimento de maior alcance e com sentido também político — político no melhor sentido da palavra — em que com a "saúde plástica" — a expressão é de Lúcio Costa — perdida sob o

(Continua na página 18)



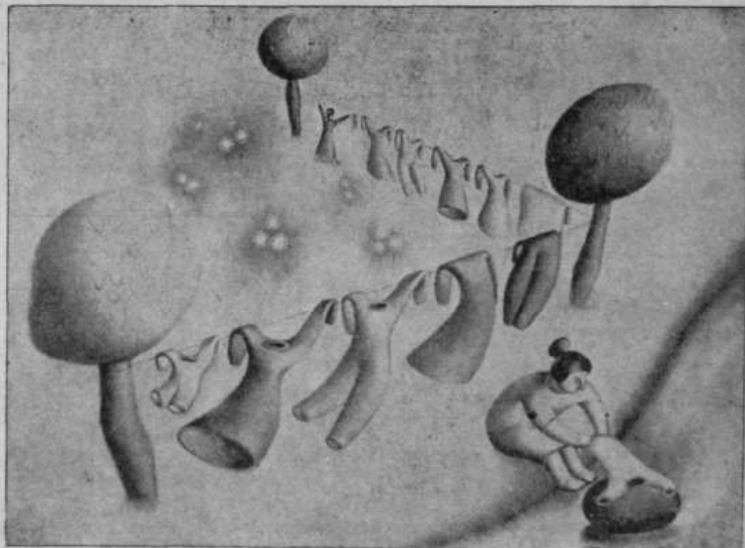
CAFUNÉ — Série Cerâmica — 1943 — Lula Cardoso Aires

seita política ou religiosa intolerante e dura. O Estado chamado forte nada fez, com toda sua pretensão a Estado-pai-dos-pobres, pelo desenvolvimento ou pela valorização das artes populares entre nós. Prestigiu de certo modo alguns dos grandes artistas eruditos — Portinari, Celso Antônio, Vila-Lobos — é certo; mas esses grandes artistas eruditos já estavam consagrados e prestigiados pela melhor opinião brasileira, americana e europeia antes de nascer o "Estado forte". Luiz Jardim foi atraído, é verdade, ao "Estado forte": mas o que se queria que ele pintasse ou ilustrasse era um livro de reclame do governo ditatorial. O amarelinho de Garanhuns recusou. Outros amarelinhos resistiram ao suborno. Entretanto, homens como Luiz Jardim, Cicero Dias, Lula Cardoso Aires, Lúcio Costa, Joaquim Cardoso, Guignard, os irmãos Régio Monteiro, Manuel Bandeira, Hélio Feijó, Percy Lau, Benício Dias, Ismailovitch, Santa Rosa, deveriam ter sido aduados pelos "Pais dos Pobres", não para lhes pintarem os retratos de velhotes gordos e velhacos prósperos com tintas cor-de-rosa e olhos de estadistas de gênio, mas para ensinarem os meninos do povo a pintar, para descobrirem e animarem vocações de artistas entre a gente do povo, para estudarem as tradições populares de pintura, drama e escultura, para desenvolverem entre nós, com homens como Marques Rebelo, Nelson Rodrigues e Magalhães Júnior, um teatro verdadeiramente artístico e verdadeiramente do povo. Nada de significativo fez o governo ditatorial nesse sentido. Nada tentou fazer. Nada planejou.

No governo de Armando de Sales Oliveira em São Paulo, aquele ilustre paulista dera a Mário de Andrade e Paulo Duarte meios de realizar uma obra interessantíssima de coleção de documentos folclóricos e de estímulo à dança, à música e folguedos populares. Mas até em São Paulo — até no "cujo Estado de São Paulo" de que todos os brasileiros costumam falar com orgulho — o estudo das artes populares perdeu sob o "Estado Novo" (que ali veio a achar seu agente ideal na mediocridade redonda e às vezes cômica do sr. Fernando Costa, o amparo que vinha recebendo da administração anterior; e o grande folclorista Mário de Andrade passou a ser antes

mente algumas peças que, por sugestão minha, o arquiteto e folclorista paulista sr. Luiz Saia pôde recolher do saque. O ambiente era o de "guerra santa" a quanto fosse sobrevivência africana ou ameríndia em nossas artes populares, embora para ridículo supremo da tentativa de expurgo os perseguidores fossem quase todos cafusos, mulatos e assas.

Lembro-me de que quando aqui estive em 1938 o Ministro da Holanda, no Rio, pessoa das minhas relações, desejava ver um xangô e um clube popular de carnaval. Tudo foi cuidadosamente impedido pela polícia e segundo me informaram então, também pelo prefeito da capital, tendo o nosso elegante burgomestre ou seu representante insinuado ao Ministro que eu não era conhecido na cidade, quando o holandês insistiu em avistar-se comigo afim de pro-



LAVADEIRAS — Série Cerâmica — 1943 — Lula Cardoso Aires

IMPRESSÕES de um leitor de EÇA

Maurilio Bruno

EMBORA admitindo o Brasil dentro da área geográfica de atuação do escritor, decorrente essa situação de afinidades de língua, de raça e de cultura, descobre-se facilmente que não foram só essas privilégios comuns a todo escritor português, que o favoreceram. Porque se assim o fosse, como se explicar a sua influência mais ativa e duradoura sobre a formação intelectual, no Brasil, não só de seus contemporâneos, mas das gerações que os sucederam, até as mais novas, as que ainda frequentam as escolas. As referências feitas por Eça ao Brasil não são de modo a despertar, nos brasileiros, sobretudo os mais transigentes nacionalistas, simpatias ou reconhecimento, salvo o alto conceito que Machado de Assis mereceu do escritor português. Eça, tendo uma predisposição especial para não só aceitar mas mesmo para incentivar e colaborar em todos os revolucionarismos, políticos, sociais ou estéticos, recebeu com pessimismo a transformação política que conduziu o Brasil do Império à República. Duvidando da capacidade dos brasileiros para conservar a sua unidade territorial e a hegemonia política do país, fez previsões funestas para o seu futuro: "Com o império, segundo todas as possibilidades, acaba também o Brasil. Este nome de Brasil, que começava a ter grandeza, e para nós portugueses representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha Geografia Política. Daqui a pouco, o que foi o Império estará fracionado em Repúblicas independentes, de maior ou menor importância. Impelam a esse resultado a divisão histórica das províncias, as rivalidades que entre elas existem, a diversidade do clima, do caráter e dos interesses, e a força das ambições locais. Já mais de uma vez as províncias têm feito enérgicas tentativas de separação e o separatismo tornara-se nestes derradeiros tempos um dos mais poderosos fatores da política".

Era, realmente, de estranhar, em Eça, o tom conservador que assumira, e mais do que isso, deixando até transparecer um certo receio diante da atitude de independência e de soberania tomada pelo povo brasileiro, nesse arto em que reconhece que só a pessoa do Imperador se "interpunha entre a Monarquia e a República", e este "tinha-se de tal ponto desimperializado que, entre Monarquia e República, não havia realmente senão um fio tão gasto e tão frouxo que, para o cortar de um golpe brusco, bastou a espada do Marechal Fonseca".

Estava o regime naquilo estado de decomposição, de coisa apodrecida, que a Eça agradava tanto remover desentulhar. As forças da reação já haviam enfraquecido e perdido fortaleza, até no núcleo vital do regime, na pessoa do monarca e dos seus mais ligados colaboradores. A evolução política do país, conduzida pelo determinismo de sua própria história, encaminhara os acontecimentos até o bom termo do êxito da revolução. Mas Eça vistoriou dentro do corpo da mesma revolução uma forte corrente de exploradores, formada dos políticos ambiciosos de poder que logo procurariam se constituir nas províncias, em outros tantos Deodores da Fonseca, todos acenando com a supremacia dos interesses de sua província sobre os interesses das demais. E assim, seria inevitável, segundo o seu julgamento, o fracasso da revolução, cujas consequências che-

gariam ao desmembramento dos Estados e desaparecimento "dum grande Império". Estaria Eça a pensar na falta de capacidade dos brasileiros, para se governarem a si próprios ou

acharia que essas novas forças reacionárias que não foram expurgadas pela revolução e nela haviam colaborado com o fim de tirar proveitos pessoais, fossem tão poderosas a ponto de

dirigir a política de acordo com esses mesmos interesses, ou que ainda, o povo e as suas elites fossem detentoras de ideais tão dúbios que pudessem facilmente anular-se pela influ-

ência de políticos desonestos? Perdera então a fé na revolução? Ou não considerava uma revolução a transformação política do Brasil; ou reconhecia que o Brasil, por seu atraso e

a sua incultura devia continuar debaixo de um regime feudal, sem a livre concorrência política dos homens como nas formas democráticas de governo? De qualquer forma o seu artigo tem o tom reacionário e demonstra a sua desconfiança no valor da política brasileira.

De outras vezes Eça também se referia de modo pouco elogioso ao Brasil. Assim, não tem nenhum aspecto sentimental de gratidão e reconhecimento a homenagem dos brasileiros que no nosso século XX continuam a ler Eça com igual entusiasmo que os seus contemporâneos em Portugal e no Brasil. A sua influência podia ter origem no exemplo, que deu, de vida literária dedicada exclusivamente às boas causas, ao combate das injustiças sociais, posição muito de acordo com as aspirações dos moços. Podia ter origem no tom irreverente e irônico com que enfrentou a intolerância dos medalhões consagrados na Academia, no jornalismo, na política e na arte. Exemplo tão poderoso que passados tantos anos ainda se conserva viva a impressão dos seus momentos mais duros de luta. Luta de homem sem compromissos com um passado morto, com a Universidade, a igreja, as tradições, os velhos consagrados, a história. Luta, sim, de um homem de convicções puras, largas, sem limitações de uma época ou de um lugar, mesmo como Gilberto Freyre diz, se referindo a ele e a Ramalho, autores d'As Farpas: "Em as Farpas se encontra essa representação do universal através de dois homens e de dois portugueses superiores pela personalidade, que é a forma mais alta de ser um homem superior. A representação do universal, junto com o particular, de Portugal. E não só o Portugal do fim do século XX como o de sempre".



O grupo célebre dos "Vencidos da Vida"

Um teatro para o Povo

Hermilo Borba Filho

O SENTIDO revolucionário do Teatro do Estudante está entusiasmando todos aqueles que desejam um arrejamento da arte cênica no Brasil, mandando para as profundas dos infernos todos esses cânones pre-estabelecidos, toda essa mecanização e artificialismo que entravam a espontaneidade do ator—intermediário direto da "tensão sionisniana" que deve existir entre o autor e o público—enfim, a quebra dos valores burgueses existentes na concepção teatral do nosso meio.

Existindo em função do povo, a quem a arte deve ser especialmente dirigida, o teatro dos estudantes de Pernambuco se propõe uma valorização dos elementos humanos através de peças que tenham um sentido universal, que exponham os problemas em sua raiz e não que desejem um arrejamento da arte cênica no Brasil, mandando com uma aparência enganadora: que misture o belo, a esperança, o medo, a dúvida e que dê ao público uma sensação de estímulo na luta universal entre o querer e o impossível, o tempo e a morte, o indivíduo e a coletividade.

Não é somente por falta de cultura que o povo deixa de procurar o bom teatro. É também por falta de orientação e

por não poder pagar as entradas caras das casas de espetáculos. Os estudantes não esperam que o povo venha ao teatro, vão levar o teatro ao povo, dentro das suas casas, nos subúrbios, nos pátios das feiras e das fábricas. Para isso os estudantes têm a carroceria de um caminhão, o palco natural das escadarias das igrejas, o meio da rua, as vezes mesmo sem cenários, criando o ambiente pelo valor da palavra, à maneira dos artistas dos circos de cavalinhos com as pantomimas encenadas no picadeiro.

Afinal de contas cenário é convenção, o limite do palco também o é, e se os estudantes ingleses representam nas praças, em estribarias, em mil lugares, os daqui também poderão representar, em uma adaptação de "la barraca" do poeta Garcia Lorca (nunca é demais lembrar que ele foi assassinado por Franco), em contacto com as massas, em fundo estreito com o elemento principal de teatro: o povo.

Por outro lado, até onde for possível, os estudantes lutarão pela audácia na montagem das peças, com cenários sintéticos, cenários que sugere apenas sem a necessidade de encher a cena como se ela fosse uma casa de brio-a-bras, caricaturando

o real, contra a própria essência do teatro que, sendo uma arte, possui os seus meios próprios de expressão, porque isso é o que se faz preciso: convencer o auditório de que está assistindo um espetáculo, onde todas as "liberdades" são perdidas dentro do espírito desse espetáculo.

A arte, em sua maior expressão, não é uma coisa isolada, mas pública. Aquilo que o povo realmente deseja alcançar e quando ele deseja arte, grandes artistas aparecem para servi-lo. E se aplicamos este preceito à arte em geral, devemos aplicá-lo com maior força à mais democrática de todas as artes, o teatro, que é, em um sentido especial e imediato, uma função do povo.

O Teatro do Estudante trabalha para transbordar no sentido vital do conceito popular. O popular deve surgir como consequência do meio e converter-se em instrumento poético. Vejam, por exemplo, Lope de Vega, em luta com a concepção aristotélica das três unidades: de ação, de lugar e de tempo. Lope de Vega compreendeu-as e chegou até a citá-las em a Arte de fazer comédias, mas resolveu quebrar essa rigidez e orientar a sua obra em uma nova direção,

porque não podia, com o seu gênio e com a sua compreensão do teatro como arte popular restringir-se à concepção das Academias que são, foram e hão de ser constituídas por velhos espíritos retardatários que conservam o amor aos clássicos, esquecendo a inquietação da forma, fechados em suas torres de marfim. As novas formas estão sempre cheias de vida, de sangue, de humanidade. E o sangue que corre nas veias das novas formas alimentará o povo, "fonte de toda a inspiração, segredo de toda a poesia, o único elemento verdadeiramente cósmico que marca o ritmo das civilizações humanas".

N. R. — Este artigo é um capítulo da monografia que obteve o 1.º prêmio no concurso instituído pela Diretoria de Documentação e Cultura, que nos autorizou a sua transcrição antes da publicação do volume EÇA DE QUEIROZ — DOCUMENTARIA DE UMA COMEMORAÇÃO, onde aparecerá na íntegra todos os trabalhos classificados, inclusive a conferência pronunciada nesta capital pelo escritor Vianna Moog.

Os estudantes de Pernambuco, nos primeiros meses de 1946, lançarão no Teatro Amulante, a peça anti-facista em 1 ato, O Segredo, de Ramón Sender, apresentando simultaneamente, nos palcos dos subúrbios, além dessa peça, A Inocente, de Lenormand e Antes do Café, de O'Neill.

Essas peças serão o cartão de visitas dos estudantes para a apresentação no palco que deverá ser construído no Parque 13 de Maio—um palco ao ar livre com espetáculo de graça para o povo—da tragédia

(Conclui na página 17)



A travelling show

É assim que se faz teatro para o povo na Inglaterra

Mário Sette Procura o Tempo Perdido

A gênese de uma paixão — “Caminhos de um coração”, curiosa autobiografia que talvez nunca venha à luz — Cem anos de vida recifense reduzidos a fichas — O que era o Recife literário nos comços do século — O “arquivo amável” — Identificado com as conquistas do presente.

Reportagem de JORGE ABRANTES



“Meus dezesseis anos”—é a legenda desta foto, nos “Caminhos de um coração”

EM 1901 — começa a falar Mário Sette, satisfazendo a pergunta inicial do repórter sobre a gênese de sua paixão do passado — um pequeno vapor costeiro, por sinal chamado Recife, avistou, certa madrugada, a cidade do seu nome e fundeu no ancoradouro interno. Nesse barco, viajava um moço, magro e pálido, os olhos ávidos da terra onde nascera e da qual contingências imperiosas, decorrentes da morte súbita do pai, o haviam separado, levando-o a Santos e, depois, ao Rio de Janeiro. Não se aclimara por êsses outros céus, apesar da sugestiva convivência de colégios e do enlevo de contactos sentimentais, e tornava a Pernambuco, sozinho, sonhando com a visão típica da praia, da jangada, do coqueiro, dos arrecifes...

O escritor fala sonhadamente, posando os olhos em paisagens invisíveis ou em sombras esfumaçadas do passado. O exercício a que o está submetendo o repórter, é uma delícia, o sumo prazer de sua vida. Mário Sette, tal como Marcel Proust, embora com método diverso, vive procurando o tempo perdido. E realiza, com essa tarefa sentimental, no terreno literário, uma obra paralela a certos trabalhos do sr. Gilberto Freyre no campo sociológico, aproximados ambos pelo amor às coisas do nosso passado e servindo-se, às vezes, do mesmo material, como sejam os jornais antigos. Já ouvimos alguém dizer que essa paixão, no sociólogo, poderá transformá-lo, um dia, em contradição com as suas idéias, num terrível reacionário... Creemos que não haverá nada disso. Depois... esta entrevista é com o literato.

No fim de sua existência, aposentado e tendo como trabalho profissional, apenas, algumas horas de aula em estabelecimentos de ensino da capital, Mário Sette criou para si próprio um ambiente propício à sua atividade de escritor e às peculiaridades dela. Sua casa não é um desses sobradões malassombrados de cem anos de idade, mas imita, nas suas linhas modernas, as habitações do passado, com um amplo terraço, varanda de xadrez, um banco com azulejos e um lampião procedente de uma velha rua do bairro de São José. O interior é um museu e poderia chamar-se — o pequeno Museu Mário Sette. Na sala de jantar, apoiados em um lambria, ou no gabinete de trabalho, entre telas de Mário Nunes, Perci Lau, Parreiras, Guido, Nestor Silva, o escritor está cercado de desenhos de Carla e Shlapitz, que apresentam cenários e quadros do velho Recife e testemunham quanto tudo aquilo está presente em sua vida íntima. Um volumoso álbum, que logo cai na vista do repórter, está cheio de fotografias antigas, capas de músicas de outras épocas, cupões de bondes, passagens de trem da “maxambomba”, retratos, anúncios,

faturas de casas comerciais desaparecidas, programas de teatro, postais ilustrados, daguerreótipos, folhinhas, cartas, almanaques, livros de sorte, jornais...

Deliciosa aventura intimista

O sr. João Condé tem o seu famoso arquivo implacável. Mário Sette tem, simplesmente, um arquivo amável... Mas d'êste falaremos mais adiante, para dar notícia de um curioso trabalho de reconstituição histórica ou cronológica, que está realizando, por mero prazer pessoal, o romancista de “Senhora de Engenho”. Entretanto, não nos furtamos aqui, indiscretamente, de referir um outro trabalho, êste de caráter ainda mais íntimo e que é uma espécie de autobiografia que o escritor vai organizando lentamente, em folhas datilografadas reunidas num livro encadernado e em cuja lombada se vê o título pré-editorial: “Caminhos de um coração...”. O mais interessante é que o livro é ilustrado com fotografias de parentes e amigos e de paisagens ou trechos do Recife ligados a sua vida, cartas, cartões, etc. Uma deliciosa aventura intimista, que poucos teriam a sensibilidade ou os meios para tentar.

Reencontro e namoro com a paisagem recifense

— A viagem fóra, de comço, quieta e monótona. Mas na Baía invadem o barco duas companhias de cômicos, como se dizia então. A de Cristiano de Sousa e Lucila Simões e a de “cavalinhos”, de Anquises Peri. Minha adolescência sentiu-se atraída por essa gente de teatro, trazendo um cheiro de pecado, segundo os preconceitos daquele tempo. Destacava-se entre os artistas, física e intelectualmente, a figura de Chaby Pinheiro, espirito finíssimo dentro de uma adiposidade anormal. A alegria e o rumor tomaram conta do navio. E o Recife chegou num instante.

Era mesmo o “seu” Recife, de fisionomia inconfundível. Do tombadilho, o estudante Mário Sette namorava o ancoradouro, a casa de banhos, as torres do Corpo Santo, os sobradões de mirantes do bairro do Recife, o telheiro do Arneal de Marinha, a torre do Malakoff e, mais adivinhando do que vendo, a rua da Cadeia, os Arcos, a Pracinha, a rua do Hospício, onde, numa casa modesta, mãos carinhosas de avó ou de tia o esperavam com festas, batendo massa de bolos, enquanto primas franjavam papel de seda para enfeitá-los ou punham a mesa com toalha nova e guardanapos em forma de flor ou navio...

Pisando no calçamento reverso do Cais da Lingueta, rearticulavam-se os capítulos de sua infância. E a adolescência, êle a ia mergulhar, de alma eufórica, no cotidiano de uma cidade



“Este era o velho Corpo Santo” — diz Mário Sette ao repórter

tranquila, ingénua e profundamente “romântica”, a ponto de representar para as gerações de hoje uma moldura exótica e inexplicável.

A recordação começa aos 40

Mário Sette continua sua peregrinação evocadora e diz, mais adiante:

— Sentimentalmente foi assim... E antes de aludir a uma razão literária, devo acentuar uma circunstância cronológica. Eu dobrara o “cabo dos quarenta” e, segundo já li, transposta esta idade tende-se sempre a recordar...

Foi o que me aconteceu” ocasionalmente abri um volume de jornais recifenses de 1901. E, em rápida leitura, a comço, resurgiram-

me pormenores e figuras da época — uma notícia, um telegrama, um poema, um anúncio — de tal modo que acabei percorrendo devagar tôdas as outras páginas da coleção. Revivi... e revivi até mais do que havia vivido. Sentindo o que no tempo não sentira; compreendendo o que então não compreendera, pondo em todo êsse cenário alheio, um pouco de minha adolescência. O estímulo para outras percorridas retrospectivas exacerbou-se-me. Nessas e em muitas outras páginas navegando pelo passado de minha cidade. Já não me saciava um passado que também tivesse sido o meu; fui avançando, paradoxalmente, para trás, e onde pude encontrar velhos papéis a me contarem qualquer minudência de antanho, não os desdenhei... Não experimentava o simples desejo de saber; tomara-me o estranho dever de participar d'êsse viver distante, unindo

traçados das ruas, das cenas entre os transeuntes.

Retrospecto literário

Pedimos a Mário Sette que nos fale do panorama literário dentro do qual brotaram as suas primeiras produções juvenis e se processaram as diversas fases de sua evolução intelectual. E assim que êle responde:

— No Recife de 1901, de hierarquias muito definidas, pelos títulos e pelas idades, não ouaria intimidades com os intelectuais de nomes feitos, um tímido jovem de condições modestas, que não cursara a academia.

Via a essas figuras mais ou menos exponenciais das letras, no trânsito comum das ruas, no teatro, ou às portas das livrarias e redações. As Livrarias Nogueira e Silveira reuniam-nos

O PASSADO DO RECIFE

ANO 1827

Fichário
Mário Sette

ASSUNTOS

- C Anuncio pedido alugar sobrado para passar o tempo da Quaresma.
- A A ara. d. Libania (se ha a que faz roquete de pregas) tenha a bondade de declarar se ha a casa em que mora pois não tem sido possível achar-se na que annunciou detras da matriz de Sto Antº nos mo da da Boa-Vista.
- A e N Relação do objetos que achados a bordo do navio fazem suspittá-los de se retro: escaotilhas com grades abertas, reparimentos, cobertas co idas ou searras algemas, anjinhos, cadeias— maior quantidade d'agua que a costumada— mitas pipas, calhas ou bandejas para ranchos, caldeira de senor diuense que a usual— Varas semoras propoem-se ensinar anjinhos ler, escrever, contar, coser perfeição, sarrar, bordar, render e lavrinos—
- L De 15.10 o Imperador assina contrato com Tarrand Tomás para conduzir malas e officios por paquetes de vapor da Corte ao Pará— Havia paquetes em construção.
- S e N “Airão Rio a 1º e 15 cada mês Bahia, pern. Ceará H ranho e Pará— Tuicio dentro 15 meses— Regente Peijó—
- L Belarmino de Arruda Camara apresenta plano collegio de educ. primaria no Recife sob titulo Collegio da Conceição. Pensionistas 200\$ an. Ext. de fora 24\$ 1º almoço— jantar— coza e roupa lavada— Ler, escrever, contar— Gram Port. Doutrina Geografia— Latim— Francês— Tabon musica desenoa Dança— (ext.) Farias vespera Natal a pais— Quarta f travas— Paquetes— Entrada 7 1/2— para os alunos de Geografia— os outros a qualquer tempo... Não haverá castigos grosseiros... nas goito.

O tempo reduzido a fichas...

ao quadro, o pormenor; ao episódio, o comentário; ao fato, o pitoresco; às figuras, os pensamentos...

Fichário do passado recifense

E é aqui que o escritor fala no seu “fichário”, a obra a que aludimos acima:

— Este pequeno arquivo é uma denúncia do meu exaustivo interesse, dirão da minha mania: tudo que até agora conseguí recolher de leituras em jornais, livros, cartas, almanaques, cadernos e notas de várias espécies, passaram a estas centenas de fichas que o sr. vê. Uma, por assuntos; outras, por datas. São

tôdas as tardes para palestras, análise de livros novos, notícias de interesse intelectual, se não, de mistura, anedotas e maledicências... Um ou outro, por circunstâncias alheias à literatura, veio a ter maior contacto comigo. Gervásio Fioravanti, por exemplo, ia aos sábados jogar um solo em casa de meu tio, com quem eu morava, no Arraial Folgazão, simples, “poeta” mesmo prosando, ter-se-ia rido consigo mesmo, um dia, ao ler uns versos de minha lavra... Mendes Martins, também, encontrava-se frequentemente comigo na Livraria Francesa, e ali conversávamos por alguns instantes.

Apenas dos mais moços, que já assinavam trabalhos literários na imprensa de então, me aproximara, num consentimento da idade semelhante: Américo Falcão, Mário Rodrigues, Orris e Oscar Soares, Felisberto Pereira, Isaac Cerquinho, Augusto dos Anjos, Leônio Fontes, Nilo Câmara, Mário Melo, Oscar Brandão, Heitor Balbi, quantos mais.

Dos “maiorais”, somente depois de ter livros publicados fui guardando menor distância, por circunstâncias explicáveis. Faria Neves Sobrinho tornou-se um meu companheiro habitual no trem de Olinda e um vizinho na velha cidade. De França Pereira aproximou-me a colaboração no Diário de Pernambuco, em 1914, sendo ambos ardorosos francófilos. Artur Muniz era aparentado com minha mulher e dele assim me tornei mais íntimo. A outros fui sendo apresentado, no decorrer da segunda década do século, ou depois, e de muitos nunca tive a ventura de receber uma palavra, à falta de oportunidade. Com o velho Pereira da Costa, até 1922, não existira relações de amizade. Nessa época, porém precisei de consultar o livro Escavações, de F. P. do Amaral, onde havia, ao que me informavam, excelente descrição da Proclamação de Cinzas, no Recife. O volume era raríssimo e um dos poucos a possuir seria Pereira da Costa. Advertiram-me, porém, ser o autor dos Anais Pernambucanos, ciiosíssimo de suas raridades, não gostando sequer de mostrá-las. Por mais que me quisesse deter o temor da indiscreção e da resposta negativa — ou da não-resposta, como tantas vezes nos acontece, na vida — impeliu-me a um custo a necessidade d'êsses dados para meu romance O Palanquim Dourado. E escrevi a Pereira da Costa. Explicava-lhe minha necessidade e dizia-lhe estar pronto a ir a sua casa para ali mesmo ler as páginas do meu interesse, tomando as notas indispensáveis. E encolhi-me, à espera... No dia seguinte, ao chegar à repartição, vi Pereira da Costa que me esperava, com um embrulhinho. Era o “Escavações”.

(Conclui na página 19)

"REVELAÇÃO" de LULA CARDOSO AIRES

Mauro Mota

SE PERTENCEM a autores de Pernambuco os três maiores livros aparecidos no Brasil em 1945 (Rio Branco, de Alvaro Lins, Sociologia, de Gilberto Freyre, e Rui Barbosa, de Luiz Delgado—conforme o depoimento de Tristão de Ataíde) podemos afirmar que não estamos dispostos a repousar nessa glória no decorrer deste ano novo. Sem qualquer preocupação de corrida com o centro ou com o sul-tipo de separatismo já tentado para frassar em suas nascentes—antes com o mais forte espírito de unidade e confraternização, os pernambucanos pretendem avançar em 1946, através ainda de alguns dos autores citados e de outros.

É de interesse pelo menos jornalístico, informar que a próxima contribuição do nosso Estado não se limitará ao plano literário, crítico ou sociológico, e envolverá de cheio o plano das artes plásticas.

O nosso grande sucesso nesse setor, grande sucesso não somente do ano, mas da época, será a "revelação" de Lula Cardoso Aires. Por que a "revelação" de Lula Cardoso Aires—perguntarão de certo—se não se trata dum artista inédito ou estreante, e sim já suficien-

rir autonomia. Mas foi depois de firmar o conhecimento, que não o encontrou deserto e sim já dominando todas as variantes do desenho puro e a distribuição de cores, que Lula Cardoso Aires sentiu-se forte para iniciar a segunda fase, a grande e definitiva fase de sua carreira.

Se somente o perfeito intercâmbio entre o mundo exterior e o mundo interior—o encontro de seus recursos naturais com o domínio dos elementos capazes de permitir a manifestação deles em condições de segurança—pode fixar a personalidade do artista e dar-lhe categoria, não foi antes de tempo que Lula Cardoso Aires "reapareceu". Reapareceu é apenas uma forma de dizer, porque toda a sua obra destes últimos anos continua ignorada do público e somente foi vista até agora por meia dúzia de amigos no "atelier"—até de Boa-Viagem. Viram-na também os homens cultos da marinha e do exército norteamericano com estágio na base do Recife, inclusive o conhecido pintor e crítico de arte Fredric James. Fredric James fotografou muita coisa em cores e levou para os Estados Unidos. A admiração all foi total. Resultado: um con-



Um ângulo do atelier de Lula Cardoso Aires

temente revelado, através de dezenas de trabalhos?

E mais ainda: dum artista que "parou" há alguns anos, que nunca mais fez exposição, nem mesmo no Recife, numa demonstração de que os seus limites se apertaram, de que a sua desistência é quase um fato consumado?

Seriam indagações nada precipitadas, quando verificamos a existência de inegáveis antecedentes a justificá-las de certo modo.

Tendo "começado" menino, há cerca de dez ou doze anos foi menino que Lula "apareceu". Explica-se o seu sucesso de então pela categoria dos desenhos, de fácil penetração no gosto essencialmente popular, embora já se sentisse neles a sombra dum grande pintor que chegaria, completo, mais cedo ou mais tarde.

Juntando à sua sensibilidade um poder de auto-crítica bem raro num adolescente e num adolescente admirado e aplaudido, foi o próprio Lula quem teve a compreensão do belo, aparente em seus primeiros quadros e dispôs-se à resistência contra o superficial. Sentiu que a vocação e o instinto, por mais poderosos que sejam, não elevam nunca, isolados, o artista à altura onde ele deve chegar para ser digno e permanecer no tempo. Dal os seus demorados contactos com os pintores universais de todos os ciclos históricos, desde os da antiguidade clássica aos do Renascimento, desde os dois séculos subsequentes aos modernos e novíssimos de numerosos países, através de todas as reproduções e de estudos críticos e biográficos que conseguiu reunir. Esses contactos, é justo dizer, não visavam escolha de itinerário ou qualquer outra influência, mas o conhecimento exato da evolução das artes plásticas, sem o qual nenhum pintor pode adqui-

rite, quase amável intimação, para expor no museu de artes modernas de New York.

Conhecidos o rigor e o escrúpulo com que o M. A. M. N. I. acolhe artistas estrangeiros, não o fazendo nunca senão depois de reunir os seus diretores e críticos deante do "mostruário" dos pretendentes, pode-se verificar o sentido de sua deliberação tão espontânea deante de um que coisa nenhuma pretendeu. O que fica assim evidente é que, dentro de pouco tempo, Lula Cardoso Aires sairá das fronteiras de sua província para a categoria de pintor continental. Mesmo porque não é outro o destino que lhe merece com os seus trabalhos atuais que o situam, sem qualquer generosidade, entre maiores pintores de sua geração.

A vista de seus quadros, sente-se logo a ausência da mistificação muito do gosto de falsos pintores ou de pintores comerciais queigem por conta de certo modernismo: símbolos extravagantes e arbitrários expostos com expertise para confundir observadores cheios do pudor das divergências. Símbolos cujo mérito ficaria na irradiação duma poesia que ninguém percebe nem mesmo os autores. O que se sente nos seus quadros—todos bem longe de qualquer arcaísmo e de qualquer escola—é uma força extraordinária de expressão e beleza que os levará à posteridade, inevitavelmente.

Recordo aqui um episódio contado por Vianna Moog, por ocasião da visita que fizemos ao "atelier" de Boa-Viagem, em companhia de outros amigos. O romancista de "Um rio imita o Rheno", tomou um taxi, recentemente, em New York, e instruiu o "chauffeur": "Museu de artes Modernas". Depois num complemento involuntário: "Quero ver as telas do pintor X. Foi o bastante para a réplica do

O Intelectual e o Após-Guerra

RESPONDE AO INQUÉRITO DE "NORDESTE" O ESCRITOR VIANA MOOG, MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



Vianna Moog

INQUÉRITO DE "NORDESTE"

O INTELLECTUAL E O APÓS-GUERRA

- A) Qual deve ser a posição do intelectual numa nação democrática?
- B) Qual a sua concepção da Arte em face da Política?
- C) Quais as relações que devem existir entre o intelectual e o povo?
- D) Quais os mais prementes problemas que precisam de solução?
- E) Quais as principais correntes políticas do após-guerra?

NORDESTE publica, neste número, a resposta do escritor riograndense Vianna Moog ao nosso inquérito, que alcançou repercussão invulgar com o depoimento do prof. Odilon Nestor no número de dezembro passado. Naquela mês encontrava-se no Recife, a convite da Diretoria de Documentação e Cultura para realizar uma conferência sobre Era de Queiroz, o autor de "Era de Queiroz e o Século XIX". Recebeu com simpatia o questionário de NORDESTE e agora, já no Rio, envia-nos a sua resposta que nós estampamos nesta página.

O escritor Vianna Moog iniciou a publicação de seus livros em 1932 com "Heróis da Decadência", seguindo-se o Ciclo do Ouro Negro" em 1934, ambos sobre a planície amazônica que ele amou e conheceu. De volta do exílio amazônico escreveu "Novas Cartas Persas", uma espécie de "intermezzo" entre a fase de exílio e a literária.

Em 1938, a Livraria do Globo, de Porto Alegre, lançava a obra "Era de Queiroz e o Século XIX" que foi calorosamente recebida pela crítica portuguesa e brasileira e que atualmente está em 2.ª edição.

Tendo passado a sua juventude entre os imigrantes alemães do Rio Grande do Sul, o escritor Vianna Moog escreve, incitado pela memória, "Um rio imita o Reno", onde analisa os complexos problemas do encontro de dois tipos de civilização: a anglo-saxônica e a líberica abraçadeira pela miscigenação.

Todos os seus livros trazem a força de sua personalidade, o cuidado da observação e a inteligência inquiridora de quem tem nas veias o sangue da gente de Erasmo de Rotterdam. "Uma interpretação da literatura brasileira", conferência realizada sob o patrocínio da Casa do Estudante do Brasil, proveu, nos principais centros literários do país, uma revolução em matéria de teoria da literatura.

motorista, que era um crítico de arte "camouflado": "Grande pintor, mas transitório. Toda a preocupação dele é para o social e isso passa. O humano é que fica".

Isso veio a propósito do sentido dos quadros de Lula Cardoso Aires que não colocou sua arte a serviço de nenhuma política. Ama-a e escreve-a somente como a expressão de seus impulsos humanos mais generosos e irrepri-míveis. Os sistemas de luta pelo poder ou pela conservação do poder terão, quando muito, a

Recentemente o sr. Vianna Moog foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, mas, pelas respostas que deu ao inquérito de NORDESTE, o leitor verificará que, na Academia, ele não será uma peça decorativa e nem, tampouco, terá o destino dos bichos de museu. Antes, pelo contrário, será sempre um escritor ativo na defesa da verdade.

A resposta do escritor Vianna Moog

a) O primeiro dever do intelectual, seja quais forem as circunstâncias em que tenha de viver, é o de ser fiel a si mesmo. Este dever, antes de depender das formas de governo, está condicionado ao seu temperamento, à sua vocação, às suas verdades interiores. Tratando-se por exemplo, de um temperamento político ou de um lírico, a quem só interessam os aspectos geórgicos e virgilianos da vida, não há como exigir dele, sob pena de violentá-lo, que em lugar de exalar suspiros diante da lua, componha hinos à democracia e se ponha à frente do povo à luz dos arçotes. Afinal de contas, antes da democracia, já a lua e o sol, as nuvens e as estrelas tinham os seus direitos e exerciam a sua influência sobre os homens e os animais. É justo que os homens sejam livres para poetar, já que não podem ganhar.

Agora, se em lugar de uma natureza lírica, estivermos em presença de um temperamento social, dêmos que vêm marcados com sensibilidade bastante para sentir no sangue e na carne os desancetos do mundo, é lícito esperar e até exigir outra reação. Aqui, a posição do intelectual estará de antemão demarcada: ao lado dos explorados, contra os exploradores; dos ofendidos contra os ofensores; dos humilhados contra os humilhadores; do direito contra a injustiça; da liberdade contra a opressão.

b) A Arte não é serva da Política, o que não impede que

se ponha voluntariamente a serviço da Política em determinadas circunstâncias. A Política passa, a Arte fica. A Arte é fim em si mesma. A Política é meio. Um artista como Miguel Ângelo deante da estátua recém acabada do seu Moisés pode exclamar — Paria! — num desafio aos deuses. O político, por mais genial, nunca poderá sentir essa sensação de definitivo e de acabado, que é privilégio do artista. Para além das realizações dos políticos e dos homens de Estado haverá o infinito a realizar.

c) De reciprocidade afetiva: o povo influenciando sobre o intelectual com as suas aspirações, as suas crenças, as suas lutas, as suas dores e anseios; o intelectual devolvendo em forma de mensagens — romances, poemas, ensaios—depois de elaborada, o material que do povo recebeu. Nada, porém, de cortar o povo. Entre o povo e a verdade, ainda que a verdade seja dolorosa e venha a ferir melindres, prejuízos e tabús caros ao povo, a verdade, sempre a verdade, ou pelo menos aquilo que ele supõe no fundo do coração ser a verdade.

d) O do pauperismo, o da sub-nutrição, o da doença, dos quais decorrem todos os outros: o desânimo, a tristeza, o pessimismo, a falta de caráter. Como se pode exigir trabalho de um sub-nutrido? E o caráter de um doente? Neste ponto estou com aquele personagem de Bernard Shaw a quem interrogaram sobre sua falta de caráter. — Não posso ter caráter — respondeu ele — ainda não tenho com mil cruzeiros. Exigir que se preocupe com os aspectos morais da vida quem nem tem o que comer ou dar de comer aos filhos, é exigir demais.

e) Em matéria de conjecturas e problemas sociais toda a gente dá palpites e quem acertar passa por profeta. Al vai, pois, o meu palpite: duas correntes se defrontarão — o Comunismo e o Trabalho. Históricas e doutrináriamente não incompatíveis, como incompatível é o marxismo de Stalin com o New-Deal de Roosevelt.



sua participação individual, nunca a da sua arte subjugada ou "dirigida". Daí voltar-se para as coisas e os tipos de seu mundo nordestino e mais ainda para um mundo maior: o seu mundo introspectivo e ressurgir com interpretações que monopolizam toda a nossa capacidade de "inesperado" e de emoção.

A referência à paisagem geográfica da região e aos seus habitantes talvez pudesse levar o leitor à idéia de simples fixação de motivos,

PENSAMENTO SÔBRE A UNIÃO DOS HOMENS

Luiz Delgado

A FRASE ficou na história e veio sendo citada como uma das características mais verdadeiras e expressivas de nossa realidade política sob o Império: "nada mais parecido com um conservador do que um liberal no poder". Dizia-se, desse modo, maldosamente, que não eram as idéias, as convicções, os programas, o que dividia ou distinguia os homens mas o fato material e interesseiro de ocuparem ou não as posições governamentais de chefia. Conservadores e liberais tinham a mesma linguagem contra o governo quando não eram governo e procediam da mesma forma, sem atender às desigualdades teóricas de seus credos partidários, ao assumir o encargo da coisa pública.

Havia nesse traço, que exibiu uma agudeza de caricatura, certo fundo indiscutível de veracidade. Ao tempo da monarquia, os nossos partidos políticos, tão revestidos de qualidades póstumas aos olhos de nossa sociedade, tinham a mesma dupla capacidade dos partidos que vemos a conhecer depois: copiarem os adversários e dividirem-se em grupos rivais tendendo a inimigos. Por isso, a crítica dos contemporâneos feriu-os com essa negação de personalidade e de idealismo, conservada e rememorada até hoje.

Não seria, aliás, privilégio nosso tal indeterminação política.

Mesmo na pátria do parlamentarismo — segundo citação de Charles Benoist — "sir" John Walsh indagava o que seria um liberal e respondia ser o político incapaz de aceitar um convite de "lord" Derby para ir a St. James Square conversar. E acrescentava: "não descobri nenhum outro critério para a definição". Lothar Bucher, futuro confidente de Bismarck, conceituava os conservadores como sendo os deputados que se sentavam atrás de Disraeli...

É bem possível que as divisões políticas, quando não são mais do que políticas, carregam da energia necessária para subsistir às vicissitudes do tempo e da sociedade, mantendo-se íntegras e estáveis. Elas mudam e os homens, em torno delas, mudam também. Alguns dos estadistas de maior visão dos problemas e dos interesses da coletividade, tiveram a pecha de tráfugas partidários: veja-se Churchill cuja indomável altanaria salvou o mundo das garras do nazismo quando a França baqueara e a Rússia era amiga da Alemanha, associada sua na partilha da Polónia.

Censurados por não separarem bem os seus partidos na época em que esses partidos melhor se separaram, os brasileiros são acusados também da indiferença com que viriam cair o Império e levantar-se a república. Seria o sinal de uma ausência de idéias, de uma ausência de caráter político que, na opinião de críticos mais extremados, já deixava transparecer ausência de caráter pessoal...

A imagem dessa constatação que para muitos é melanólica e desoladora, vale a pena lançar os olhos para outros países onde houve uma cisão social que chega a arrastar-se por décadas e até por séculos.

Em primeiro lugar, a França generosa e ilustre.

Não é segredo para ninguém que a Revolução a deixou cortada em dois pedaços — dois pedaços separados por um fôssco cheio de sangue, nas palavras de Maurois. De um lado, os filhos da liberdade e, de outro, os filhos da tradição — conforme expressões que são usuais a esse propósito. Frei Ducatillon explica: "nossas querelas são muito mais de ordem ideológica, psicológica, espiritual do que de ordem material. O que, afinal de contas, se defronta dentro de nós, são doutrinas, maneiras de compreender o homem, a sociedade e a política, concepções do mundo. Há a maneira tradicional e a maneira revolucionária; a maneira cristã e a maneira anti-cristã; a maneira burguesa e a popular. Todas as nossas querelas, quaisquer que sejam e seja qual for o terreno onde lavram, políticos, sociais, econômicos, racionais ou internacionais, provêm dessa dilaceração profunda. Direita e esquerda têm para nós um significado quase metafísico".

Não é aqui o lugar de aludir às coisas e às aparências desse fato. Ele existe e é grave. Aos espectadores de fora muitas vezes se afigura incompreensível que não haja união em certos momentos, a propósito de certos assuntos; mas, os protagonistas, sobrecarregados como Montaigne e Capuletos da herança desse dissídio, não conseguem ver claro nem — muito menos — por em prática as fórmulas de entendimento que desejam. O sangue da Revolução parece que cimentou duas alianças estranhas: a de adultos aristocráticos com a fé

cristã e a do sentimento popular com o racionalismo incrédulo; o racionalismo e o dinheiro vieram depois agravar esses males. O mesmo inteligente dominicano lembra o episódio de uma reunião de altas figuras intelectuais procurando um chão de idéias comuns para desenvolvimento de atividades sociais; já desengano de encontrá-lo, um dos presentes exclamou:

— Mas, ao menos, a França!

E o outro retorquiu como instintivamente: — É certo... Mas, que França?

Porque, em consequência dessa discussão, há duas Françaes como há, desde o período das primeiras lutas constitucionais, duas Espanhaes. A guerra civil do tempo de D. Carlos renasce de vez em quando. E os novos partidos, no ardor de suas refregas cruentas, sabem que se entroncam no passado e é uma ira centenária a que corre em suas veias. Tanto na obra erudita de um Menendez y Pelayo quanto na romanesca de um Perez Galdós poderemos encontrar, com a maior facilidade, os traços do choque desses dois espíritos adversos — o reacionário e o liberal.

Quando se quebra a unidade fundamental de um povo — unidade que têm aspectos discutíveis, pouco importa, — é extremamente difícil reconquistá-la e reconstruí-la. Formam-se congressos ideológico-político-sentimentais que transformam em ofensa qualquer discordância. Um voto contrário não quer dizer idéia diferente mas cumplicidade com o mal e má fé. Não se concebe conciliação mas rendição. Os ânimos fazem-se irredutíveis — e irredutíveis na medida em que estão envenenados.

Se os conservadores e os liberais se confundiam entre nós é que não havia entre eles nenhuma dessas desavenças que infelicitam outros povos. Nem as concepções da vida nem os trens de vida se opunham muito. A religião católica, o culto do direito e da liberdade, a aceitação da monarquia constitucional e parlamentarista, a identidade de formação intelectual alimentada a citações latinas e exemplos da história clássica — eis aí o clima espiritual dessa gente que uma economia rudimentar e pouco diferenciada fazia conviver na intimidade doméstica, nos trabalhos dos campos ou na monotonia de pequenas cidades sonolentas. Ela não compreendeu a riqueza que tinha em mãos — porém isso acontece com todas as gerações que surgem no mundo. Em vez de aproveitar essa união substancial de suas almas para edificar concientemente uma grande pátria, um grande lar, — entregar-se a brigas rancorosas por interesses e vaidades pequeninos, por delegacias e prefeituras, fingindo que brigava por coisas solenes, conservadorismos e liberalismos cujo sentido não percebia muito...

Mas, não pensemos que a sua existência se resumia em tais debates artificiosos cujas posições tão facilmente se trocavam. Nem levantemos os ombros desdenhosamente diante disso. Era um belo e sábio tempo aquele em que liberais e conservadores podiam parecer-se e identificar-se...

Hoje, as doutrinas que sopram no mundo são doutrinas de exclusivismo e de ódio.

Certo marquês de uma comédia de Benavente sentia, nas mudanças da atmosfera, doer-lhe o baço como resultado de um golpe que recebera quando moço, ao defender não se lembrava ele bem se a liberdade ou a monarquia... Tudo dá no mesmo, dizia-lhe o interlocutor. E ele confirma:

— O senhor tem razão. Naquele tempo, os nobres, os verdadeiros nobres, éramos liberais; agora, os nobres improvisados, os que vivem o que são à liberdade que lhes demos, preferem renegá-la.

O povo está fazendo como esses nobres por nomeação, nobres sem raça, ao substituir o direito pela violência e a tolerância pela agressividade. O comunismo, a título de defender o povo, propagou a doutrina da luta de classes e ensinou os métodos que o fascismo aprendeu: conquista e manutenção do poder pela truculência, negação da justiça ao adversário, extermínio dos discrepantes. A sensibilidade humana primeiro contornou o comunismo na Rússia e, depois, repeliu e venceu os outros fascismos. E eis que o fascismo soviético põe-se a usar a linguagem democrática, deturpando-a. Inventa duas democracias — a ocidental e a oriental; democracia de um partido só (e de uma "linha justa" dentro desse partido único) e de uma imprensa cuja liberdade resulta do controle e da direção do partido... (N. Baltisky, Tribuna Popular, 30-IX-1945).

A união dos homens dentro de cada povo está ameaçada por essas doutrinas, umas pre-

POEMA



Este verso, apenas um arabesco
em tons do elemento essencial — matizge oel
Fogem kureus no verão, passam aves, navios, ondas,
e teu rosto é'quase um espelho onde brinca o ruído
arsumento,
ai! já brinçou, e tudo se fez imóvel, quantidades
e quantidades
de som se depositam sobre uma terra esfocelada

há mais o desejo de explicar, e as múltiplas po-
larias em feixe
subindo, e o espírito que escolhe, o olho que visita, a
música
feita de depurações e depurações, a delirada
modelagem
de um cristal de mil suspiros límpidos e fugidos
há mais
que um arabesco

apenas
um arabesco
abrava as coisas, sem reduzi-las

Carlos Aruemand de Andrade

(Dos "Dez Poemas Manuscritos" — Edições Condé" — Ilustração de Portinari)



gando o ódio aos comunistas e outras o ódio aos fascistas, cada qual julgando que o seu ódio é um dever de consciência, um imperativo de salvação pública. Exterminar os fascistas para uns, exterminar os comunistas para os outros é o primeiro passo para o bem público; só depois de eliminada essas multidões de adversários, a paz e a fraternidade têm sentido... Até nisso, nessa cegueira e nesse absurdo, se parecem e igualam.

Tal propaganda tem sementeira fácil nos corações feridos pela terrível desigualdade econômica que resultou do progresso material dos últimos tempos.

Sempre que um país avança muito, a riqueza por ele conseguida pára nas mãos de uma minoria cuja existência se enche de prazeres e se reveste de galas que primeiro tentam e, depois, escandalizam as outras classes. É possível que a minoria atene os seus egoísmos naturais — como será talvez o caso moderno dos Estados Unidos. Mas, pode acontecer também que ela não tome conhecimento da questão — e assim foi na França do esplendor monárquico e na Espanha das farturas coloniais; esse é o caminho das revoluções materiais ou das cisões políticas.

Ora, neste século, o desenvolvimento das indústrias às custas do crédito e da ciência, um inventando recursos e a outra descobrindo técnicas, multiplicou as riquezas. Cada uma das crises por que o mundo passa estimula essas forças criadoras; basta ver o surto da nossa economia nacional depois da guerra de 1914 e o surto ainda maior que estamos a assistir. À sombra e ao eco da outra conflagração. Isso quer dizer o que vemos: o luxo de uns e a penúria de outros porque tais acréscimos de riqueza não se repartem equitativamente.

Se deixarmos que essa separação resultante de condições concretas some-se à que as doutrinas de violência tentam inspirar às almas, teremos comprometido talvez irremediavelmente, talvez por longos e duros séculos, a unidade política e espiritual de nossa gente. Nenhum dever é tão claro para cada um de nós quanto o de combater estes dois males: a injustiça econômica e a intolerância social. Temos de voltar afadigadamente àqueles bons tempos em que um conservador se parecia com um liberal, um brasileiro com outro, como dois filhos de Deus que sabiam ser.

PAUL Valéry, eu o lembrarei na sala oito, no Colégio de França, atraindo duas vezes na semana, às onze horas da manhã, os amadores e os curiosos de poética. Eles são muitos, na maioria jovens, e representam o que o mundo dos estudiosos, da França e do estrangeiro, conta de mais excitado à vida literária. As senhoras elegantes aparecem à nesta assembleia, não em tão grande número como, outrora, na sala de Bergson, onde era um encanto ouvir este virtuoso da palavra — o criador da Filosofia da Intuição. Valéry não vive de aparências e pensa só no essencial. Uma vez em duas, fala de suas próprias reflexões; outra vez, ele faz leituras comentadas. Uma e outra lição se assemelham aliás: em todos os casos, Valéry cita alguns grandes poetas, e acrescentará muito de si mesmo. Expõe, numa voz surda, proposições breves, e não põe nenhum verbo em relevo: seu pensamento o porá. É um discurso do qual cremos a princípio não sentir senão o encanto, e cuja limpidez em seguida se abre em profundezas onde sobe uma estranha luz. Desde muito tempo, creio, não se ensinava a poética no Colégio de França, e ela aparece assim como um assunto novo e vertiginoso.

Al se tem a impressão, quando se haja lido alguns ensaios de Valéry, que é bem um assunto onde se reencontra a familiaridade com idéias que o professor de poética maneja desde que ele pensa e que escreve. Quando o ouvi-



Uma fotografia histórica: Paul Valéry ao inaugurar seu curso de Poética na Sorbonne

mos adiantar-se, para dizer também, na questão do nascimento do poema — a poética, é bem isto: a gênese da obra de arte — reminiscências afluem de pronto, que vêm da páginas de Valéry sobre a formação da concha ou sobre o desenho na pintura de Degas. Porque, no fundo, é a mesma coisa, é o mesmo problema, o da vida da arte. Preciaria acrescentar logo que para Paul Valéry esta vida o que importa realmente. Se se resumisse a sua idéia a este respeito numa fórmula que não temesse o paradoxo, dir-se-ia que a vida não é a vida, e que é a arte que é a vida. Porém qual vida? A tarefa da poética é penetrar esse mistério, tão fechado quanto a da vida ela somente.

As instabilidades incessantes de que a vida é o objeto em nosso século não aumentaram, em Paul Valéry, o sentimento que a vida essencial não está nos sucessos ordinários da vida. Mesmo se não se pensasse em todos os males de que o homem do século vinte tem uma parte superabundante as mudanças profundas que algumas invenções trouxeram à vida desde cinquenta anos fazem aparecer a vida corrente como muito diversa de uma coisa apoiada

Paul Valéry

e a POÉTICA

Odilon Nestor

da na certeza, senão no absoluto de que todo espírito tem a ambição.

Vê-se em Variété IV, onde estão reunidos vários discursos de circunstância, quanto essa idéia atua em Valéry. Quando os discursos que lhe impõem uma solenidade acadêmica, um centenário literário, ou uma distribuição de prêmio, não lhe fornecem somente o prazer de entregar-se às virtuosidades da retórica — este o seu pecado — renovam frequentemente uma meditação de grande alcance para um espírito aberto sobre as ciências de maneira direta e precisa. É que em cinquenta anos nossa concepção do mundo mudou mais do que o havia feito talvez na história das ciências desde o seu começo. A velocidade extrema e a presença das vozes distantes modificaram a vida de todo o mundo, enquanto que para os sábios, o Tempo, o Espaço, a Matéria não têm mais nem as mesmas leis nem as mesmas condições. A humanidade parece menos sustar essa evolução espantosa que ser dela o joguete cego e alucinado. É o que fazia que Valéry visse em nossa época "um conflito sem saída entre coisas que não sabem morrer e coisas que não podem viver". E daí dizem também, sob forma de paradoxo: "A tradição e o progresso são os dois grandes inimigos do gênero humano".

A evolução social não lhe parecia nem menos considerável nem menos alarmante. Ela tende a uma transformação total de todas as condições da vida e da ação humanas. Valéry era daqueles espíritos que primeiro se inquietaram vendo uma parte do mundo moderno tentar afeioar um "homem novo", sem atenção à natureza viva do homem e à sua personalidade. Faz uns dez anos já que, em seu discurso sobre os prêmios de virtude na Academia, ele constatou que o advento de uma moral de nação e de raça não deixa mais firmada a moral pessoal que era a nossa até o presente. A força coletiva dada às massas por certos progressos materiais influe para este abaixamento da pessoa. "Pode-se, em resumo, dizer que o homem, afastando-se de suas condições primitivas de existência, acontece que tudo o que ele sabe, isto é tudo o que ele pode, se opõe fortemente ao que ele é" E mais longe: "O indivíduo se torna um problema do nosso tempo".

Que é pois o homem? De que é feita esta pessoa que quereríamos salvar do naufrágio? É aqui que reencontramos a poética, da qual não nos achamos distanciados tanto quanto se o poderia crer. Porque não penso se forçariam as coisas dizendo que aos olhos de Valéry o homem é um ser do qual o poeta dá o modelo mais perfeito; o poeta ou o artista, como se queira, em todo o caso o criador (poesia em sua origem significa criar). O homem, entre as criaturas, tem o dom de criação que faz que certos homens são pintores, músicos, escritores. A tal respeito, o mundo da arte, que é o mundo próprio ao homem, é um outro mundo que o da vida natural, e não se podem identificar as relações entre um e outro, se não se tenta entrar nesse mistério mesmo da poética. É por isso que Valéry não falava só de poética em sua cadeira do Colégio de França, mas, quase cada vez que falava do homem e das artes do homem, isto é em quase tudo o que escreveu, quando não foram poemas — que o olvido da poética na sua execução. A poética lhe inspira por exemplo, a propósito de Degas, as belas páginas sobre o desenho, sobre o mundo do desenho, imensamente estranho ao mundo da visão ordinária, como ela lhe inspirou as páginas que se conhecem sobre o mundo da dança e sobre o mundo da arquitetura. O caminho da poética é o donde o homem aprende a se abstrair do que o ordinário da vida tem de informe, de confuso, de submisso.

Vê-se bem desde logo, que a vida da arte é para Valéry a vida verdadeira. Precisos que nós assistamos a "um crepúsculo dos semi-deuses, isto é, desses homens disseminados no tempo e sobre a terra, aos quais devemos o essencial do que nós chamamos cultura, conhecimento e civilização". Os semi-deuses, dos quais

lhe apraz cultivar a lembrança, quando teve a fortuna de os encontrar como Mallarmé ou Degas, não vivem separados da humanidade por sua atitude, porém a vivificam por seu exemplo. Valéry o diz expressamente a propósito de Goethe:

"Podemos considerar os grandes homens que nos dominam como seres que são somente muito mais familiares que nós com o que temos de mais profundo. Talvez nada podemos fazer de mais razoável, para termos a idéia de os conhecer, que penetrar em nós mesmos e aí observar o que nos faz maior vontade na ordem dos desejos mais exaltados. É aí supor que o maior homem não faz senão encher algumas lacunas cuja forma não obstante existe em todos. Existe em cada um (esta é a minha hipótese), o lugar que é reservado a algum gênio". Assim o gênio seria em cada homem um deus latente.

É o deus da pessoa, o deus mesmo do eu. É preciso que a pessoa humana seja de ordem quase divina, pois na ordem humana ela não se realiza jamais. É o que impressiona mais Valéry nesse espetáculo da vida ordinária. O que nós acreditamos ser pessoalmente é o resultado de inumeráveis circunstâncias pelas quais, se uma só mudasse, poderíamos ser assim a cada instante um outro ser. Disse o mesmo com os nossos atos, nossas obras, que totalizam muitos outros efeitos que aqueles que tínhamos querido. De sorte que a respeito da pessoa e da vida pessoal nenhum espírito seria mais cético que Valéry se ali não houvesse a poesia. Para ele, só a obra de arte é que é obra pessoal. A arte fixa a obra da pessoa em sua perfeição, fora das contingências e

hesitações que fazem de toda outra obra certo produto do acaso. Valéry reconhecia a obra de arte — quase no sentido diplomático da palavra reconhecer — isto que ela tem de insubstituível, de invariável, de cristalizado. Porisso é que o romance, do qual páginas poderiam ser bem outras, lhe parecia tocar menos à arte do que ao ordinário informe da vida. Em um poema, como em um desenho ou em uma sonata, nada se pode mudar se o trabalho de arte é perfeito. É esta perfeição da obra pessoal se estende a pessoa mesma, quando esta é verdadeiramente o "eu", desprendido de tudo o que poderia alterar o ser do "eu" pela presença virtual de outro "eu" dos muitos possíveis.

O "eu" perde então o tom que ele tem na vida. É assim que Valéry louva Descartes ter, por seu cogito fundado o eu sobre uma vontade interna do pensamento: "Quer sobre tudo explorar seu tesouro de desejo e de vigor intelectual, e ele não pode querer outra coisa". A idéia cartesiana é uma obra darte, neste sentido que a arte cria o artista como cria a obra.

É aí, com efeito, o termo da meditação valéryana sobre o mistério da criação poética. Este "eu" do artista, que se desprende da obra darte, é a arte que o determina. Antes da obra darte, era um "eu" tão só dos muitos possíveis do mesmo homem. "É o criador, que nós supomos a uma obra, como uma causa que não podia dar senão este efeito, é dela ao contrário uma criatura..." Criatura que, aliás, não se subtrai à variabilidade das criaturas neste mundo; pois é verdade que todo poeta tende ao absoluto pelo fim do seu poema, mas pela origem ele permanece ligado ao relativo; não há poema que não seja mais ou menos de circunstância. O princípio criador do "eu" e das obras do "eu" seria pois a seu tempo coisa de intra-humano e de extra-humano, uma força de apêlo a uma vocação em virtude da qual certos homens obteriam algumas vezes o milagre de reunir ao mesmo tempo que de reparar e de fixar as riquezas de que a humanidade nutre a sua vida confusa e acidental. Se se aprecia o que esta essência do homem tem de abstrato, de soberano e de estranho, a qualidade divina não podia ser-lhe negada.

Mallarmé foi o grão sacerdote desta divindade de que o eu poético é a criatura eleita. Valéry é dela o sumo teólogo. O deus, para o fim, foge à sua presa; mas os teólogos fazem só traçar os caminhos que vão do homem a um Ser misterioso, verdadeiro e adorado.



Festejaram, há poucos dias, suas bodas de prata, o sr. Manuel de Brito e a sra. Mary Guimarães de Brito. O fato deu ensejo a que fossem tributadas expressivas homenagens ao casal — do que os clichês acima reproduzem alguns flagrantes.

CHAPOVAL & FILHO

Movelaria Elite

OS VENDEDORES "RECORDS" DE SALAS DE JANTAR, DE VISITAS E DORMITÓRIOS EM TODO O NORTE DO BRASIL.

Rua da Imperatriz, 95

Fone. 2564

RECIFE

★ DO SÃO FRANCISCO AO CEARÁ ★

ADERBAL JUREMA

O SNR. Alberto Ribeiro Lamego, no seu estudo sobre "O Homem e o Brejo", editado recentemente pelo Conselho Nacional de Geografia, salienta o elogio que o sr. Gilberto Freyre fez dos "rios sancho-panças, sem os arrojos quixotescos dos grandes" (Nordeste-Ed. José Olimpio—Rio, 1937, pág. 45), que determinaram a localização dos primeiros engenhos de açúcar do Norte e do Sul. A posição ecológica dos nossos pequenos cursos d'água, realizada pelo sociólogo pernambucano, veio encontrar mais uma confirmação no trabalho do sr. Ribeiro Lamego que estudou, como técnico da terra e algumas vezes com entusiasmo ideológico meio arrevezado, para não dizer apressadamente — com um tom ditatorial ou facista nas críticas que faz— as relações do homem com a terra Goitacá desde os primórdios da colonização. Os rios pequenos foram, na fase da industrialização açucareira, abandonados, como já teve ocasião de dizer o sr. Gilberto Freyre. Eles se transformaram em cloacas das fábricas de açúcar. Hoje, do alto dos imponentes boeiros industriais, se olha para os grandes rios.

— Eis o São Francisco!

Os apologistas extremados deste grande rio, o rio verde-amarelo no seu sentido mais puro, dão a idéia de que o São Francisco resolverá todos os problemas econômico-sociais do Nordeste. Adeus pobreza, seca, carestia de vida. Tudo isto as águas volumosas que descem de Pirapora despejarão no Atlântico. Estes senhores, que confundem bases técnicas com bases econômico-sociais, estão fazendo do São Francisco um novo Antônio Conselheiro. De rio de imensas possibilidades técnicas, eles o estão transformando num rio messiânico, senhor todo-poderoso, capaz de suscitar um novo culto à semelhança do que os antigos egípcios tinham para com o Nilo.

A resolução de muitos problemas do Nordeste depende do aproveitamento inteligente do São Francisco. Mas, é preciso ser claro, o São Francisco não é a chave de todos os problemas do Nordeste. Se os pequenos rios aproveitados pelos colonizadores portugueses criaram ou auxiliaram a criar a aristocracia rural, o falado aproveitamento do São Francisco, na mesma rotina histórica, poderá fortalecer a plutocracia citadina ao invés de resolver os angustiantes problemas de miséria da população rural. O plano técnico do São Francisco — força hidráulica, irrigações, zonas de pastagens, está a exigir um plano econômico-social. Uma economia planejada e planejadora. Planejada no sentido propriamente técnico de possibilitar um ataque em conjunto de todas as suas possibilidades. Planejadora no sentido econômico-social — de uma maior extensão de benefícios técnicos a todos os trabalhadores rurais do Nordeste. É um conjunto de problemas e de realizações que não podem ser conduzidos à base de capitais particulares, nem poderão ser concretizados visando a lucros imediatos. Trata-se, antes de tudo, de dar um rumo certo à solução de muitos graves problemas do Nordeste, problemas que de fato dependem do São Francisco.

Em princípio, temos de reconhecer a necessidade imediata da remodelação dos nossos processos primitivos de trabalhar a terra. Precisamos sair da época colonial e entrar na fase industrial. Já não é sem tempo. Numa fase de pós-guerra, em que as grandes nações do mundo encaminham a sua economia para uma planificação extensiva, procurando, sem dúvida, uma saída pacífica para a crise gerada pela concentração de capitais, os responsáveis pela direção do país, que vão legislar dentro de poucos meses, não devem persistir no erro cômodo de intervir nas complexas relações entre o capital e o trabalho com decretos de precária vida citadina. De vida citadina, sim, porque na realidade a sua repercussão no campo é quase nula devido a situação de ignorância e de penúria que formam uma espécie de cortina de fumaça entre as legislações sociais e sua aplicação na zona rural.

A vida do Nordeste, — do brejo, da caatinga e do sertão — vem inspirando uma porção de romancistas e despertando a atenção dos nossos melhores estudiosos que não se limitaram ao domínio do histórico, indo mesmo mais adiante. As obras de pesquisa e de análise das nossas características como povo e dos fatores que dividiram o nordestino em uma maioria pobre em contraste com a reduzida



O rio São Francisco visto de um velho sobrado de Penedo. (Foto de Aderbal Jurema—1943)

aristocracia rica e poderosa, dos Euclides da Cunha, dos Gilberto Freyre, dos Caio Prado Júnior, dos Djacir Menezes, ao lado dos romances dos Lins do Rêgo, dos Raquel de Queiroz, dos Graciliano Ramos, dos Amando Fontes, redescobriram o Brasil. Chamaram a atenção dos poucos brasileiros que sabem ler para a vida de uma coletividade imensa lutando, numa luta de morte, contra os fatores nosográficos, climáticos e contra a politicagem e a organização rígida de um capitalismo semi-feudal.

Ainda um dia desses, o sr. Irineu Joffly Bezerra, secretário da Agricultura da Paraíba, dizia com clarividência que "o estudo dos

grandes problemas de produção regional deve ser situado dentro do panorama nacional e ter como objetivo final a industrialização e mais democrática distribuição dos deveres de criar e dos direitos de desfrutar riquezas" (Boletim da Secretaria da Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado da Paraíba, ano VI — número 1 — 1945, pág. 4). Outro técnico que já citamos, o sr. Ribeiro Lamego, nas conclusões de seu trabalho, escreveu: "Nas páginas deste livro há duas realidades vivas continuamente em realce, no complexo panorâmico da paisagem social Uma, a decorrer da própria geografia: a permanente luta contra os fatores nosográficos da planície. Outra a re-

sultar da mesma causa ainda com convite natural do meio à subdivisão do solo fecundo e em mãos de gente poderosa, por gerações de particularistas audaciosos; a pugna feroz do colono contra os Assecas, do dono da engenhoca contra os grandes senhores de terra, do lavrador contra a usina, do sítio e da fazenda contra a latifúndio." (liv. cit., pág. 165) São citações estas colhidas em trabalhos de técnicos e não de políticos no seu sentido partidário. De político partidário teríamos a palavra recente do sr. Luiz Carlos Prestes que, no discurso pronunciado no Recife em propaganda do candidato de seu partido à presidência da República, disse que "a elevação do nível de vida das grandes massas do campo só é possível pela liquidação do monopólio da terra" e acentuou que "essa minoria explora as terras de uma maneira atrasada, por processos os mais retineiros, quando não as deixa abandonadas, mesmo junto aos grandes centros de consumo e de vias de comunicação já existentes". Advertiu ainda ser "o problema número um de nossa economia" a industrialização da nossa agricultura. Pode-se discordar, contraditar ou temer as soluções propostas pelo líder comunista no que ele classifica de problema número um, mas, na ordem dos nossos problemas, a classificação é verdadeira. A respeito da política de divisão de terras, o sr. Joffly Bezerra esclarece: "A extensão da propriedade é sempre um meio, nunca um fim. Desatentos a essa preliminar, reformadores apressados, movidos pelo desejo sistemático de generalização, estão sempre a reclamar a solução primarista de dividir as terras, como se se tratasse de pura questão de equidade e não de um problema econômico. E sugere que a propriedade rural em alguns municípios da Paraíba "já está até mesmo demasiadamente fracionada". (Boletim cit., pág. 9) O secretário da Agricultura da Paraíba, aliás hoje ex-secretário, salienta que o importante "é promover o aumento da capacidade aquisitiva do proletariado rural e do próprio dono da terra que, em algumas zonas, onde predomina o regime latifundiário são parecidíssimas" Na zona da criação do gado, por exemplo, o problema não é dividir os latifúndios e sim elevar a capacidade aquisitiva do trabalhador rural, dando-lhe uma coparticipação nos proventos financeiros da criação de gado, como acontece com as cooperativas agrárias judias na Palestina.

Passámos revista aos técnicos e aos políticos. Vamos ouvir também o próprio homem do campo. Num janeiro de alguns anos atrás, tivemos o ensejo de percorrer todo o sertão do Nordeste e colhemos da boca do homem rural algumas informações que são as mesmas que se pode colher do São Francisco ao Ceará.

Um pobre homem de 45 anos, vestido de camisas apara-facada (camisa muito curta, quase sem mangas o que deixa a barriga a descoberto, feita mesmo para gastar o menos de fazenda possível) e calça meia-corona (no meio da perna, poupando pano), que vivia numa casa de taipa de uma porta só, com cinco filhos e a companheira, nos disse:

— A gente é obrigado a trabalhar três dias por semana para o fazendeiro, a dez tostões por dia. No pedaço de terra que ele nos dá, só a roça é nossa (mandioca, feijão e batata). O algodão a gente planta, tem cuidado com as lagartas e colhe, dando metade ao Coronel.

Um trabalhador dos Cariris Novos falou: — O meu patrão me obriga a vender a outra parte da colheita do algodão pelo preço que ele quiser. Quando a gente não tem dinheiro pra plantar, o Coronel compra o algodão na folha por 4 e 5 mil réis e, depois da sapanha feita por nós, vende por 15 ou 20.

Um outro meiro nos narrou que fez uma cunha de taipa no pedaço de terra que lhe deram para plantar e não tem direito a ela. No dia em que o Major se indispuser com ele, solta o gado no roçado e expulsa-o de suas terras sem lhe indenizar nem um vintém pela casa de taipa que ele e os seus filhos fizeram. São as expulsões a caaco de boi muito comuns no sertão e que, nas mais das vezes, transformam pacatos trabalhadores em terríveis bandoleiros.

A mulher de um mineiro explodiu: — Se a gente fosse contar a nossa vida de privações, o senhor passaria o tempo todo aqui. Fique certo que a vida da gente é não passar nunca disto. É uma miséria!

(Conclui na pág. 18)

A cabe com suas preocupações sobre problemas de controle e contabilidade: consulte-nos!

PODEREMOS SUGERIR-LHE BOAS SOLUÇÕES

Caixa Registradoras NATIONAL S. A.

MATRIZ

RUA DO CHILE, 31 - Caixa Postal, 974
RIO DE JANEIRO



FILIAL DE PERNAMBUCO

AV. MARQUES DE OLINDA, 182
Caixa Postal:- 449 - RECIFE



CAIXAS REGISTRADORAS E MAQUINAS DE CONTABILIDADE

National

Falam os Críticos

Do Sul:

ERA NOVA

"E, pois, sem grandes ilusões que ponho o pé neste limiar da idade nova. Sem grandes ilusões, mas com a plena certeza de que temos de dar tudo para que a verdadeira liberdade seja difundida e para que possamos ter ordem em nossa casa política. A ordem é um meio. A liberdade um fim. A ordem é a sociedade humana. A liberdade é a pessoa humana, em sua marcha para a eterna Bemaventurança ou o eterno Ranger de dentes.

Três caminhos se abrem na planície política que ora começamos a descortinar. Os três clássicos caminhos que a terminologia parlamentar crismou de —direita, esquerda e centro— e que o totalitarismo anti-parlamentar tentou substituir, ozalá em vão, por uma "unificação mecânica", que é a caricatura da verdadeira unidade orgânica baseada na variedade humana. As eleições de hoje se fazem justamente para que possamos sair da falsa unidade, representada pela supressão dos partidos, pelo governo autoritário, pelo arbítrio, pela propaganda, pela demagogia e entrar na variedade e na convivência pacífica dos iguais, dos afins e até dos contrários, sinal da verdadeira democracia.

(Tristão de Athayde—Trechos de artigo — "O Jornal" — Rio, 2-XII-1945)

UM APELO DE MURILO MENDES

"Restringindo os domínios do mundo estaremos automaticamente restringindo o mundo maravilhoso do homem. O homem atual está com "pudor da poesia" fenômeno que não tem sido facilmente muito observado. Qual o homem de hoje, pelo menos o homem da grande cidade capaz de se abandonar livremente diante de manifestações poéticas que, entretanto, não são assim tão escassas mesmo na vida contaminada da dita grande cidade? Qual o homem capaz de dar um grito de deslombamento diante de um garoto com um terno de veludo roxo e gola de rendas, transitando pela rua do Ouvidor às quatro horas da tarde, ou de se surpreender diante de uma senhora bafokeana com um vasto chapéu de plumas e um vestido de babados verdes, esperando o bonde no Taboleiro da Baiana? ...

Das colunas deste jornal faço um apelo a todos os escritores, artistas, professores, aos pais em geral, para que me remetam pelo correio endereçada à Rua Senador Vergueiro, 203, D. F. — uma relação de ditos e gestos de seus filhos ou alunos que considerarem dignos de registro. Assim poderá se constituir no Brasil a célula original do grande livro que um dia será recolhido em todos os cantos do universo — a elucidativa e monumental Bíblia das Crianças.

Em um outro artigo prometido dar a conhecer alguns dos ditos infantis que venho recolhendo há vários anos.

(Murilo Mendes — Trechos do artigo "A Poesia da Criança", do "Correio da Manhã" — Rio, 16-XII-1945)

Da Provisória:

LEMBRANÇAS DE GENTE ILUSTRE

"Quanto mais viva é a literatura de um povo e mais observante, portanto, a atração que o espetáculo das atividades contemporâneas exerce sobre os espíritos, mais se impõe a volta ao passado, a evocação dos nomes e das figuras que se foram.

As poções e as concepções de uma determinada época fornecem uma visão sempre falha, porque parcial, do universo. Só as perspectivas que a história nos revela, permitem-nos ver a origem e o traçado das correntes em cujas tomas nos debatem. E não há outro processo de chegarmos a uma noção mais ou menos exata do que somos, sem compararmos as nossas forças e os nossos feitos com as forças e os feitos que pularam e ocorreram outrora. Assim como o estudo de outra língua revela as particularidades da nossa e os costumes

de outra gente ensinam-nos a ver melhor os costumes da gente que desde o berço nos cercou, o conhecimento do passado ilumina a consciência que devemos ter de nós mesmos.

Penso nisso ao abrir dois livros que desde algum tempo estavam em minhas mãos e que o atropelo de muitos trabalhos me vinha impedindo de ler, apesar do apelo que me pareciam fazer os dois grandes vultos a cujo estudo se consagravam: Augusto dos Anjos e João Ribeiro".

(Luiz Delgado — Trechos de artigo — "Jornal do Comércio" — Recife, 23-XII-1945)

UM LIVRO DIABÓLICO

"O que faz a força e aviva o gênio dos grandes romancistas é precisamente o poder que eles revelam de não se traírem jamais nos seus personagens, de se impossibilitarem na sua arte; não tomar em nenhum momento parte direta e imediata nos incidentes da sua ficção. O que não é fácil. Num livro de memórias, porém, conseguir um autor impossibilitar-se da mesma maneira como se não fosse ele o principal e único personagem, ficar como um seu próprio espectador, e para reverter-se num estoivante e remoto período de vida, não é uma força apenas de escritor, mas um heroísmo. E nesse heroísmo encontra-se alguma coisa de diabólico. Porque sempre que o indivíduo concentra-se na observação de si mesmo — dos seus atos, dos seus sentimentos, das suas impressões até o ponto de esquecer o amor-próprio, de esquecer esse doce lago interior da sua vida de Narciso, ele fica mais diabo do que homem.

Graciliano Ramos, em "Infância" teve essa coragem dehumanizada. A sua acuidade introspectiva chegou quase a desincarná-lo. A sublimidade em idéia e em sensação pura."

(Ovílio Montenegro — Trechos de artigo — "Diário de Pernambuco" — Recife, 2-XII-1945)

NOTAS A MARGEM DE UM LIVRO SOBRE RUI

"Se uma frase apenas fosse preciso escrever acerca do livro do sr. Luiz Delgado (Rua Barbosa — Coleção Documentos Brasileiros da Editora José Olímpio), estou certo de que não haveria vacilação: a fidelidade do livro ao autor, ou se quiserem, o contrário: do autor ao livro, levaria a melhor. O homem e o escritor não se separaram um momento sequer nessa de ambos humildemente chamada "tativa de compressão e de síntese". Mesmo porque não haveria, no caso, nada que o justificasse.

Estados diante dum estudo profundo, do mais profundo estudo que, até hoje, se escreveu sobre Rui Barbosa.

É que o sr. Luiz Delgado preocupou-se mais, quase exclusivamente mesmo, com o espírito de Rui Barbosa do que com Rui Barbosa na sua contingência humana, com o sentido das atitudes dele, do que com essas atitudes em si mesmas, por mais dramáticas que tenham sido ou parecido ser.

Dai um despojamento total de tudo quanto é eloquente ou verbalismo, do gírio para pegar leitores ou admirações fáceis. Se a garfura fosse necessária à vida de todas as coisas, o volume de "Coleção Documentos Brasileiros" não teria aparecido. A exatidão das frases ou dos conceitos adidos não entra na sua química.

E se de fato "o estilo é o homem", se ainda se pode repetir essa velha definição, aí está o sr. Luiz Delgado com a sua aridez amena, em plena sobriedade de expressão, debastando ramagens supérfluas que elas não encontrariam a embombrar no vida ou na obra desse autêntico escritor".

(Mauro Mata — Trechos de artigo — "Diário de Pernambuco" — Recife, 9-XII-1945)

ÊCA NO RECIFE

"Um crítico português salientou, quando do aparecimento dos livros dos srz. Vianna Moog e Alvaro Lima, que o Brasil estava compreendendo melhor Êca de Queiroz do que o seu Portugal,

O LIVRO DO MÊS



INFANCIA, do romancista Alagoano Graciliano Ramos, editado pela Livraria José Olímpio, é a obra que NORDESTE indica como o melhor livro do mês de dezembro de 1945. Esse livro de memórias e de imaginação do romancista de "Angústia" escreveu alcançou uma repercussão invulgar na crítica literária brasileira do norte, do sul e do centro. Também os livreiros do Recife informam que foi um dos livros mais procurados neste fim de ano. E os leitores comentam no nas portas das livrarias, lei-

tores de romances psicológicos e de romances sociais. Graciliano Ramos é, na realidade, o único romancista atual que soube fazer de seus livros um produto híbrido em face das tendências do romance brasileiro acima indicadas. Seus livros são grandes em extensão social e em profundidade psicológica. "Infância" revela uma obra decisiva, adulta, sem nenhum traço do escritor principiante. Nas suas páginas não há nenhuma pressa, nenhuma frase supérflua. É um livro meditado, bem escrito e sério.

Nesta crônica, que é mais um registro do que um comentário crítico, nós saudamos no aparecimento de "Infância" algo de definitivo na literatura brasileira contemporânea. Das suas páginas desprende-se uma força de criação artística só encontrada nas antigas literaturas europeias.

Sem ter sedução pela glória, na aridez aparente de seu estilo o sr. Graciliano Ramos é, sem favor, um dos maiores escritores sul-americanos. Livros como "Infância" ficarão como verdadeiros marcos vivos da nossa história literária.—A. J.

LIVRARIA IMPERATRIZ

Grande sortimento de livros nacionais e estrangeiros

Figurinos e artigos de papeleria

Aceitamos encomendas das edições "MACMILLAN" a Cr\$ 20,00 o dolar

Livros escolares

Imperatriz, 17 — Fone, 2383

Recife — Pernambuco

Falam os Tradutores

A ESTRADA DO TABACO — Erskine Caldwell

Traduzi este livro com carinho. Infelizmente o tradutor no Brasil é obrigado a uma série de sacrifícios e resulta-lhe quase impossível dedicar-se inteiramente ao seu trabalho. Mesmo um livro traduzido com amor pode apresentar, na sua versão para outra língua, uma série de falhas. Elas não são, contudo, intencionais. E se existem peço desculpas ao autor de "A Estrada do Tabaco" e aos leitores que, não podendo ler o original, se vêm obrigados a recorrer a esta tradução.

principalmente numa época em que a obra daquele romancista já nenhuma influência exercia na literatura brasileira. Naquele tempo falava russo o sr. João Gaspar Simões. Hoje seria injusto dizer-se o mesmo depois da publicação de seu recente livro sobre a vida e a obra de Êca de Queiroz. Mas, se na literatura brasileira, a influência de Êca terminou em Coelho Neto, não aconteceu o mesmo com os tipos do autor de "Os Maíus" porque na vida de nossa província eles continuam existindo. Tão vivos que se Êca vivo fosse e visasse dar um bocado por estas plagas teria que redigir muitos apelos como aquele que dirigiu ao poeta Bulhão Pato para se retirar de dentro de seu personagem — o Tomaz de Alencar d' "Os Maíus".

(Aderbal Jurema — Trecho do artigo "A margem de Êca de Queiroz" — "Jornal do Comércio" — Recife, 18-XI-1945)

INTRODUÇÃO A ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR — A Carneiro Leão

"Todas ou quase todas as suas obras versam sobre a matéria em que se especializou e se tornou autoridade notável. Neste livro, já em segunda edição, sente-se como nos demais, a preocupação constante de controlar as teorias pelos fatos, de revê-las à luz da experiência pessoal no trato dos problemas práticos que foi chamado a estudar e a resolver. É sobre os dados concretos que procura fundar os seus ensinamentos e as suas construções teóricas. Os problemas de organização e administração escolar, de inspeção, fiscalização e orientação técnica, de flexibilidade e articulação de cursos, e do método são postos em seus termos exatos, estudados e discutidos com lucidez, segurança e largueza de vistas. Na exposição da matéria, nos exemplos com que a esclarece e nas conclusões em que a resume, em cada capítulo, o ilustre autor move-se, como em seu próprio elemento, dando-nos o livro que dele se poderia esperar, realmente útil aos estudantes e professores".

(Aba de livro—2.ª Edição da Companhia Editora Nacional—São Paulo, 1945)

HISTÓRIA SINCERA DA FRANÇA — Charles Seignobos (Trad. de Anísio Teixeira)

"Este livro, como bem diz o título, é algo de novo nas histórias nacionais ou locais. Não é uma história da França como as outras, isto é, uma história da França sob o ponto de vista oficial francês. É a história da contribuição francesa ao mundo e da contribuição do mundo à França. O autor estuda o passado do seu país, como ele próprio o afirma, sem reticências nem reboços, sem atenção às conveniências oficiais, sem respeito pelos personagens célebres ou pelas autoridades consagradas.

(Aba de livro — Edição da Companhia Editora Nacional—São Paulo, 1945)

EDUCAÇÃO E VIDA PERFEITA — Bertrand Russell (Trad. de Monteiro Lobato)

"As teorias educacionais de Bertrand Russell têm exercido marcada influência na formação intelectual de um grande número de jovens pedagogos americanos. Filósofo despido de sectarismo e alheio a dogmas e preconceitos, Bertrand Russell sabe analisar todos os aspectos do problema educacional, sem se afastar, por um só momento, da esfera mais ampla do pensamento científico. Dai o valor de sua obra e a força

de persuasão das doutrinas nela defendidas".

(Aba de livro — Edição da Companhia Editora Nacional—São Paulo, 1945)

Do Rio Grande do Sul

VIDAS ILUSTRES — Hendrik Willem Van Loon (Trad. de Marques Rebelo)

"Este livro conta a história da vida e filosofia pessoal de quase uma centena de grandes homens e mulheres do passado, de Platão e Confúcio a Robespierre e Chopin. A tradição iniciada com "A História da Humanidade" e "As Artes" continua-se aqui de maneira brilhante. Mas ao passo que estes livros contavam a história, o gênio criador da humanidade, VIDAS ILUSTRES narra a história das aspirações da própria humanidade; da eterna luta pela liberdade de pensamento e de ação."

Vidas Ilustres é um livro essencialmente humano. O método que o autor escolheu é tão atraente quanto original. Todas as personagens surgem numa série de jantares deliciosamente fantásticos que Van Loon lhes oferece."

(Aba de livro—Edição da Livraria do Globo—Pôrto Alegre, 1945)

PEDRO E LÚCIA — Romain Rolland (Trad. de Carlos Lacerda)

"Romain Rolland novelista, ensaísta e musicólogo (1866-1944), nasceu na pequena cidade francesa de Clamecy, cujas tradições de independência foi por ele mais de uma vez acentuada. Seu amor pela liberdade veio-lhe não só do torrão natal, mas ainda da própria família, pois já no século XVII seu bisavô fora um dos "Apóstolos da Razão". O pai, o avô e o bisavô foram notários. Romain Rolland recebeu, pelo lado paterno, o espírito gualês, livre, claro e crítico, com sua inclinação para a terra. Do lado materno, recebeu o espírito religioso, sério e profundo, com as suas ligações jansenistas nos séculos XVIII e XIX. Seu amor pela música deveu-o à mãe que nele o criou. Foi Romain Rolland uma das maiores vozes europeias, se não a maior, que clamaram pelo pacifismo.

(Aba do romance "Pedro e Lúcia—Edição da Livraria do Globo—Pôrto Alegre, 1945)

NAS LIVRARIAS: "DEMOCRACIA E PLANIFICAÇÃO"

Aderbal Jurema
Edições "Nordeste"

A BRASILEIRA

TECNIÇOS E SEDAS POR ATACADO E A VAREJO

A. Simis & Irmãos

RUA DA PENHA, 68
RECIFE

★ A POESIA DE AUSTRÓ-COSTA ★

ANTÔNIO NOBRE

(Num quarto de hospital, alta noite, em febre alta.)

Anto, meu grande irmão, "Dom Enguiço" sombrio, ninguém te amou como eu: mesmo antes de te ler! Falavam-me de ti, de teu gênio doentio, e só bem tarde o "SÓ" me fez te compreender...

Tu, que amaste o choupal e o Mondego, — o teu [rio — e detestaste o Sena, e o céu de França, a arder nos seus poentes de sangue, honraste o pátrio brio: longe de Portugal não quiseste morrer!

Meu mestre de ultra-mar! Só tristeza e derrota tua Arte me ensinou, talvez para o meu bem... Tossiste sangue... E eu, não irei na tua rota?

É uma "tísica daima", o que me rói também? Não sei. Mas, no teu mal, tiveste uma Carlota... E eu talvez morra aqui, meu irmão, sem ninguém!...

*

BELEZA E PERJÚRIO

Não me destes, Senhor, a Companheira, a alma que, unida à minha, a simbiose mais perfeita formasse, de maneira que tudo em mim fôsse metamorfose;

não me destes a angélica enfermeira, que do bálsamo ideal a exata dose trouxesse a esta inquietude, a esta canseira, trevas mudando em luz de apoteose;

Não me destes Aquela, dentre tódas, que amei e ainda amo, justamente Aquela de quem com outro assisto agora às bódas;

destes-me, entanto, um coração bem ruído, para esquecer toda a beleza dela e o seu perjúrio — tão maior que tudo!...

*

O CANTO DO CISNE

Mil amores cantei. Fáceis amores... vagas quimeras... leves utopias... vãos devaneios de que enchi meu dias nos vinte anos azues dos sonhadores...

Mil amores cantei... Mas, entre flores, beijos, risos, promessas, fantasias, vi-os bater as asas fugidias... Não me deixaram lágrimas, nem dores.

Este, porém, que se aprimora em pranto e renúncia em minh'alma, — estranho e santo amor, a que não trazes teu socorro —,

êste, sim! vale o canto que te oferto. Ouve-o, e guarda-o! Ele é teu. Será, decerto, o meu canto de cisne. Canto-o, e morro!

*

O ÚLTIMO PORTO

Porto do Desencanto. Cais do Tédio. Calmaria. Abandono. Solidão. (A quem dizer meu último epicéδιο? A quem fazer minha última canção?)

Depois de tanto malogrado assédio a naus esquivas que bem longe vão, — êste ancorar soturno, e sem remédio, do velho brigue que é meu coração...

Meu navio-pirata doutros dias, velas colhidas — que de nostalgias nessa langue modorra junto ao cais!

Ontem: Mar alto... expedições bizarras... Hoje (é inútil que tremas nas amarras): a solidão... a bruma... o nunca-mais!...

*

BUSCA, APENAS, SER JUSTO...

Busca, apenas, ser justo. E, quando te souberes capaz de todo o Bem, sem visar galardão; quando, entre as ruínas paixões dos homens e as [mulheres, te sentires sereno e extreme de paixão,

não te julgues ainda o Ser que ser preferes:

o homem feliz, o homem perfeito, o homem- [padrão...
Espera a Dor, espera o Mal! E bem que [esperes...
Quando fores capaz de Renúncia e Perdão,

então, sim! estarás no caminho do Justo. Caminho que é mister vencer a todo custo, embora os cardos maus, embora as pragas vis...

Renuncia! Perdoa! E, em face a toda guerra, tu, que amaste e sofreste, encarnarás, na terra, o homem perfeito, o homem-padrão, o homem [feliz!

*

A LIÇÃO DA ACÁCIA

Vês a acácia do parque? Todo o inverno, labutou e sonhou... E, na estacada, ramas tocando o chão, predestinada, a raiz afundou, num sonho terno.

Glória à humilde raiz! Glória à enterrada morta-aparente! Glória ao seu materno instinto que fecunda, em pleno inferno, o ridente milagre da florada!

Sim! Lá-baixo é a asfixia, a treva, a luta,



Reprodução da capa de "Vida e Sonho", o livro de versos de Austro-Costa, cujo aparecimento em nossas livrarias é esperado ainda este mês. A capa é um trabalho de Luiz Teixeira

o trabalho forçado das raízes, a exaltação das mais fecundas dores...

Mas, chegado o Verão, cessa a labuta, e ei-la, — a Acácia —, a abençoar as cicatrizes e a engrinaldar a Vida, aberta em flores!...

*

O IDEAL NOIVADO

ESTOU noivo, senhores, de minh'alma, e o casamento é para qualquer dia. Vou assentar a vida boêmia e incalma que até hoje levei, triste e vazia.

À cruz da Solidão sucede a palma de acanto da Ternura e da Alegria: Um grande Amor dentro em meu peito salma e a boa-nova, em glória, ao mundo envia.

Tréguas, enfim, à Angústia! Enfim: a calma! Tréguas, enfim, à trágica ironia do meu drama interior, digno dum Talma!

Mulheres: Qual de vós me entenderia? Sabei, pois: Estou noivo de minh'alma. E o casamento é para qualquer dia.

*

CAPIBARIBE, MEU RIO...

Capibaribe, meu rio, espelho do meu sonhar, quero fazer-te o elogio, mas penso: Se te elogio, é a mim que estou a elogiar...

Capibaribe, meu rio, espelho do meu sonhar...

Meu velho Capibaribe, meu irmão de Sonho e Amor... (Sabichão que aí se exhibe emenda: Capiberibe... E isso me dá raiva e dor).

Meu velho Capibaribe, meu irmão de Sonho e Amor...

Capibaribe, meu rio, que vida levamos nós! Tu corres: eu rodopio... E há quarenta anos a fio: sempre juntos — e tão sós!...

Capibaribe, meu rio, que vida levamos nós!

Mas, sabe Deus a constância com que sofreste e eu sofri, para, vencida a distância, vermos quão cega foi a ânsia que nos trouxe até aqui...

Mas, sabe Deus a constância com que sofreste e eu sofri...

Capibaribe, meu rio, vinhas de longe a correr. "Aonde vais, poeta vadio?" E, ouvindo o meu desafio, paraste para me ver...

Capibaribe, meu rio, vinhas de longe a correr...

Paraste... e, logo, nascia em mim a doida ambição de seguir-te... Até que, um dia, fiz a enorme tropelia de abandonar meu rincão!

Paraste... e, logo, nascia em mim a doida ambição...

Capibaribe, meu rio, tal chegaras, tal cheguei... Mercê do Fado sombrio, tudo sofri, mas com brio: sem dizer "Aqui-del-Rei!..."

Capibaribe, meu rio, tal chegaras, tal cheguei!

Por te ouvir, que triste engano, Capibaribe!... Que horror! Que destino inglório e insano! Tu corrias para o Oceano, eu corria para o Amor...

Por te ouvir, que triste engano! Triste, mas encantador...

A QUEIMADA

NO meio-dia rubro do Instinto, a sinistra queimada de minha volúpia na mata virgem do teu Desejo... E, na selva aflita, morena, convulsa de tua Carne — canela e baunilha — estalando, chiando, cantando as mil línguas de fogo dos meus beijos.

Tua carne cheirosa — a mata incendiada!

Na dantesca aflicção da selva comburida, dos passarinhos de teus sonhos à corça arisca de teu Pudor, tudo — ramos e frutos, flores e ninhos, sêres e coisas, tudo a arder, sem revolta, às labaredas do brutal incêndio!...

Mas sobreveio a tarde do Remorso. Que nos restava da fatal Queimada?

O que fôra Desejo era agora só tédio e cinza morna. Sacedade...

Piedosa e inútil, sôbre a cinza e o tédio caíu, então, a chuva tropical de nossas lágrimas.

CINEMATOGRAFIA

DUAS NOTAS

Está agonizante o filme de "cow boy" e com ele vai desaparecendo uma das tradições maiores do cinema. O tipo de história que fez época, no tempo do mudo, vai definindo desde que o som tomou conta da película. Era, por excelência, o "far west" a fonte de inspiração para os diretores de cena do cinema mudo, e nenhum deles desdenhava um drama onde as galo-

sua profundidade na cena, para ficar sujeita às novas condições técnicas que o cinema ganhou, com a revolução dos antigos métodos de fazer filme.

Antes, o processo era simples, su-

às vezes, tanto deturpa e torna mediocre o trabalho.

E, assim, morre a poesia das coisas simples, dando lugar à mecanização das idéias. Não raro, vemos um tema inteligentemente engendrado por uma bela imaginação, perdido em meio à complexidade dos trabalhos de um estúdio moderno.

O filme de "cow boy", porisso, agoniza. E, com ele, somem-se as nossas esperanças de uma "rehabilitação do cinema, que não deve retroceder, certamente, mas buscar atrás as fontes de inspiração de que carece.

Não resta dúvida, fazer cinema, agora, é coisa mais difícil. Mas o seu futuro corre perigo, porque o segredo do seu êxito consiste em dar ao público, cada hora, novidades técnicas que possam suprir o vazio aberto com a pobreza da imagem.

ESPERANÇAS QUE MORREM...

Luiz Felipe Vieira

padas, os duelos de revólveres e as lutas apareciam com todo destaque, e tanto mais eram apreciados quanto mais eram postos em evidência.

William Farnum, Tom Mix e Buck Jones foram os pontos altos dessa fase gloriosa da arte cinematográfica. Eram os vaqueiros, então, os heróis mais cotados da aventura e do romance.

Mas, tudo passa, e o filme de "cow boy", que havia sido um tema permanente dos estúdios norte-americanos e também uma das suas maiores fontes de renda, no passado, caiu em declínio sob a pressão de inovações técnicas que acabaram por ocupar todas as atenções, lançando para plano secundário tudo o mais.

A mecanização da arte foi o seu capítulo seguinte.

De fato, o aperfeiçoamento do material de filmagem e de gravação, com os seus acessórios, roubou as melhores intenções dos diretores e produtores, desde que a tela principiou a falar. E como consequência disso, a imagem perdeu a

bordinado apenas as leis próprias da linguagem do cinema.

O trabalho era mais artístico do que meramente mecânico. Não havia obediência senão à linguagem universal do foto-drama.

Naquele tempo não existiam aparatos, nem instalações custosas e complicadas, nem controles que forcem a realidade, nem esse fogo de artifício que,



O produtor Walter Wanger escolheu IVONNE DE CARLO, a "pin up girl" das forças armadas norte-americanas, entre cerca de 20.000 jovens de grande beleza, todas candidatas ao papel principal do filme "Salomé where she danced." Yvonne nasceu em Vancouver, no dia 1 de setembro de 1922. É filha de pai inglês e mãe francesa, esta professora de dança e de quem recebeu as primeiras lições, sonhando vir a ser um dia bailarina famosa. Mas, o teatro a fascinava. Em 1941, foi contratada pelo "Florentine Gardens", luxuoso "cabaret" de Hollywood, como bailarina, e daí passou a outros clubes noturnos. E foi dançando que Yvonne ganhou fama, até que os cadetes da Real Força Aérea Canadense conseguiram a sua entrada para o cinema, através de Walter Wanger. O seu artista predileto é Conrad Veidt. Tem admirável saúde, pele adorável, cor de marfim. Evita os alimentos farináceos, bebe muita água, vive ao ar livre, não fuma, não bebe e, muito raramente, frequenta os "night-clubs."

Quando a gente fala em artista não fala em beleza. Dai porque, de um modo geral, todas as "estrelas" realmente belas não são realmente artistas. A experiência da vida prima sempre por mostrar, com certa tristeza de nossa parte, que as mulheres supinamente bonitas, na maioria das vezes, não têm alma de artista, nem emoção interior para transmitir a outrem. E a verdade é que elas, que são muito superficiais, tanto quanto o carmin que usam ou o vestido que exibem à flor da pele. O mal do cinema moderno foi ter-se apegado de tal forma ao belo físico que raramente nos transmite uma funda e nobre emoção. Fica à tona, explorando na superfície o nosso gosto fácil pelas coisas mais volúveis deste mundo, que só mesmo querem iludir a nossa boa fé de espírito.

Mas, é assim, na tela como cá fora: as aparências enganam. E quem não gosta de ser enganado?

Toda vez que um ano termina, a gente gosta de indagar sobre a qualidade do material exibido nos cinemas que frequentamos.

Nem sempre, porém, esse retrospecto vale a pena tentar, porque a estação cinematográfica quase nunca deixa saudades.

Assiste-se a muito filme, na verdade, mas o que sobra em quantidade falta em qualidade, e cada período igual que passa se caracteriza pela mesma monotonia, sem grandes êxitos a registrar.

Lamentavelmente, procura o "fan" lembrar os bons momentos vividos no interior de um cinema e não os encontra. Uns raros instantes apenas, que se perdem no meio de uma babel de coisas muito insossas como são os filmes que nos mandam agora.

1945 foi um fracasso. Um ano ôco de bom cinema.

Que este 1946 seja mais promissor, e que possamos nele sentir a beleza da arte, sem as concessões comprometedoras ao gosto fácil, ao vulgar, e que o cinema possa ser mais do que um fator de gordas rendas.

L. F. V.

UM FILME PERNAMBUCANO EM PERSPECTIVA

Jota Soares não pode negar que pertenceu à velha guarda do cinema pernambucano.

Sonha ainda com um plano de realização que deixa a gente ficar pensando no quanto pode a força de vontade alimentada por um ideal.

Trabalha, no silêncio das noites, na esperança de um dia fazer cinema no Recife. E morrerá, sem dúvida, muito feliz, se chegar a nos dar um filme rodado aqui mesmo na sua cidade natal.

Agora, dedica-se, de corpo e alma, a uma história que escreveu e ele mesmo deseja levar para a tela: "A feiticeira da rua da Moeda".

Só o fato de pensar em cinema, atualmente, entre nós, é sinal de coragem. Mas isso não vem ao caso, porque essa gente que já fez rodar "câmeras", em Pernambuco, não conhece impecilhos. E não temos razão para duvidar de que Jota possa, algum dia, tornar realidade o seu sonho já começado na mocidade.

Ainda assim, conhecendo a fibra e a determinação de velhos cinematografistas de valor do cinema pernambucano, Jota veio nos surpreender com um ri-



quíssimo album contendo, em cartazes desenhados e fotografias, um esboço para o seu "A feiticeira da rua da Moeda".

A idéia se nos afigurou bastante a-

proveitável, e nem por um momento pensamos noutra coisa a não ser na película já pronta para ser estreada.

O argumento do filme, a deduzir pelo que vimos e pelo que fomos informados, é todo feito de crimes e aventuras. Desenrola-se num antro de perdição do Recife antigo: a rua da Moeda.

O local onde transcorre a ação do trabalho de Jota foi meticulosamente estudado pelo seu autor e um grupo de cinematografistas, antes da demolição que sofreu.

"A feiticeira da rua da Moeda" apresenta personagens de contos policiais e cada passagem do drama é feita para impressionar, pois mistura bruxas, mulheres perdidas, homens diabólicos, assassinos, aventureiros, comércio de contrabandos, cafés baratos, venda de entorpecentes, etc.

Jota revelou-nos o seu propósito de levar para tela esse romance que, se for montado condignamente, poderá fazer sucesso, pois contém precisamente aquilo de que mais gosta o espectador de filmes: aventura policial, mistérios e

crimes perpetrados em ambiente de "bas fond".

Queremos, daqui, felicitar a Jota Soares pelo magnífico trabalho que gentilmente nos apresentou. As suas fotografias e desenhos (já os "croquis" dos cartazes do filme) permitem uma visão perfeita da obra que tentará levar para o cinema. E aproveitamos a oportunidade para lhe sugerir a confecção de um filme mudo, com cenários e montagem à altura do seu entrecho movimentado, porque talvez a abstração do som, nesse caso, possa concorrer para tornar possível a filmagem. Além disso, quem se arriscae a apresentar, nos dias que correm, um bom filme mudo, embora com gravação de fundo musical, teria contribuído para chamar a atenção das platéias com uma novidade que estava mesmo fadada a repercutir no estrangeiro.

Que o cinema pernambucano, já coberto de glórias do seu passado, possa ficar enriquecido com mais esse trabalho de Jota Soares que a todo custo os homens de bem da nossa terra e os verdadeiros amigos do cinema nacional devem apoiar.

CASAMENTO

Lourenço viajou num sábado e no domingo se fez o casamento. A casa ficou uma beleza, enfeitada de bandeiras azues, vermelhas e brancas. Lutas de croitos cobertas de papel de seda de várias cores e as palmeiras bonitas tomavam os cantos da casa. O altar foi armado na sala de visita; a mesa da sala de jantar coberta por linda toalha branca, enfeitada com renda do Ceará. As poucas famílias de Pimenteiros vieram, havia até primas de Chico Pereira. Na hora da confissão, o padre Luiz Gonzaga aconselhava Jorge a se tornar religioso. Discutiram um pedaço porque, no meio do ato, Jorge embatucou, afirmando que aquilo era inútil, não acreditava em nada do que o padre dizia. Então, Luiz Gonzaga, o padre, sentiu-se "sumamente ofendido", observando com energia que, sem os cumprimentos dos dogmas da Igreja, o mundo estaria àquela hora ninguém sabe onde. Jorge, objetivo, propunha-se a dizer porque não topava com o confissionário.

— Outro dia o senhor estava na minha loja quando riscou lá na porta um homem que vinha às pressas e com lágrimas, chamar o senhor pra fazer a confissão da mãe dele que estava morrendo. Que foi que o senhor disse a ele depois de perguntar a distância e de olhar no céu que ainda ia chover, um bocadinho? Não se lembra? Eu me lembro que o senhor disse que ela podia morrer descansada. Eu vendo que se tratava de uma coisa desnecessária, achei também que não precisava fazer.

O padre irritou-se, estava nervoso, disse que Jorge mentia. Ai houve uma alteração e ambos se levantaram sem que tivessem terminado. Nisto o padre mete a mão no bolso e topa com o volume conhecido do baralho. Ficou agoniado com aquilo, mas aperta-o sempre. E se Jorge vai descobrir que o meu nervoso decorre da noite acordado na orelha da toa? — é o que pensa Luiz Gonzaga, o vigário. Procurou se controlar e, antes que se espalhasse pela povoação que tinham brigado, tranquilizou Regina e Clara:

— Eu já havia confessado esse cabeça dura, estávamos conversando como bons amigos.

O padre Gonzaga gostava de pilhérias, por isso acreditava-se que ele não iria brigar num momento daquele. Quando passou perto de Clara, pôs a mão na cabeça dela:

— Cuidado, minha filha, você vai casar com um judeu.

Jorge se desculpava:

— Se eu não quisesse casar na Igreja ninguém me obrigava.

Levaram o padre para a sala de jantar, ofereceram-lhe bebida. Uma prima do cangaceiro Pereira, muito católica, prevenia que gente de batina não bebe álcool, por isso seria interessante fazer depressa um copinho de aluá. De mão no bolso, padre Gonzaga sustenta o baralho, sua fina mão desliza sobre uma carta

DOIS TRECHOS de "NOITE GRANDE"

PERMINIO ASFORA

— Mas pelo amor de Deus, vá embora, Jorge. Não faça isso!

Jorge foi buscar Clara para levar para casa, disse ao pessoal que ia embora, mas podiam ficar dançando. Trouxe cerveja da venda perto, trouxe também vinho, conhaque e cana; mandou enterrar na areia molhada as garrafas de cerveja e gritou no meio da sala que já havia bebida:

— Mas cadê músicos?

Um louro, magro, apareceu para informar que tinha arranjado orquestra de pau e corda.

— Então tá tudo certo, disse Jorge. Porque a orquestra vai chegar na hofinha da cerveja ter esfriado. Não fico também pra dançar porque só sei pisar pés de moças. Outro dia fui dançar, quando acabei, a dama tirou as meias e lá se vinham as unhas dentro.

O pessoal achou divertido. Na porta, Regina e Clara se assoavam.

— O que é isto, estão chorando? — perguntou Jorge.

Regina se lembrava das suas astúcias a respeito da religião, balançava a cabeça, olhando para os céus.

— Deus te dê juízo, cabeça de vento.

VIAGEM

As seis da manhã, acompanhado de vinte homens, Jorge caminha para a serra. Ninguém esqueceu de trazer à cintura uma cabeça d'água, pois seria desafiar o terreno ingrato que vão encontrar; e para que a fome não os pegue à traição cada qual leva seu coberter cheio de mantimento. Quase da porta de casa começam a usar o facão para abrir o mato, caminho por ali mesmo só para os animais selvagens e para as aves do céu. Muitas vezes tropeçam nos montões de garrações e quando um cai do seu cavalo os que vão a pé esperam e muitas vezes seguram o estribo. Aquela é uma luta que vem de séculos, homens enfrentando as matas, lutando contra as feras e contra os insetos, morrendo de febre ou de mordidura de cobra venenosa, demandando os terrenos para seus semelhantes. Os chapéus de couro estão enterrados até os olhos, mas mesmo assim galhos espinhosos desprendem-se de quando em quando em largas chicotadas, rasgam orelhas ou tra-

çam linhas de sangue através dos rostos duras pelo sol. E uma viagem demorada e fatigante, em que pedaços enormes de árvores derrubados pelos fortes aguaceiros constituem poderoso obstáculo. Carregam a tiracolo um rifle e em volta à barriga vai a cartucheira. Aquelles velhos rifles talvez nem atirem mais, foram arrancados do canto do quarto de dormir, cobertos de poeira há dezenas de anos; muitos esquecidos debaixo de camas de varas; outros escondidos nos tectos das casas cobertas de palha de carnaúba. Agora eles são o braço direito do explorador na invasão da floresta, dos exploradores do sertão, dos desbravadores do Piauí que caminham para a serra à procura da riqueza fácil, da manjuba que dá dinheiro como ouro arrancado de botija. Não somente Jorge, mas todos olham com ambição para o que está além da mata, para os manjubaes da serra. Dez homens por aqui passaram há poucos dias, mas tão espessa é a mata que o caminho aberto por dez homens se apaga depressa como um risco traçado no mar. Um pouco atrás vai ficando Jorge, os trabalhadores que vêm a pé caminham na frente com os próprios pés, não precisam de cavalos, não precisam de ninguém para guias. Seu porte altaneiro e seu aconchoço ao rifle amigo fazem pensar nos heróis dos campos, nos párias num dia de insurreição. Atinjam o planalto. Os olhos percorrem a imensidão de manjuba, então uma alegria grande invade os trabalhadores como se a descoberta viesse aliviar também seus bolsos, novos por falta de uso.

— Não avise a vosmecê que as cabeçaças estava séca?

Jorge arreeou, as pernas abertas, o lenço molhado de suor amarrado no pescoço:

— Só sei que não vou morrer de sede.

Os caboclos se espalhavam, procuravam água nos ocos de pau, nos roçados e nos caldeirões. Não tardou que a sede fosse diminuída com um caneco d'água barrenta do caldeirão perto.

O feitor observou com certa apreensão:

— Vancê está atrapalhando tudo. Só quem guenta o rojão são a gente mesmo.

Jorge queixou-se de uma dor e voltou para Pimenteira.

Chegou de madrugada e ficou até demanhã conversando com Clara.

— Agora a gente pode dizer que está rico. Ainda não disse a ninguém daqui que na semana passada os cabras encontraram manjuba porque queria ver com seus olhos.

Clara correu para a casa da tia, falou com Nelson. Assim que este soube da volta do amigo, mal esperou que Clara terminasse a história da crise da sede, correu para a loja.

— É verdade que ia dando o couro às varas? — entrou gritando com gestos alegres. Está pensando que vida de mato é brincadeira?

Jorge falou no sucesso da exploração, na história da onça que o morador contara, e por fim da falta d'água. Nelson ia se levantando para sair, Jorge pediu notícia do inimigo.



Crônica De Férias

Música moderna americana e velhos modelos — Indiferença e desconhecimento da provincia — Vulgarizações detestáveis — Um "episódio sinfônico" da metrópole...

É UM louvável esforço o que estamos empreendendo para melhor conhecer os nossos vizinhos americanos. Por toda parte se nota o interesse por uma compreensão mais justa dos problemas recíprocos, e tanto no plano econômico como no plano cultural — e me refiro particularmente a este último — se vai processando um entendimento feito de boa vontade e sincero desejo de interpretar necessidades materiais e anseios espirituais.

No amplo e fascinante setor das artes, o que pode sentir qualquer observador, além desse esforço de interpretação, é ainda a tendência de fugir às formas européias, o impulso de libertação, mesmo quando se trata das correntes contemporâneas do Velho Mundo, imbuídas do caprichoso e indôcil espírito destes tempos atômicos. Os americanos de todas as latitudes querem manifestar a beleza através da uma inventiva livre de laços com o passado e o próprio presente europeu, e por meio de processos impregnados de um erigido e às vezes irritável individualismo. Querem despojar-se de tudo que possa lembrar a antiga dependência ou filiação estética, na construção como igualmente na própria concepção da arte, e embora não pareça fácil atingir tão estrênuo objetivo, o certo é que os elementos mais entusiastas dessa espécie de cruzada artística, aqueles que formam a "ponta de lança", se atraem com ânimo firme a um pioneirismo a que não faltará uma incansável ânsia de novidade.

Quem será aventureira capaz de perceber nessa áspera Sinfonia Índia, do mexicano Carlos Chavez, a herança cultural européia? Ela existe, sim, mas o autor da obra tanto fez por diluí-la, que lhe ficaram imperceptíveis os traços. E é talvez mais na música do que nas artes plásticas que se orienta com mais vivacidade a nova direção.

No Rio de Janeiro, onde sobrevive ainda muito preconceito e muita velharia do pior gosto, a obra dos pioneiros por isso mesmo pouco tem avançado. Contudo, os devotos das novas formas de expressão se mostram ativos e informados com a glacial indiferença do meio. Exemplo dessa pertinácia realmente admirável, em um ambiente tão escravo do passado, é a atividade do chamado grupo "Música Viva", que não desanima nunca diante da meia dúzia de ouvintes bem conhecidos e de um desinteresse generalizado por parte da numerosa e já certa clientela da música de concerto (da música erudita, se quiserem), com que o Rio se apresenta, conforme é fácil verificar da frequência normal às audições sinfônicas. Bem neste particular é que o Recife se projeta como um centro de inegável adiantamento sobre a tumultuária capital do país, sendo muito provável que também se imponha no concernente aos padrões de gosto, sensibilidade e requinte, em face das outras grandes cidades sulistas. Cidades que oferecem níveis de vida comparativamente superiores, cidades milionárias junto do nosso Recife proletariano e assustadoramente empobrecido, mas, onde viceja uma tradição cultural que haverá de marcar-lhe um pósto relevante no cenário artístico e intelectual do Brasil.

Por dever de ofício, tenho entrado em contacto com a melhor crônica de arte da Inglaterra destes dias: de durante e após-guerra. E vejo que o Recife, por exemplo, conheceu e difundiu, antes de qualquer outro centro do país, a música inglesa dos últimos tempos, com o seu caráter tão peculiar — estilo e pensamento britânicos. Um detalhe singular, porém, e que vai aqui como um parêntese necessário e oportuno, é que essa tradição nada tem a ver com a meia dúzia de ricos que dominam econômica e financeiramente o Estado, pois a crise de Mecenas é uma coisa dolorosa e bastante sabida nesta cidade de tão alarmante distância de classes, quase não havendo mais lugar para o meio termo. Pobre, por sinal, e muitíssimo pobre, é o corajoso grupo da Pro-Música, como também nada tem de rica essa Cultura Musical tão cheia de prestígio e que se mantém à custa de não sei que sacrifícios; isto para falar somente da iniciativa particular, porque não se pode dizer que os ricos desta terra tenham feito qualquer coisa no sentido de ajudar o governo a sustentar a Orquestra Sinfônica. Talvez nem tenham tomado conhecimento dela. Mas, a dura verdade é que os ricos são, no Recife, uma expressiva minoria para realizações de arte e cultura; e para que não se ergam suscetibilidades, é bem ver que falo em tese. E todos sabem que é assim mesmo, embora poucos tenham a coragem de proclamá-lo. Pois, lembro-me de que foi por intermédio da Pro-Mú-



Uma Peça Brasileira Em Londres

PELAS incertas e instáveis fronteiras da Europa têm passado, através dos séculos, uma porção de correntes literárias vivas, que fertilizaram e enriqueceram o pensamento e as esperanças de gerações ainda não nascidas. Só dentro dos últimos cem anos, porém, é que nos tem chegado, através do vasto Atlântico, uma literatura nova — o advento, em nosso próprio idioma, dos Estados Unidos e do Canadá. Agora, nos ricos países do Sul, percebe-se a movimentação de novas e brilhantes imagens impressas e é com um sentimento de alegria e descoberta que se olham esses primeiros frutos traduzidos.

Pascal Carlos Magno levantou-nos o pano de boca sobre o Brasil, em sua vigorosa e comovente novela "Sol sobre as palmeiras", oferecendo-nos uma imagem viva e deslumbrante de um continente vasto, maior que os Estados-Unidos — a mesma imagem que, da Rússia, nos deu o primeiro livro de Gogol.

Estes livros são os embaixadores acreditados junto a todos os que lêem e não somente a um Rei ou a um Presidente; cada vez são mais necessários neste momento em que as distâncias se estão encolhendo e os confins da terra se estão unindo, qual uma folha amarela ao sol de outono.

A peça de Pascal Carlos Magno — "Amanhã será diferente" — que está em minhas mãos neste instante, traz-nos mais uma vez homens e mulheres vivos: se lhes dermos uma alfinetada, veremos que eles possuem sangue nas veias em lugar

de tinta, que riem e amam, respiram e sofrem, têm esperanças e trabalham, movidos por desejos, estimulados por ambições, esmagados por desganhos, mas levantam-se outra vez, com outras esperanças, para sofrerem de novo ou, quiçá, triunfarem. Não se pavoneiam diante de nós em camisas engomadas, nem se inclinam às mesas de "bars", bebendo coquetéis. São acudidos por emoções primitivas como os personagens de uma peça de Tchekow.

ASSIM se inicia o prefácio que R. J. Minney escreveu para a peça "Amanhã será diferente", de Pascal Carlos Magno, um dos grandes êxitos da última estação teatral de Londres, a acreditar nas palavras do crítico do "Punch": "Posso afirmar que não me surpreenderei se, no momento em que um dos teatros da West End ficar vazio, uma vitoriosa carreira não estiver à espera dessa tragi-comédia de uma família aristocrática brasileira, de tipos que são primos teatrais dos Sangers e da brigada de Tchekow". No "Reynolds News", Montagu Slater afirma que Pascal Carlos Magno chegou quase a encontrar "aquela fórmula que dá aos autores fama e fortuna no palco londrino", enquanto, no "Daily Telegraph", W. C. Darlington se refere a "Amanhã será diferente" como a uma peça brasileira de qualidade, frisando que "o autor sabe apresentar os personagens, movimentar situações e sugerir atmosfera". O crítico do "Times" sentenciava que se trata de uma "peça importante" e Norah Alexander, que só movimentava sua pena em torno daqueles que "che-

gam" aos olhos do público, saudava como "a personalidade da semana, sem discussão possível, o segundo secretário da Embaixada Brasileira em Londres, com 39 anos de idade". Por outro lado, Alice Jahier, no semanário "France", que aparece simultaneamente em Paris e em Londres, confessa que passou "uma noite excelente... A peça, tumultuosa é verdade, foi arrancada da própria vida. Como se pode observar, agita uma série de problemas. É realmente um belo mergulho numa dessas grandes famílias onde episódios de toda a espécie são vividos intensamente, enquanto a casa tomba em ruínas".

É curioso notar que uma boa parte dos críticos estabelece um parentesco literário próximo entre a peça de Pascal Carlos Magno e as de Tchekow. Berveley Baxter, membro do Parlamento e crítico teatral dos mais severos, afirma, no "Evening Standard", a influência dos russos sobre o espírito do escritor brasileiro, acentuando, entretanto, que sua peça "é mais cheia de vida do que "Tio Vanya". O "Observer" vai mais longe quando escreve que Pascal Carlos Magno é o "Tchekow do Brasil". Com tais conceitos não concorda R. Barisse que, em "Free Europe", escreve: "A peça brasileira foi acusada de trazer reminiscências de Tchekow. Eu de maneira alguma concordo com isso. Uma peça que tem um assassinato, uma tentativa de suicídio e uma morte natural — se morrer de vergonha pode ser classificado como "natural" — mostra-se certamente muito mais interessada em fatos que pertencem ao mundo físico e não pode ser comparada ao teatro de Tchekow que joga somente com nervos".

sica que se escutaram, no Recife, pela primeira vez no Brasil inteiro, trabalhos de autores como John Ireland e Arnold Bax — e pela mão de executantes locais. Mas, é bem esse clima de abandono do esforço regional, por parte dos ricos, que torna a vida musical do Recife uma realidade de sentido "aut-gênica" em todo o país. Em vão, com efeito, procuraremos num concerto, seja ele da Pro-Música, da Cultura ou da Orquestra Sinfônica, ou em que intervenham solistas estrangeiros que não sejam "fenômenos" difundidos ou popularizados pelo cinema, um representante da próspera e poderosa burguesia local; mas, se corremos os olhos sobre a lista dos assinantes das temporadas líricas do Municipal, do Rio de Janeiro

— e para ouvir "reprises" ordinárias de antiguidades do bel-canto — lá iremos encontrar alguns nomes de nutridos "tubarões" nordestinos, suspirando pelo ensejo de ostentar as galas da riqueza extraída de uma terra sofridora.

Essas breves indicações devem servir de encorajamento aos que vivem por aqui, sem maiores recursos, lutando contra o pedantismo dos que mais poderiam fazer por esse burgo, mas, que se conservam cada vez mais distanciados das verdadeiras e eternas expressões do belo, de que a provincia guarda zelosamente seus mais altos valores. — Manuel H. A. de Moraes.

Teatro E Musica

1946 encontrou o Santa Isabel de portas abertas: Companhia de Comédias Alma Flora. "O cura da aldeia", do velho e cansado Arniches. "Gente honesta", do novo e viçoso Amaral Gurgel. Outras, mais ou menos novas.

No elenco, Alma Flora, Salú Carvalho. Arnaldo Coutinho — órfão triste das operetas. Milton Carneiro — o Procópio do Norte. Solange França. Vina de Sousa. João Silva. Como são todos mais ou menos iguais, conseqüente-se homogeneidade.

Peças montadas aqui. Sina do Norte. Os primeiros ensaios ainda a bordo. Os outros no Teatro, de manhã, à tarde, depois dos espetáculos, no palco, no saguão, nos camarins. Enorme responsabilidade do "ponto".

De Natal, vem voltando Iracema de Alencar, com sua gente. Deviam estar aqui antes, trocando, com Alma Flora, o "Carlos Gomes". Um perfeito "changez de place" na quadrilha dos poucos teatros do Norte. Mas, Iracema demorou mais em Natal. E Alma Flora foi espregando o Santa Isabel.

Iracema deve trazer peças novas, já ensaiadas... mas para o Norte. E é possível que venha ligeiramente desfalcada. Não seria mau, realmente, que tivesse deixado, por lá, um ou outro de seus elementos. Se voltam todos, resta a esperança de que estejam mais familiarizados com a cena. Menos bisonhos.

Breve, o Recife, receberá, possivelmente, Chang, compatriota de Cleópatra, no mundo das fantasmagorias. Diz-se que trabalha em ambientes que não sonhará o mais perdulário nababo. E seus "truca" enganam os mais sabidos. Traz bailarinas, malabaristas, cômicos — um chinês de um metro de altura que é o sujeito mais engraçado do mundo, 25 pessoas compõem a comitiva ilustre de Chang e 40 toneladas de material o acompanharão, sobre o dorso de dromedários, à sua entrada triunfal nesta terra de grandes sabidos.

Ninguém saberá em que desvãos da memória se esconderá Cleópatra, quando Chang aparecer no Santa Isabel, fazendo desaparecer galinhas com pássaros, a um palmo do nariz de Miguel Isabela...

Como em 1945, em 1946 o Santa Isabel vai ter suas pausas para servir à gente da terra. Essas pausas deverão ser: de 15 de março a 15 de abril, de 15 de maio a 15 de junho, de 15 de julho a 15 de agosto, de 15 de setembro a 15 de outubro, de 15 de novembro a 15 de dezembro. Nos intervalos, Companhias do Sul. Teremos assim: sete meses para estas e cinco meses, para nós. Creio que é justo.

Assim, depois de Chang, os "Bancários" festejarão mais um aniversário da fundação do seu Teatro. Idem, a 4 de abril, para o Teatro de Amadores, com sua primeira peça de 1946. A Orquestra Sinfônica ressurgirá depois do banho lustral do maestro Vicente Fittipaldi, nas águas cariocas. Haverá audições escolares — de piano, de violino, de canto. A "Cultura"...

A "Cultura" merece um parágrafo especial. Fechou contrato com a Intarin-Daniel e apreleira executava "La Mer", a suíte tão caracajá um dos anos mais cheios da velha Sociedade. (No Recife, ter vinte anos, em matéria de existência artística, é qualquer coisa que lembra as brancas e ilustres barbas de Matusalém).

Pois, a velha Sociedade adotou o melhor sistema: "fechou" o seu quadro social, isso é: acabou com a venda avulsa, que rendia em tempo de americano, agora renderá ou não.

Armazem Caboclo

ALVARES DE CARVALHO & Cia. Lda.

RUA DUQUE DE CAXIAS, 340-350

TELEFONE: 6225-6837

O Problema da Solidariedade nas Sociedades Mercantis

ABGAR SORIANO
(Da Faculdade de Direito)

pagamento não aproveita aos outros devedores senão até a concorrência da quantia paga.

"Consequentemente, o credor tem o direito de acionar todos os devedores solidários conjuntamente no mesmo processo ou um deles, qual escolher, pela prestação inteira, sem que ao acionado seja lícito invocar o benefício da divisão, o qual contrastaria com o princípio básico da solidariedade". (N. 284, págs. 253/254).

De sua parte, LACERDA DE ALMEIDA (opus cit., § 10, pág. 45) corrobora:—

"Resulta ainda da natureza da obrigação correal ou perfeitamente solidária:—

"1) — que qualquer dos coobrigados, uma vez demandado por toda a dívida, não pode opor benefício de divisão".

Por outro lado, J. M. DE CARVALHO SANTOS (Código Civil Bras. Interpretado, 2.ª ed., vol. XI), comentando a disposição do art. 904, salienta:—

"É o primeiro e principal efeito da solidariedade passiva vincular os devedores de tal forma que cada um destes se torna obrigado para com o credor ao cumprimento integral da prestação.

"Cada um responde in totum et totaliter, como si fosse um só devedor.

"O credor tem direito e não a obrigação de exigir de um ou de alguns dos devedores a dívida comum. Fica a seu arbítrio escolher o modo pelo qual quer receber e de quem quer exigir a prestação.

"Não sendo obrigado, mas apenas tendo o direito de exigir e receber de um ou de alguns dos devedores a dívida comum, este direito poderá o credor exercê-lo como lhe parecer melhor. Fica a seu arbítrio escolher a forma que mais lhe convier e exigir o pagamento do devedor que preferir ou lhe oferecer mais vantagem". (Págs. 224/5

E, linhas adiante, esclarece:—

"Do direito de exigir e receber de qualquer dos devedores solidários a totalidade da dívida, ou parte dela, resultam estas consequências:—

"a) — si o devedor acionado pelo credor não pode opor a exceção da divisão, não pode, com maioria de razão, oferecer exceção ou defêsa alguma que vise protelar o pagamento, a pretexto de haver ajustado com outro ou outros devedores que estes é que pagariam a dívida. Sua obrigação é pagar e depois é que poderá reaver dos que se obrigaram com ele a quantia que dispendeu com o pagamento de vez que o acordo entre os devedores não pode alterar o vínculo da solidariedade, estabelecido no contrato com o devedor". (Pág. 227).

É de se ouvir, também, a opinião de TITO FULGENCIO (Manual do Código Civil, de Paulo de Lacerda, vol. X, do Direito das Obrigações), que, em comentário à mesma disposição, escreve:—

"A disposição é uma consequência evidente da unidade jurídica da obrigação.

"Elegor o credor aquêle dentre os devedores que deve satisfazer a dívida, e carregar com o risco da insolvência dos outros, risco que os franceses chamam le peril de l'ance, impedindo-o de opor o benefício da divisão, é facultade (não obrigação) implicitamente contida no conceito da solidariedade passiva esarado no art. 896 parágrafo único.

"A solidariedade é benefício do credor para facilitar a cobrança, e é estipulada, ou imposta por lei, no intuito justamente de tornar, pe-

(Continua na página 19)

1) — Há, nas sociedades mercantis constituídas intuitu personae, um vínculo de solidariedade, ligando a elas os respectivos componentes, em face a terceiros, pelas obrigações sociais?

Parece ociosa a indagação. Mais que isso, porque a toda gente poderá servir de indicio da profunda ignorância de quem se não teme de formulá-la, visto como, aqui e alhures, já transitou em julgado a resposta afirmativa, constituindo, pois, matéria assente e sedça na doutrina universal.

Em verdade, quem quer que compulse uma simples monografia ou um volumoso tratado, seja de origem francesa, ou alemã, italiana, ou hespanhola, portuguesa, ou brasileira, para logo há-de encontrar a confirmação da assertiva.

Não há, portanto, necessidade de trasladar para aqui a opinião de quantos têm versado o assunto.

Basta dizer que o nosso Código Commercial mesmo, seguindo a orientação dos que lhe serviram de modelo — o francês, de 1807, o hespanhol, de 1829, e o português, de 1833 — faza, a cada passo, em "sócios solidariamente responsáveis" (art. 311), em sócios que "respondem solidariamente pelas obrigações sociais" (art. 313), sendo que, ao versar sobre as sociedades em nome coletivo, sobreleva, em vocábulos bastante expressivos, essa feição vinculativa, com dizer (art. 316) que

"...a firma social assinada por qualquer dos sócios gerentes, que no instrumento do contrato fôr autorizado para usar dela, obriga todos os sócios solidariamente para com terceiros

De tal sorte está o princípio fixado no espirito de todos os juristas, que o próprio legislador falencial já consagrou em texto expresso (art. 8 do Decr. n. 5.746), e como uma decorrência natural daquela solidariedade, o fato de que "a falência da sociedade acarreta a dos sócios pessoal e solidariamente responsáveis".

2) — Nada obstante isso, tenho para mim não exprimir a indagação uma estulticia.

Vale investigar. Cumpre examinar. Devesse perquirir o conteúdo das assertivas, para ver se há procedência neas.

O se repetir, sem um exame pessoal, o que os outros têm por certo, é sinal de preguiça mental, mercê de que não há por onde se esperar senão o estacionamento, a água parada da cultura científica.

Eis por que, sem temer a critica apresada dos que se não afadigam em perquirições doutrinárias, eu me permito formular a indagação, para respondê-la consoante o resultado de minhas próprias investigações.

3) — Muita razão tinha o velho e profundo LACERDA DE ALMEIDA em asseverar não haver, na doutrina das obrigações, "ponto mais complicado e difficil do que a teoria da solidariedade".

Rogras, todavia, há, que, mercê de sua feição estrutural, de seu aspecto fundamental e básico, estão à margem de qualquer conflito doutrinário, valendo mesmo salientar a circunstância de que algumas delas se acham corporificadas em textos expressos de nossa sistemática legal.

Assim que não há a menor dúvida de que a doutrina é acorde no apontar a integridade da obrigação como um dos característicos primaciaes da solidariedade, de tal sorte que toda a dívida pode ser cobrada por qualquer dos credores (solidariedade ativa), do mesmo modo como qualquer dos devedores está obrigado pela dívida toda (solidariedade passiva).

AUBRY ET RAU, Cours de Droit Civil Français, 5.ª ed., vol. 4) ensinam:—

"L'obligation est solidaire entre créanciers, lorsque, d'après le titre qui la constitue, chacun d'eux a le droit de demander le paiement du total de la créance, et que le paiement fait à l'un d'eux libère le débiteur" (§ 298 bis, pág. 19).

"L'obligation est solidaire entre débiteurs, lorsque, d'après le titre qui la constitue, chacun d'eux est à considerer, dans ses rapports avec le créancier, comme débiteur de l'intégralité de la prestation; en d'autres termes, lorsque chaque débiteur se trouve obligé in totum et totaliter, comme s'il était seul débiteur" (§ 298 ter., págs. 24/25).

O douto LACERDA DE ALMEIDA (Obrigações, 2.ª ed.), que vê na solidariedade das sociedades mercantis um caso de correalidade legal (§ 7, pág. 35), também sobreleva êses mesmos aspectos:—

"A solidariedade ativa, fazendo com que cada credor seja reputado único credor do devedor comum, autoriza-o em regra a praticar todos os atos consentâneos com essa qualidade". (§ 9, pág. 40)
"O efeito capital da solidariedade por parte dos devedores é tornar cada um deles obrigado pela totalidade da dívida". (§ 10, pág. 43)

O Código Civil, de sua parte, no § único do art. 896, consagra o princípio:—

"Há solidariedade quando na mesma obrigação concorre mais de um credor, ou mais de um devedor, cada um com direito, ou obrigado à dívida toda".

Ora, não há por onde se negar que, em havendo solidariedade entre os sócios de uma sociedade mercantil e esta, individualmente considerada, tal solidariedade somente pode ser classificada como passiva, na qual, consoante a regra contida no art. 904 daquele Código,

"o credor tem direito a exigir e receber de um ou alguns dos devedores, parcial ou totalmente, a dívida comum".

Como se vê, é direito do credor cobrar a dívida comum, indistintamente, de um, de alguns, ou, mesmo, de todos os devedores solidários, conjuntamente.

Ouçamos, mais uma vez, a lição de AUBRY ET RAU, com a qual estão acordes todos os tratadistas:—

"Les effets de la solidarité passive découlent tous de ce double principe que chacun des codébiteurs

pris séparément est engagé envers le créancier d'une manière aussi complète et absolue que s'il était seul débiteur, et que, considérés dans leurs rapports collectifs avec le créancier, les codébiteurs sont tenus, les uns pour les autres et chacun pour tous, au total de la dette.

"Chaque codébiteur solidaire étant tenu du total de la dette, comme s'il y était seul obligé, le créancier a le droit de s'adresser, pour le paiement intégral de sa créance, à celui des débiteurs qu'il veut choisir, sans que ce dernier puisse lui opposer le bénéfice de division". (§ 298 ter., pág. 42)

Não discrepa dessa orientação o douto J. X. CARVALHO DE MENDONÇA (Trat. de Dir. Com Bras., 2.ª ed., vol. VI, parte I), ao estudar os efeitos da solidariedade entre os codevedores e o credor:—

"Da noção que damos da solidariedade no n. 282 supra, decorre o seu capital efeito: — cada co-devedor responde como principal pela totalidade da prestação. O credor pode exigir até a totalidade da prestação, sucessivamente, a todos os co-obrigados, um por um, sem que os pedidos anteriores, não satisfeitos, estorvem ou inibam os subsequentes.

"Si o credor é pago integralmente por um dos co-devedores solidários, exonerados para com êle ficam todos os outros devedores.

"Mas, si é pago parcialmente, êste



Por motivo do recente regresso, da Europa, de sua filha Gicélia e de seu genro, jornalista Murilo Marroquim, o casal dr. José Campelo ofereceu, em sua residência, recepção às pessoas de sua amizade. A reunião revestiu-se de muito brilho, com a presença de elementos representativos da sociedade pernambucana. Os dois clichês acima fixam aspectos da recepção

O Capital E O Trabalho São Complementares

Diz-nos o industrial Silva Régo, diretor da Fábrica de Calçados Ministro S/A. — Um burguês esclarecido — Grande plano de assistência aos trabalhadores e um memorial ao governo — O que é, em realidade, a indústria de calçados do Norte — Um problema e sua solução



Industrial Antônio da Silva Régo

Só a um espírito muito limitado pareceria estranho a inclusão de assuntos econômicos e de entrevistas com homens de negócios no sumário de uma revista eminentemente cultural como é NORDESTE. Em primeiro lugar, o fator econômico é hoje de tão poderosa influência que grande parte dos problemas sociais anda em torno dele e, até, é ele o comando a todos, na concepção socialista ou comunista; em segundo lugar, e em decorrência daquela observação, os homens do capital são, nos nossos dias, figuras afeitas ao estudo desses ingentes problemas, e têm uma visão solidarista dos mesmos, com exceção, infelizmente, de certos espíritos retrógrados — reacionários, para usar uma expressão ao gosto do momento — que ainda pensam que o mundo gira em torno de si mesmos, de sua prosperidade, do seu bem estar pessoal. Temos, no passado, um modelo do burguês esclarecido e progressista (eis outra palavra da hora) na figura do grande Mauá e vemos o seu exemplo multiplicado em numerosos industriais, agricultores, comerciantes e banqueiros brasileiros, cuja fina flor, há poucos meses, se reuniu na histórica Conferência de Teresópolis, para dar ao país a Carta que haveria de guiar as nossas atividades econômico-sociais.

Quem ler a entrevista que se segue, há de concordar que a pessoa que a concedeu pode figurar, com honra, nessa galeria de homens do capital. Trata-se do sr. Antônio da Silva Régo, diretor da FABRICA DE CALÇADO MINISTRO S/A (rua da Praia, 131 — Recife) e presidente do Sindicato da Indústria de Calçados de Pernambuco. Com esta entrevista, continuamos uma série brilhantemente iniciada com as declarações do sr. José Pessoa de Queiroz, diretor-presidente da Usina Santa Teresinha, e sentimos-nos satisfeitos com a nossa iniciativa, que representa a colaboração de NORDESTE no exame das questões porventura mais momentosas deste após-guerra brasileiro e mundial: as de caráter econômico-social.

O sr. Silva Régo, depois de criticar os "sociólogos de gabinete", que, por constatarem a incultura do nosso trabalhador, acham que primeiro se lhe deve dar educação e, depois, vantagens e prerrogativas, assim se exprimiu:

Atividades complementares: capital e trabalho

—Somos, e com muito orgulho, um pequeno burguês, que pensa e considera, e se nos fosse concedido pelos outros burgueses o direito de um conselho, dir-lhes-íamos que mudassem de rumo enquanto é tempo, quando não por circunstâncias sentimentais, pelo menos por interesse utilitário; que, se o nosso proletariado é inculto, a ignorância patronal, nesse ponto, o vence amplamente; e os conclamaríamos à compreensão dessa verdade: o trabalho é a complementação do capital, assim como este o é daquele:

Por pensar assim, é que sempre condicionamos o progresso da nossa indústria ao bem estar dos nossos operários. Representávamos, até bem pouco tempo, um patrimônio financeiro que estava bem longe de corresponder ao nosso anseio de desenvolvimento. Explorávamos uma indústria de calçados com magníficas perspectivas e capaz de resistir com êxito absoluto aos contratempos da guerra e do após-guerra. A sombra de nossa indústria, num pardieiro anti-higiênico, infecto, abafado, pois a deficiência de casas obstava que lográssamos melhores acomodações, mourejavam 82 trabalhadores. Visando à grandeza da indústria de calçados nordestina, metemo-nos numa obra de vastas proporções. Começamos por adquirir três fábricas e formamos a INDÚSTRIA DE CALÇADOS MINISTRO S/A, en-

contrando a melhor acolhida por parte dos homens de negócio de nossa terra. Paralelamente a esse surto de progresso, melhoraram as condições de vida e trabalho do nosso operariado, que passou a 167 homens, agora funcionando em instalações mais amplas e higiênicas. Foi o que pudemos fazer inicialmente.

Mas tínhamos em vista muito mais: a melhora de salário, salário compatível com o padrão de vida dos nossos homens e que os habilitasse a ser elementos de cooperação decisiva na nossa indústria e não o salário artificial, impressionante na aparência, mas deficiente na realidade. Pois sabíamos que qualquer aumento de salário que não se articulasse com medidas de melhora das condições de vida, seria inútil. Realmente: se se aumentasse o salário de 50% e, no dia seguinte, o custo das utilidades sobe nas mesmas proporções, estamos num círculo vicioso. Desaparece a vantagem da medida e as desvantagens se agravam. Como fugir ao círculo? Em primeiro lugar, aumentando a produção, em alta escala, pelo simples consideração de que sobram mercados para as indústrias de calçado que se instalaram no norte para a venda a preços acessíveis. Depois, fabricando o produto em série, mediante a distribuição de tarefas.

Assistência ao trabalhador e sua família

Esse objetivo só se poderia conseguir, no nosso caso, aparelhando a indústria de técnicos especializados e ao mesmo tempo dotando-a de maquinário moderno. Ao lado desse aparelhamento, deveria existir um edifício onde o trabalhador produzisse em condições de higiene e salubridade. A assistência médica e dentária obrigatória e permanente para o traba-

lhador, seria outra condição de êxito feliz no empreendimento. E comum ver-se um trabalhador de aparência saudável consignar na folha de pagamento uma produção inferior às suas possibilidades. Mal se sabe que aquele operário, muitas vezes, é portador de uma colite crônica, sofre de uma bronquite, tem os dentes estragados, ou, no mínimo, deixou em casa — casa é um eufemismo, porque o que ele habita, por via de regra, é o mucambo — o filhinho enfermo a reclamar a assistência de um pediatra, que ele, o trabalhador, não pode chamar. Teríamos que remediar esses males, sem esquecer o problema da nutrição do trabalhador, que deve ser a viga mestra de um edifício como o que temos idéia de erguer em Pernambuco. Sim, alimento sadio, e pelo preço do custo, seria o primeiro passo no sentido de libertar o trabalhador das garras dos gananciosos, e, consentários naturais, a roupa, o chapéu, enfim tudo o de que ele invariavelmente necessita, e se vê obrigado a adquirir pelo preço mais alto possível. E também escolas noturnas para o trabalhador, e diurnas para os seus filhos, e o lactário, e a creche. Será esse plano uma superfluidade? Ou, ao contrário, o fator preponderante do melhor lucro? Claro que nos inclinamos pela segunda hipótese.

Um memorial

— O ano passado — prossegue o sr. Silva Régo — enviámos ao então interventor Etelvino Lins um memorial em que pedíamos a S. Exc.ia. uma providência para a execução do nosso plano: a doação de um terreno para a construção de um edifício para a nossa in-

dústria e de, pelo menos, setenta casas operárias, que deveriam passar à propriedade do trabalhador. Nesse terreno, deveriam ser construídos, também, prédios para escolas e outras instalações que facilitassem a vida e assegurassem boas condições higiênicas. Fizemos ver ao interventor que o próprio patrimônio da fábrica, e o terreno, doado condicionalmente, garantiriam a operação financeira necessária para esse fim e que importaria em pouco mais de três milhões de cruzeiros. E que não se trataria de um privilégio, pois não tínhamos competidores, não havendo aqui uma indústria de calçados complexa como a do sul. Finalmente, o auxílio do Estado contribuiria para evitar a drenagem de milhões de cruzeiros para os cofres das indústrias do sul, pois robusteceria uma indústria local, beneficiando, indiretamente, o proletariado e o povo. Efetivamente, estimamos em vinte milhões de cruzeiros anuais a quantia gasta pelos nossos consumidores na aquisição do produto do Rio e São Paulo. E porque? Simplemente porque não dispomos de uma indústria à altura de nossas necessidades.

Deficiência da indústria de calçado nordestina

E aqui, depois de explicar que o assunto do memorial, com a saída do sr. Etelvino Lins da interventoria do Estado, não teve solução satisfatória, o sr. Silva Régo nos descreve o quadro da indústria de calçados pernambucana:

— Talvez o sr. não saiba que em todo o norte do Brasil, do Amazonas à Baía, não existe nem nunca existiu uma indústria de calçados modelar. Pois é a verdade. E, se não possuíssemos uma indústria de calçados, que, modesta à parte, pelo menos se aproxime da nossa, quando não de uma modelar, muitíssimo menos possuímos o industrial típico e o operário especializado. Há, sim, com o pomposo título de fábrica, pequenas oficinas, em cardume, espalhadas aqui e acolá, mas, se se perguntar quantas e quais as máquinas de beneficiamento e fabricação do produto, e se se obtiver a verdadeira resposta, ao invés de indústria de calçados, industriais de calçados, ou operários de calçados, o que se encontra é, sem exagero, o simples e modesto sapateiro de pé-de-escada. Neste particular estamos atrasados 300 anos, vivendo o regime das corporações de artes e ofícios, quando estes eram divididos em hierarquias, do que era exemplo o sapateiro que fazia o calçado e o que o remendava.

Triste perspectiva

Que vantagens traz a coletividade, esta ordem ou desordem industrial? Nenhuma. Em geral, os responsáveis por ela são homens simples, que tremariam em face de um estabelecimento de crédito, do qual fossem tentar obter uma ajuda qualquer. E, decerto, não o conseguiriam, como realmente não conseguem. O que lhes acontece, então? Vão morrer estrangulados nas garras do onzenário, que, burlando as leis de proteção a economia coletiva, lhes faz empréstimos a juros escorchantes. Qual o resultado dessa modalidade de "suicídio involuntário"? A quebra. A falência. O truncamento das portas. O operário na rua. A família do operário na miséria. E o usuário no melhor dos mundos... Aliás, com o término da guerra, é o que se vem observando em grande parte desses pequenos industriais de calçados, dos quais nove já cerraram as portas com pequenos intervalos. Tudo porque não têm visão. E se a têm, falta-lhes espírito de empreendimento. E se têm esse espírito, falta-lhes patrimônio. E se lhes falta esse patrimônio, obviamente faltará-lhe-á o financiamento.

Este é o quadro da indústria de calçados do norte do Brasil, principalmente Pernambuco, terceira unidade da federação — conclui o sr. Silva Régo.

— De nossa parte, continuaremos a lutar, para que a situação se modifique, visando a satisfação dos interesses do capital e do trabalho, ao progresso de nossa indústria e à grandeza de nossa terra.

— SOCIEDADE ANONIMA —
MAGALHÃES
 — COMERCIO E INDUSTRIA —

CASA FUNDADA EM 1891

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES — CONTA PRÓPRIA
 — ESTIVAS EM GERAL — SECCÃO BANCÁRIA —

MATRIZ: BAHIA — Caixa Postal, 114 — Enderço
 Telegráfico: "DOURO"

FILIAIS: RIO DE JANEIRO — Caixa 795 - Enderço
 Telegráfico: "RIODOURO"

" " RECIFE (PBCO) — Caixa 19 - Enderço Tele-
 gráfico: "RECIDOURO"

AGÊNCIAS NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E DO
 — ESTRANGEIRO —

EXPORTADORES DE AÇÚCAR - ALCOOL E AGUARDENTE

IMPORTADORES de Charque, Bacalhau, Farinha de Trigo, Breu, Cimento, Soda, Enxofre, Arame farpado e liso, Grampos, Clorato e Nitrato de potássio, Rosalgar, Carvão, Cervejas, Guaraná, Si-Si, Zarcão, Fósforos, Telhas de zinco, Sulfureto de antimônio, Fácies, Enxadas, Foice, Estrovasgas, Sabão, Salitre do Chile, Sacos para Café, Cacaú, Mamona, etc.

REPRESENTANTES de bancos, casas bancárias e da Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres A Equitativa, Acidentes e Transportes; The Home Insurance Co.; Soc. Mecânica para a Indústria e Lavoura Ltda.; Blair Limited; The Gregg Co. Ltd.; Corporation de Ventas de Salitre e Yodo de Chile; Sylvania Industrial Corporation.

REPRESENTANTES e DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS dos lubrificantes da Cocony Vacuum Oil Co. e das máquinas agrícolas e industriais da International Harvester Co.

DISTRIBUIDORES da MANTEIGA "MUNDONO VENISE" e caseína de Jorge Carraoian e Manteiga S. Fernando de Cardoso Magalhães & CIA., Estado do Rio

GERENTES da Companhia Salinas da Margarida; Companhia de Armazenagens e Transportes S. A. e da Companhia Luz e Força, com importantes instalações hidro e termo-elétricas, em Ilhéus e Itabuna

AGENTES das Empresas marítimas: CIA. NACIONAL DE NAVEGAÇÃO COSTEIRA (Patrimônio Nacional) — Companhia Comércio e Navegação — S. A. Frigorífico Anglo (Charque e outros produtos) da "Cadem" — Consórcio Administrador de Empresas de Mineração CARVAO NACIONAL

Escritório central: rua Torquato Bahia n.º 3 - Telefones: Escritório, 1602 — Estivas, 1440 — Gerência, 2877 — Sacony Vacuum Oil Co., 4142 — Navegação, 6238

FABRICAS DE CAPAS "ARGENTINA"
 Dimenstein & Filho
 Completo sortimento de capas de borraça e gabardine — Manteaux — Sombriñas.

IMPERATRIZ, 21
 Fone. 2701
 End. Teleg.: Argentina
 RECIFE

PAGINA FEMININA

A Crônica do Mês

O QUE PASSOU E O OUTRO QUE CHEGA

Semiramis Reguera



Rita Hayworth apresenta este chapéu "up to date"

★

UM TEATRO PARA O POVO

(Conclusão da página 4)

de Eugene O'Neill, *O Desejo* de baixo dos olhos, possivelmente o drama mais tocante do escritor americano, o verdadeiro drama de amor, doloroso, punjante, parecendo arrazar a cena, através dos seus longos atos, o sópro tempestuoso da paixão. Perfeitamente enquadrada dentro do programa do Teatro do Estudante, *O Desejo* de baixo dos olhos é uma obra que tem raízes fincadas na terra, a terra que se reflete nos personagens como algo fixo, imutável e eterno, agitando as paixões, o lirismo, o desejo de posse, o amor criminoso, a sublimação.

Os cenários estarão com o pintor pernambucano Lula Cardoso Ayres que, com o auxílio do casal Matos Sequêira, dará uma orientação de vanguarda às montagens. Se o teatro vive especialmente do texto ele também pode valorizar-se com o elemento pictórico, impregnando os cenários com o caráter

da peça, afim de criar a atmosfera, porque é um axioma de arte que "uma nova oportunidade impõe uma nova obrigação e o artista, no moderno teatro, é obrigado a fazer a cena contar da história tanto quanto puder."

E assim vai o Teatro do Estudante, lutando muito e avançando vagarosamente mas com segurança para a revalorização dos elementos cênicos do Brasil, ganhando o apoio de artistas e intelectuais, de gente que o compreende, de gente que não é torre de marfim e que luta contra os truques da concepção artística burguesa.

★

"MENSAGEM" circula nos primeiros dias de cada mês

MAIS um ano que surge. O que findou já não conta, viverá, porém, através das gratas recordações que nos deixou e principalmente porque no seu decurso foram ganhas muitas causas, de grande e poderosa influência para a humanidade. Foi nele que as grandes lutas cessaram e que a vitória justa e merecida dos aliados se fez sentir segura e firme contra as nações totalitárias e desmedidamente ambiciosas, agora felizmente já abatidas e incapazes de uma reabilitação de força bélica, para felicidade de todos os homens livres.

Foi portanto, o ano de 1945, um ano célebre, repleto de emoções e sensações diversas, de apreensões e intranquilidade, de grandes agitações políticas. Um ano mesclado de tristezas e muitas saudades de entes queridos que foram lutar fora da pátria, nos campos de além-mar, pela liberdade e para a tranquilidade do homem, filhas da nossa terra que ali ficaram para sempre prestando a sua última e grande homenagem ao Brasil querido, com o sacrifício extremo de suas próprias vidas.

Mas, apesar de tanta borrasca, de tantas nuvens escuras no cenário do mundo, ainda nos podemos apoiar no que Deus deixou dito, para que nos servisse de conforto. Embora a mulher não deva figurar em determinados assuntos que dizem muito respeito aos homens, para que ela não sofra diminuição da sua personalidade, não perca o seu encanto feminino, sua principal característica que a eleva e dignifica junto a seu companheiro; contudo, a mulher não pode nos tempos atuais permanecer indiferente e alheia aos problemas masculinos, mesmo porque a sua presença é sempre invocada, quer em tempos de paz ou de guerra. No período das lutas ela cumpre o destino nobre e humano de acompanhar os que combatem, ora servindo-lhes de enfermeira, de anjo amigo que suaviza e serve de bálsamo aos seus sofrimentos físicos e espirituais, ora constituindo uma fonte de distrações que irá amenizar aqueles cérebros cansados e aqueles organismos fatigados. Por outro lado na vida comum de cada dia, não raro ela é ouvida e às vezes até mesmo pedida a sua opinião, por aque-

le que sente a necessidade de desabafar ou confiar aquilo que o traz preocupado àquela que o compreenderá e que o escutará com todo carinho e interesse e que se sente tão feliz de poder participar das preocupações e atividades de quem ela tanto aprecia, estima e considera.

E assim foi no ano que se passou e assim será nesse que agora começou a viver e assim

será em todos os tempos, enquanto viverem nesse mundo criaturas—homens e mulheres. Apareceu o homem na terra mas a inteligência onisciente de Deus que viu que ele se sentira sempre isolado. Foi então que completou a sua criação, dando a mulher por companheira ideal e necessária que pudesse compreendê-lo e amá-lo. Agora que 1945 se despediu de todos definitivamente para

ceder lugar a todas as suas homenagens ao soberano 1946, cada um de nós faz uma pergunta bem no íntimo esperando uma resposta bem feliz e satisfatória: Que ventura me trará « Ano-Novo? »

— Mantenhamos firmes as nossas esperanças e esperemos todos, cheios de uma alegria interior, que todos irão gozar da bonança prometida, agora que a tempestade já passou...



Este é o último modelo de Hollywood em vestido para casamento

★

A FORMAÇÃO DA MENTALIDADE — J. H. Robinson (Trad. de Monteiro Lobato)

"A Formação da mentalidade", do professor americano J. H. Robinson, é um dos maiores livros modernos, na opinião do escritor universal H. G. Wells e de quantos o leram.

Com extrema clareza, e em linguagem ao alcance de todos, Robinson demonstra como se formou o espírito, ou mentalidade do homem, e como evoluiu à força de experiência e erros no decurso da história. Não foi um presente recebido dos céus — foi uma criação natural, laboriosa, penosa, dolorosa, e que prossegue em seu desenvolvimento.

(Aba de livro — Edição da Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1945)

MALHARIA IMPERATRIZ

de M. CHVARTS

MALHARIA — CAMISARIA — PERFUMARIA — TAPEÇARIA — GRAVATAS — TECIDOS PARA TODOS

Encarrega-se de enxovais completos para noivas, roupas brancas em geral, confecções de vestidos, pegnoires, etc. O MAIOR SORTIMENTO DE ARTIGOS PARA BANHO DE MAR

RUA DA IMPERATRIZ, 102

End. Teleg.: "Chvarts" — RECIFE

FABRICA
FELD

R. IMPERATRIZ, 58
Fone 2796 - RECIFE
CAPAS e MODAS

CAPAS
MANTEAUX
VESTIDOS
CHAPÉUS
SOMBRINHAS
BOLSAS

CARVALHO & CUNHA

REPRESENTANTES E DEPOSITÁRIOS DE IMPORTANTES FIRMAS DO SUL

FOGOES E AQUECEDORES "DAKO"
MATERIAL ELÉTRICO "FAET"
METALÚRGICA MARTE LIMITADA
ARTIGOS E MATERIAIS DENTÁRIOS — J. O. NEBIAS.
SERRAS EM GERAL "COMETA"
COURO E SEUS ARTEFACTOS, DE F. OSTERMAYER.

LITERATURA — CASA EDITORA VECCHI DIDÁTICA — EDIÇÕES RIO BRANCO — CROMOS E FOLHINHAS — HENRIQUE SCHELLIG & CIA.
MATERIAL DE ESCRITÓRIO, ARTIGOS RELIGIOSOS E PARA PRESENTES DE HANS FUCHS.
DENTIFÍCIO PIORREBIOL — PALHAS DE AÇO "YARA."

LABORATÓRIOS "LIBERTAS," "PRODAHR" E "FERGLY"

Enderço Telegráfico "CARUNHA"

Rua da Imperatriz, 222—RECIFE—PERNAMBUCO—Fone 3004

Mario Sette Procura O Tempo Perdido

(Conclusão da 5.ª página)

Trazia-m'o emprestado para que o lesse à vontade e... não tinha pressa.

Revistas

Tudo isso, no entanto, se passou já muito depois de 1900. Do pensamento, das particularidades, da vida intelectual dos homens de letras em relevo, não posso dar impressões diretas. Faltar-me-iam credenciais de todos os matizes.

Talvez se possa, porém, colher frutos de observação e de interpretação literárias e psicológicas nas páginas de uma publicação que, precisamente, em 1902, refletiu o clima cultural. Foi a Revista Pernambucana — de Olímpio Fernandes e Getúlio do Amaral, dois jovens de talento. Há dela uma coleção na nossa Biblioteca, de fácil e convidativa consulta, por sinal, em atraente sala destinada a revistas, ultimamente organizada por Olímpio Costa Filho. Era quinzenal, aparecia em papel couchê, com vinhetas ao gosto do tempo, retratos de escritores e artistas, umas curiosas vistas do Recife, e colaboração de nomes dos mais consagrados: Teotônio Freire, Caetano de Andrade, Gervásio Fioravanti, Manuel Arão, Artur Bahia, Odilon Nestor, Ernesto de Paula Santos, Carlos Pôrto-Carreiro, Mendes Martins, França Pereira, Faelante da Câmara. Essa revista, cujo primeiro número saiu a 15 de novembro, reuniu a aristocracia intelectual da época, como a Revista do Norte e a Revista Contemporânea, em as últimas décadas do "século das luzes" congregaria os seus luminares como Paulo de Arruda, Alfredo de Castro, Regueira Costa, Demóstenes de Olinda, Martins Júnior, Clovis Beviláqua, Faria Neves Sobrinho.

Outros novos ali figuraram: Mateus de Albuquerque, Mário Rodrigues, Lalete Lemos, Gilberto Amado, Leôncio Fontes, Miguel Magalhães, Manuel Duarte, Edviges de Sá Pereira, Júlio Barjona, João Fioravanti, e esse tão jovem ainda Eugênio de Sá Pereira, com sua cabeleira loura de poeta, mas já a se debater nas inquietações literárias do século mal entrado.

As mulheres também...

As moças também tinham o seu mensário de letras, de título que, sem se precisar recorrer à teoria de Taine, poder-se-ia logo supor romântico: O Livro — com y. Escreviam-no Edviges de Sá Pereira, Rosália Sandoval, Eliana de Almeida Cunha, Ursula Garcia. E trazia produções poéticas de Auta de Sousa. Aspirando a alcançar êsses vitoriosos de várias idades, pletavam aparecer em páginas que não fossem mais as dos semanários de colégio ou de grêmios literários, os mais jovens, os que andavam ainda às voltas com os preparatórios talvez. Invejavam os nomes impressos em os suplementos dominicais de A Província, tão zelados pela pena dextra de poeta e prosador, que era Baltazar Pereira, ou na secção "Letras e Artes" do Jornal do Recife, quando não fora no sustero "vovô" do bico do Feizo-Frito — o Diário de Pernambuco. Essa geração de plúmbeas verdadeiramente século XX sonhava, tentava e esperava.

Não me consta, ou não me recordo, tenham existido, naquela época, outras publicações que refletissem de modo tão expressivo o clima literário da cidade. Somente em 1906

viria a sair a Pallium, que, embora de iniciativa de uma agremiação cultural de moços — os da Sociedade Literária e Histórica Bernardo Vieira de Melo — teve justo relevo pela sua feitura material e pela seleção de seus textos. Dirigia-o José Campelo, Oscar Loureiro, Domingos Vieira e Franklin Seve, inserindo colaborações frequentes de Uriel de Holanda, Leonino Correia, Barreto Cardoso, Artur Muniz, Domingos Magarinos, Francisco Solano, Paulo Eleutério, Teotônio Freire, pai e filho, Araújo Filho, Gervásio Fioravanti. Entre versos e contos, críticas literárias, polémica, apreciações sobre música e teatro, notícias de novos livros.

Os trovadores

Burilavam-se os sonetos de fêchos de ouro, recitavam-se ao som do piano, cantavam-se versos próprios em serenatas, autografavam-se postais ilustrados para os albuns das donas, hiam-se os poemas recém-acabados, das janelas das "repúblicas" para os transeuntes e vizinhos, realizavam-se conferências literárias sob os temas de Grampos, Lágrimas, Nuvens, Trovas, Moxos... e um grupo de cinco trovadores impenitentes (Carlos Estevam, Siqueira Carvalho, Manuel Monteiro, Ademar Tavares, Moreira Cardoso) reuniam quadrinhas líricas num volume minúsculo — Descantes — que, em prefácio, era destinado às "cestinhas de costuras das moças". Se tantas dessas trovas não traduzissem os estados de alma dos autores, bastaria citar, como índice da época, esta quadra do Silveirinha:

Tenho a lembrar os dispersos
Castellos que outrora ergui:
A pasta cheia de versos
E os versos cheios de ti.

Era essa a paisagem romântico-parnasiana da cidade. Subjetivismo e forma. Sem ser crítico literário, não sei se cometo grande erro em definir assim o meu tempo, através de suas correntes criadoras. As confidências passionais, predominando, numa constante de lirismo, porém envolvidas numa tecedura de caprichosos ornatos vocabulares. O sópro persistente de Lamartine num polimento à Herédia. Se nem cenário, nem os temperamentos consentiriam a impassibilidade doutrinada pelo Parnasse, contudo experimentavam a ânsia torturante de aninhar os sentimentos e as idéias numa renda verbal. A prosa fioreada das crônicas dominicais de Teotônio Freire e de Mateus de Albuquerque atestará bem quanto o estilo se ufanava de sua fidalguia dos punhos de rendas de Buffon.

Mário Sette e o presente

Em resposta a uma última pergunta, Mário Sette nos mostra como o seu apêgo ao passado não o incompatibiliza com as grandes conquistas do presente. E assim encerra a longa palestra:

— Meus cabelos brancos não me inibem de uma juventude mental — e disso sabem bem meus alunos de História — em face dos movimentos de pensamento e de ação das gerações venustas, sempre que êlas se processam dentro dos lineamentos fundamentais de nossa nacionalidade — os de sentido cristão e democrático. O adolescente de 1901 está nesta definição, inteiramente identificado com as vitórias liberais de 1945.

POVO, PROVINCIA, ESTUDANTE e ARTE

(Conclusão da página 3)

excesso de eruditismo artístico em nossa arte, se readquirir também grande parte da saúde social ou psico-social, perturbada profundamente em nós por um passado de quase quatro séculos de escravidão. Passado que perverteu em muitos de nós o sentido de dignidade do trabalho e da arte. A degradação em que ficaram no Brasil as artes sob o regime de trabalho escravo e sob o bacharelismo que aqui se desenvolveu desde os primeiros tempos de colonização, devido em grande parte ao eruditismo intransigente dos jesuítas, (missionários admiráveis e educadores eficazes que, entretanto, neste particular — isto é, em relação ao ensino missionário — quase só souberam na América do Sul tr aos extremos: ou o de fazer dos meninos indígenas uma melanocóicos latinistas desnaturalizados do meio ainda agreste ou o de arremeter quase totalitariamente pequenos e grandes nas chamadas "reduções" em artefícios quase-escravos dos missionários) deixou entre nós preconceitos ainda hoje vivos.

A reação contra tais preconceitos deve tomar a forma de valorização não apenas literária porém prática e concreta do trabalho e

Vai viajar?

Compre a sua maleta de couro, de fabricação "Istani", - as melhores do mundo - na

Livraria Universal

Av. Rio Branco, 50

Um artigo de primeira qualidade pelo preço mais acessível.

das artes manuais. Menino ou moço brasileiro nenhum deveria passar pelo ensino, primário ou secundário, sem aprender um ofício ou uma arte útil. Nos dois cursos deveríamos dar um desenvolvimento extraordinário ao ensino do estudo do desenho que desenvolvendo no homem, ao mesmo tempo, a imaginação criadora e o poder de observação exata, é, como toda a gente que lida com o ensino sabe, a base para o aprendizado do maior número de artes, além de ser um auxiliar insubstituível para o estudo das ciências. E ao ensino inteiro deveríamos procurar comunicar, no Brasil, o sentido de dignidade do trabalho manual, reagindo contra as sobrevivências de degradação do mesmo trabalho, e, em consequência disso, de todas as artes, com exceção das consideradas elegantes e eruditas.

(Conclue no próximo número)

N. R. — Na publicação da primeira parte deste trabalho, no n.º II, ed. de 25, XII, 1945, desta revista, ocorreram vários erros de revisão, alguns dos quais vão rectificados: onde se lê (no quarto parágrafo) "elas se interpretam," leia-se "elas se interpenetram". Onde se lê (quinto parágrafo) "mais sompeltas bolshevistas" leia-se "bolshevistas mais simplistas". No quinto parágrafo, depois do nome Mayakovsky, acrescentar "fol.". Onde se lê (quinto parágrafo) "preocupação sociológica dentro de critério ou literatura nacional" leia-se "preocupação sociológica dentro de critério proletário-internacional e com sacrifício da técnica artística ou literária nacional". Onde se lê (quinto parágrafo) "tendências representadas" leia-se "tendência representada". Onde se lê (parágrafo nono) "só se admitia a vaga de alegação dele como 'O Gaurani'", leia-se "só se admitia a vaga repercussão dele como 'O Gaurani'".

A CARIOCA

— DE —

Israel Levites

As últimas criações no domínio da moda e elegância

(Preços das Fábricas)

MATRIZ:

Rua da Imperatriz, 269
Fone: 2155

FILIAL:

Rua da Penha, 71 — Fone: 6223
RECIFE

DO SÃO FRANCISCO AD CEARA'

(Conclusão da página 8)

Esse conformismo oriental, essa miséria sem ideal, essas condições de vida anti-humanas é que precisamos de ser melhoradas. Os romancistas e sociólogos do Brasil já as puseram em equação. Resta agora aos políticos bem orientados não somente por técnicos mas por uma coisa mais profunda, como o sentido de uma solidariedade humana verdadeiramente cristã, resolvê-las. E preciso que um dia de sol mais humano brilhe para a gente do campo porque de lá, contrariando a própria geografia astronômica, virá a aurora da nossa redenção econômica.

A "IMPERATRIZ"

J. MELLER

Mantém permanentemente grande estoque de tecidos nacionais, estrangeiros, modas e sombrinhas.

RUA DA IMPERATRIZ, 101

Telefones n.º 2453

End. Teleg: Meller

Recife - Pernambuco

COMPANHIA MINAS E EXPLORAÇÕES DE RESERVAS METÁLICAS

Edifício SUL AMERICANO, 11.º andar - Rio de Janeiro

FUNDADORES E INCORPORADORES:

Diretor - Presidente General de Divisão J. M. Franco Ferreira, Engenheiro Militar; Diretor-Técnico Industrial — Dr. Iracy Igalara, Engenheiro Civil; Dr. Alfredo Aloo, advogado, comerciante e industrial;



Prof. Dr. Sebastião do Rêgo Barros, jurista; Dr. Mauro Lima e Silva, médico; Sílvio Tude, comerciante e industrial; Dr. Nivaldo Marcondes Paraná, advogado e industrial; General de Divisão José Vieira da Rosa, geólogo.

Para qualquer informação, dirija-se à COOP. BANCO DO NORDESTE, LTDA.

MINERAÇÃO E INDÚSTRIA BÁSICA DO CROMO

MAR DE MEIAS

RISSINI & CIA.

Meias — Perfumarias — Bolsas — Guarda-chuvas — Sombriinhas — Artigos para homem — Artigos para presente — Miudezas. —

MATRIZ:

IMPERATRIZ, 140
Telefone: 2419

Filial:

Livramento, 43 — Fone: 6955
End. Teleg.: Mardemeias
RECIFE

Revelação de Lula Cardoso Aires

(Conclusão da página 6)

mbora tendo a animá-los a fidelidade à gha-
rada "cor local". Nada mais falso. Lula dá
esses motivos uma vida de intensidade má-
ima, integrando-o logo com as nossas mais
uras reações sentimentais. O mistério de suas
res e a sua técnica diferente de planos e
municacões leva-nos a imediata identidade
em alguns de seus quadros. Sentimo-nos den-
o deles e extranhamente sentimos que já pen-
samos, algum dia, nesses quadros que vemos
ela primeira vez, que esses quadros teriam
e ser pintados para atender a dominados e
e lentos apelos nunca correspondidos das pro-
priedades do nosso ser.

Não é uma lembrança da infância, o que
gora nos chega suavemente. É uma volta
ela mesma, por caminhos que quase se ex-
nguem à proporção do nosso avanço para
ntular as possibilidades de regresso. Lula Car-
do Aires leva-nos a um "país" onde desejaría-
os ficar, como se as suas telas se transfor-
assem, para isso, no "tapete mágico" das
díl e uma noites".

Nenhum documentário melhor nesse senti-
do que o "Menino e os bois". O sonho ino-
ante da criança rural adquire aí uma expres-
são inenarrável de beleza, colorido e poesia.
É um "dia de juízo" para os currais infantis,
com as trombetas invisíveis no vale de Jo-
fá e um sópro divino anima o barro na forma
que "viveram" nas feiras do interior de
ernambuco—o gado zebú, de brinquedo, tão
morisado e indomável em nossas mãos de me-
mo. A boiada anima-se toda e vem descendo
ladeira, bois de todas as cores, verdes, ama-
dos, encarnados, e à frente, de "agulhoada"
n punho, o pequeno boeiro orgulhoso e domi-
ador.

Interpretações dessa categoria vamos ain-
a encontrar nos "Cavalinhos", na "Lavadeira",
e formas ausentes dos corpos das moças, pre-
ntes nas roupas dançando na corda, ao sol
ppical, no "Pastoril" e na "Saída da Missa",
dois últimos onde a riqueza dos tipos é qual-
er coisa de raro e de surpreendente.

Contudo, sem sufocar esse amor quase fi-
co à terra, os trabalhos mais recentes de Lula
ardoso Aires ajustam-se a outros gênero de

O Problema da Solidariedade nas Sociedades Mercantis

(Continuação da página 15)

rante o credor, cada um dos sujei-
tos passivos da obrigação o deve-
dor único, o responsável pela to-
talidade da obrigação, ainda sen-
do esta divisível". (Pág. 284).

E, noutro passo, TITO FULGENCIO assi-
nala que, com o texto, o legislador condena

"formalmente qualquer interpreta-
ção que vise autorizar o benefício
de divisão, manifestamente contra-
dição com a natureza mesma da
solidariedade passiva, que consiste
em subtrair o credor à necessidade
de fracionar o processo". (Pág. 285).

4) — Ora, se a doutrina é assim uniforme

*

pintura, ao gênero que poderíamos chamar his-
tórico, porque refere-se à vida dos escravos no
Brasil, e não histórico porque nenhum quadro
ficará na galeria das simples reconstituições.
Em telas como "Negros sofrendores", Lula Car-
do Aires reflete todo o drama das senzalas
com um gênio que, na pintura, lembra, em
certos pontos, o de Castro Alves, na poesia.
mesmo nos seus poemas mais fortes da cam-
panha da abolição. Não se trata, assim,—e nem
era possível esperar tão grosseiro clichê—da
exibição de negros seviçados para impressio-
nar com os instrumentos de suplício ao lado.
Nesses quadros a dor humana talvez no paro-
xismo vem do próprio "ambiente" dos enge-
nhos, da cor dos gestos e das "fácias" de suas
figuras, e é com esses quadros que Lula Car-
do Aires vai afirmar-se um dos maiores pin-
tores do seu tempo.

no acentuar estes aspectos e decorrências da
solidariedade passiva, caso é de se examinar se
tais circunstâncias ocorrem nas sociedades mercan-
tiais.

Tomemos por campo de investigação pre-
cisamente aquele tipo de sociedade em que,
consoante o ensinamento unisono da doutrina,
mas avulta o princípio da solidariedade: — a
em nome coletivo.

Relembremos que a lei mesma (art. 316)
dispõe que a firma social, assinada por qual-
quer dos sócios gerentes,

"obriga todos os sócios solidaria-
mente para com terceiros".

Evocemos, a respeito, a lição de nosso
mais autorizado comercialista, J. X. CARVA-
LHO DE MENDONÇA, para quem

"o que imprime o caráter distinti-
vo, próprio da sociedade em nome
coletivo é a responsabilidade ilimita-
da e solidária dos sócios para com
terceiros pelas obrigações contraí-
das em nome da sociedade, figurem
ou não os nomes destes sócios na
firma ou razão social. (Opus cit.,
vol. III, n. 694, pág. 153).

E, acentuando o rigor do princípio, assera
logo a seguir (n. 695, págs. 153/4):—

"A responsabilidade ilimitada e ao
mesmo tempo solidária é da es-
sência das sociedades em nome co-
letivo. Daí a seguinte consequên-
cia: — seria nula ou inoperante pa-
ra com terceiros qualquer cláusula
que, no contrato, libertasse, di-
reta ou indiretamente, um ou mais
sócios da responsabilidade, pessoal
indefinida ou excluisse a solidaria-
dade para com terceiros, ou a li-
mitasse a certas categorias de obri-
gações sociais, por mais conheci-
da que fosse a cláusula, em razão

A BELA AURORA DO RECIFE

Tem o prazer de convidar
os noivos e as Exmas. fa-
mílias em geral a visitarem
os seus 40 apartamentos ar-
tisticamente mobiliados com
móveis finos de todos os es-
tilos, importados diretamente
dos melhores fabricantes do
sul do país.

Pregos ao alcance de todos

Vitem-na e peçam
orçamentos sem com-
promisso.

Imperatriz, 217

Fone: 2058
RECIFE

da publicidade do registro do co-
mércio".

Desnecessário será dizer que não há vozes
discrepantes. Todos os juristas seguem as pe-
gadas do insigne mestre, repetindo que a fei-
ção primordial da sociedade em nome coletivo
está na responsabilidade irrestrita e solidária
dos sócios, pessoalmente considerados, em face
a terceiros, pelas obrigações contraídas em
nome da sociedade.

E essa noção está de tal modo arraigada
no espírito de quantos têm versado o assunto,
que INGLEZ DE SOUZA, no seu projeto de
código comercial, preferiu dar às sociedades em
nome coletivo a denominação de "solidárias",
por melhor avultar a oposição delas às limi-
tadas.

5) — Como conciliar, porém, o rigor dos
princípios respeitantes à solidariedade passiva
com a circunstância, aliás acentuada pelo pró-
prio J. X. CARVALHO DE MENDONÇA (opus
cit., ns. 693 e 724, págs. 152 e 171), de que o
patrimônio social "é a garantia primeira e ex-
clusiva dos credores sociais", e de que,

(Conclue no próximo número)

A Uma Voz TODOS PROCLAMAM



A EXCELÊNCIA DOS PRODUTOS
Pomar

SUCO DE MARACUJÁ - AGUARDENTE DE CANA - AGUARDENTE DE ALCATRÃO
AGUARDENTE DE LIMÃO - LARANJINHA - BATE-BATE

Fábrica e Depósito: Rua São João, 340 — Recife

Sacos de
Algodão
para Açúcar,
Sal e Cereais

COTONIFÍCIO
JOSE' RUFINO

Escritório:
EDIFÍCIO BANCO AUXILIAR
Sala 48 -- Recife

MOVELARIA CARIOCA

Bortman, Naslavsky & Cia.

Imperatriz, 182 — Fone: 3659

Filial:
A NOVA EXPOSIÇÃO
Imperatriz, 179
Móveis MAIDA do Paraná

● Depositários e vendedores ex-
clusivos para o Estado de Per-
nambuco das Poltronas para Ci-
nema. Móveis para escritório, in-
cluindo arquivo de madeira (mo-
dêlo aço). Carteiras escolares
CIMO e os afamados pianos
ESSENFELDER

End. Teleg.: "Móveis"
RECIFE

COMPANHIA INDUSTRIAL PIRAPAMA

FÁBRICA DE TECIDOS

Luz e Fôrça das cidades de
Escada e Vitória

ESCADA - PERNAMBUCO

Escritório em Recife:

Rua 1.ª de Março, 25

Edif. B. Auxiliar do Comércio
5.º andar — Salas 58 e 59

Caixa Postal, 561

End. Teleg.: PIRAPAMA

Telefone: 6699

O Professor Que Não Reprovava...

A I por 1934, o autor desta reportagem, ainda pré-calouro de Direito, à sombra minguada de um poste de bonde, teve o seu primeiro contacto com Gervásio Fioravanti. Ambos esperavam o veículo, já então, como agora e por todo o sempre, regularmente atrasado, e o velho e bojudor professor puxou conversa com o adolescente, por um pretexto qualquer ou sem pretexto algum, como costumava fazer com todo mundo. Meses depois, topava-o com examinador de História no exame vestibular da Faculdade, tendo passado uns dois ou três minutos diante dele, enfrentando-lhe a verve e as perguntas de algebrá. O exame — diga-se a verdade — era uma espécie de corrida de quinze minutos, de uma ponta a outra da comprida cátedra, ao fim da qual, após cinco ou seis obstáculos de pequena altura, chegava-se, suado e satisfeito, ao limiar da grande pista do curso, igualmente folgado... Gervásio era um obstáculo brincalhão e risoso e, depois de pregar alguma peça, "absolvía" irremediavelmente o examinando. Dizemos irremediavelmente porque aprovar era uma espécie de lema de toda a sua vida. Chega-se até a atribuir essa magnanimidade a um fato, que não conseguimos esclarecer devidamente: Gervásio concordava com a decisão de uma banca da qual fazia parte, de reprovação de um aluno; este, desgostoso, suicidou-se. Gervásio fez voto perpétuo de aprovação.

mo a consagração de toda a sua existência, dos seus méritos, do seu valor como homem e como jurista. Viu-se, nesta cerimônia, um espetáculo emocionante: seu corpo foi carregado pelos mais humildes funcionários da Escola. Depois, veio a saber-se que assim se dera, em parte, por disposição de última vontade do próprio morto que, além dessa manifestação de amizade pelos simples e pobres que o cercavam, deixou uma pequena importância em dinheiro para cada um deles.

Hoje, há um retrato de Gervásio Fioravanti na galeria dos professores falecidos da Faculdade de Direito do Recife e o seu nome pertence à história gloriosa do famoso centro universitário. A par de tantos outros, mais recentes ou já recuados, vive na memória dos que ali professam a ciência do Direito, como parte daquela atmosfera e elemento daquela fisionomia, que é uma fusão de mil fisionomias. A sua lembrança, ali, é tão viva e recente que ao repórter, que lá foi recolher elementos para estas notas, o trabalho era apenas estender a mão ou, menos simbolicamente, apurar o ouvido...

Melhor, mesmo, do que os próprios professores, poderiam fazer a reconstituição psicológica de Gervásio os funcionários da Escola, que ali se detêm mais tempo do que aqueles e tinham tido, talvez, maior contacto com ele. Armando, o veterano bedel, decano de sua profissão ali dentro e que acompanhou numerosas turmas, de muitas das quais saíram



A fisionomia inteligente e bonachona de Gervásio Fioravanti

nos alguns elementos para esta reportagem.

O político

— Quando entrei para a Fa-

culdade, em 1911, como bedel (hoje inspetor de alunos), já lá encontrei Gervásio. Estávamos numa das mais agitadas fases da vida política pernambucana, em plena campanha danlista e a esta facção pertencia ele, adepto que era do partido de Martins Júnior, José Mariano e do Barão de Lucena. Assim, antes de conhecê-lo propriamente como professor e de o ter como amigo, conhecí-o como político, atividade a que emprestava as grandes qualidades de orador e ardoroso combatente. Amigo do dr. Manuel Borba, foi eleito deputado federal no governo deste, a cujo lado ficou quando do seu rompimento com Dantas Barreto. Deixando a política, voltou aos labores da Faculdade em 1918. Foi a partir dessa época que nos aproximamos. Meu pai, o general João Batista de Vasconcelos Cabeleira, pertencia ao partido de Mar-

tinista Júnior e isto contribuiu para essa aproximação e para a estima e grande admiração que sempre votei ao velho Gervásio. Mas o motivo principal estava nele mesmo, na sua imensa simpatia e na sua comunicabilidade, que dele fazia uma "alma aberta", votada à comunhão e à compreensão humanas. Para assim ser, é preciso ter uma eterna juventude de espírito, e Gervásio a tinha. Era um estudante entre os estudantes e, certamente, em melhores condições psicológicas do que muitos deles.

— Aquêle seu "xexêu" não canta! Não serve nem para "chama", quanto mais para gozeir nesta gaiola de ouro... Tudo indica, porém, segundo a tradição, que o "xexêu" ficou na gaiola.

Outra ocasião, uma pequena turma de alunos estava em banca para fazer uma matéria em segunda época. A intenção dos examinadores era (como não?) aprová-los todos. Gervásio, sincero e liberal, numerou dois papéisinhos: primeiro ponto, segundo ponto. Um professor mais rigoroso interveio:

— Gervásio, bota ao menos os dez pontos!

E Gervásio: — Se eles não sabem os dois, como vão saber os dez?

Uma das características de Gervásio Fioravanti era o seu grande amor à Faculdade. Tendo um professor — conta Armando — sofrido uma agressão por parte de um delegado de polícia arbitrário, Gervásio logo se pôs ao lado do colega e, à frente de um punhado de alunos, foi ao governador, exigindo a reparação da afronta. A autoridade foi demitida. E na campanha liberal de 1930, quando os policiais agrediam os estudantes nas ruas, quebrando-lhes as "cartolinhas", Gervásio verberava esses desmandos e era o maior defensor dos estudantes, inclusive nas reuniões da Congregação.

Aulas que eram poemas

Criminalista profundo, tendo sido nomeado professor substituto em 1896 e catedrático em 1907, após memorável concurso em que apresentou a tese "De reincidência no Código Penal", elogiado pelo grande tratadista italiano Allimena, as suas aulas eram um encanto. Quando descia às particularidades da Medicina Legal, era como se

estivesse dando uma aula de medicina. Começava as preleções suavemente, familiarmente, em tom de conversa. Depois ia se entusiasmando, tocando de poesia as palavras e a aula se transformava num poema.

E Armando põe à nossa disposição o livro "Mestres e Discípulos", em que Ulisses Lima, da turma "centenária" (1827), escreveu, entre outros, o perfil de Gervásio Fioravanti Pires Ferreira, em que se refere ao elogio de Allimena:

Este, citado foi por Allimena,
E tem, de fato, um nome
[consagrado
que, através do Brasil, fulgura
laureado,
— imposto pelo Verbo... e
{pela Pena.
Criminalista... Ele a ninguém
[condena...
E é pela mocidade idolatrado!
Deixando-o... quem não sei
[penalisado,
Ele que tanto nos falou da
[pena?

Vate harmonioso, éle é o cantor
[dos Meses:
Hoje (os Anos...) faz versos
[raras vezes,
Se o permitem Garófalo e
[Lombroso.

Mas, da Palavra um vigoroso
[atleta,
Hoje o jurista ainda não mata
[o Poeta,
Mesmo a estudar o crime... e
[o criminoso.

Amigo dos humildes

O servente Anísio Viana, atualmente exercendo a função de inspetor de alunos do terceiro ano equiparado, em rápida conversa despreziosa, nos dá o seu depoimento, que qualquer um dos seus colegas subcreveria:

— Era um grande amigo de nós todos. Sempre que precisávamos de alguma coisa, inclusive de ajuda financeira, iamos a ele e nunca nenhum deixou de ser atendido. Gervásio (fora das vistas, os funcionários tratam familiarmente os professores) morava aqui pertinho, nas proximidades do atual Quartel General, num sobrado. Quando um de nós ia a sua casa, a serviço ou em outra
(Conclue na 2.ª pag.)

*Amor de Mãe. Estou cego e sou o negro
No perfume das flores, ainda o sou
Só, igual a si mesmo, não se cansa
Fidel como o Destino 'e ser balnear
— Será amor ou frustração?*

*Morrange a honestidade no infamante
E a apórese adusta fulminada...
A florista geme, luto se assombra
Puro he de apore dar a quella sombra?
— Amor e Paz —*

12 9 929

Versos no álbum da srta. Asta Vasconcelos L. ago, filha do antigo bedel Armando, por ocasião da morte da esposa deste

1935 — último porque a ele se substituíram os concursos de habilitação — já o velho e querido professor de Direito Penal se despedia daquela escola, a que tanto se entregara, a ponto de se identificar com ela: com a sua vida, com os seus faustos, com a sua crônica. Pouco depois, em 1936, morria. E o seu entéro valeu co-

eminentes figuras do meio social pernambucano e brasileiro, Armando de (Vasconcelos), que há alguns meses deu interessante entrevista a um dos nossos jornais sobre seus trinta e cinco anos da Faculdade e que está sempre pronto para falar das "virtudes intrínsecas" dos sujeitos "inacessíveis" que conheceu ou conhece, fornecenu-

culdade, em 1911, como bedel (hoje inspetor de alunos), já lá encontrei Gervásio. Estávamos numa das mais agitadas fases da vida política pernambucana, em plena campanha danlista e a esta facção pertencia ele, adepto que era do partido de Martins Júnior, José Mariano e do Barão de Lucena. Assim, antes de conhecê-lo propriamente como professor e de o ter como amigo, conhecí-o como político, atividade a que emprestava as grandes qualidades de orador e ardoroso combatente. Amigo do dr. Manuel Borba, foi eleito deputado federal no governo deste, a cujo lado ficou quando do seu rompimento com Dantas Barreto. Deixando a política, voltou aos labores da Faculdade em 1918. Foi a partir dessa época que nos aproximamos. Meu pai, o general João Batista de Vasconcelos Cabeleira, pertencia ao partido de Mar-

Gordura e jovialidade

Armando entra a referir alguns fatos do grande anedotário que deixou Gervásio Fioravanti, à maneira de um seu irmão espiritual e temperamental da "boêmia dourada" carioca dos começos do século, Emílio de Menezes, com ele parecido em tantas coisas, desde a veia poética e o talento epigramático até o volume físico... O cronista Z, do "Diário de Pernambuco", procurou mostrar, um dia desses, a relação entre a jovialidade e a gordura, e citou Oliveira Lima. Embora haja nessa aproximação um bocadinho de fantasia, Gervásio Fioravanti valeria como um exemplo, se fatos isolados conseguíssemos invalidar argumentos...

O "xexêu" que não cantava

Eis algumas dessas histórias. Certa vez, Luiz Estevão de Oliveira recomendou à Dona-

Preço deste exemplar: CR\$ 2,00

VELHO TEMA

Gervásio Fioravanti

SE em vez da boca o coração falasse,
Quanto martírio não se pouparia?...
Quanta coisa que a gente, se contasse,
Quando contasse, já não sofreria!

És beia, és doce, chamas-te Maria;
És todo um sonho! Não há'i quem trace
Tanta coisa do céu, tanta harmonia,
No olhar, na fronte, no sorrir, na face.

E, no entretanto, deixas-me sofrendo!
Nem desta máguca que me está matando
Queres saber e deixas-me morrendo!...

Eu já nem sei de frase que narrasse
Todo o martírio que me vai minando...
Se em vez da boca o coração falasse!...

(Das "Horas Marianas", ed. especial, Imprensa Industrial, Recife, 1927. Citado por Clóvis Beviláqua, ao falar do autor, em sua "História da Faculdade de Direito do Recife").

LIVRARIA do GLOBO

BARCELLOS, BERTASO & CIA — PORTO ALEGRE

Distribuidores para o Nordeste:
J. FERREIRA DE OLIVEIRA
Rua da Imperatriz
RECIFE